

Life of Christ
By: Arless Glass

VIDA DE CRISTO

Escrito Por Arless Glass

Overseas Ministries Training Series
Direitos Reservados

ÍNDICE

Introdução		3
Suplemento	à Introdução	22
Capítulo 1	O Advento do Messias	25
Capítulo 2	A Anunciação	30
Capítulo 3	A Infância de Jesus	35
Suplemento	dos capítulos 2 e 3	41
Capítulo 4	Os Anos de Silêncio em Nazaré	43
Capítulo 5	João Batista	49
Capítulo 6	A Iniciação	53
Capítulo 7	A Manifestação de Cristo	61
Suplemento	do capítulo 7	65
Capítulo 8	Primeiro e Breve Ministério na Judéia	67
Capítulo 9	Êxito em Samaria	71
Capítulo 10	O Começo do Ministério na Galiléia	76
Capítulo 11	O Primeiro Circuito de Pregação na Galiléia	81
Capítulo 12	A Grande Controvérsia a Respeito do Sábado	88
Capítulo 13	A organização do Reino	93
Capítulo 14	A Segunda Campanha Missionária na Galiléia	99
Capítulo 15	Um Dia Ocupado na Vida de Jesus	105
Capítulo 16	O Terceiro Circuito de Pregação na Galiléia	118
Capítulo 17	A Crise na Galiléia	123
Capítulo 18	Na Costa de Terras Gentias	130
Capítulo 19	A Grande Confissão	135
Capítulo 20	A Transfiguração	140
Capítulo 21	A Volta Para Cafarnaum	145
Capítulo 22	O Ministério em Jerusalém	155
Capítulo 23	A Campanha Final na Judéia	164
Resumo	Cronológico dos Capítulos 22 e 23	174
Capítulo 24	Iniciando O Ministério na Perdia	177
Capítulo 25	Jesus Ressuscita Lázaro - Sua Retirada Para Efraim	185
Capítulo 26	A Última Jornada Para Jerusalém	189
Resumo	Cronológico Capítulos 24 a 26	199
Capítulo 27	O Messias dos Judeus e o Salvador do Mundo	202
Capítulo 28	O Ministério dos Últimos Dias	207
Capítulo 29	O Grande Discurso Profético de Cristo	216
Capítulo 30	A Última Ceia Pascal e a Primeira Ceia do Senhor	222
Capítulo 31	As Últimas Ordens Aos Discípulos	230
Capítulo 32	A Prisão e Julgamento de Jesus	237
Capítulo 33	A Crucificação	247
Capítulo 34	A Ressurreição	255

OS QUATRO EVANGELHOS

Certo homem comprou um mapa de seu país em forma de quebra-cabeça. Levando-o para casa, ele o deu aos filhos para montar. Nenhum deles conseguiu fazê-lo, até descobrirem que dentro do mapa havia uma figura de um homem. Quando juntaram as peças para fazer a figura do homem, o mapa estava perfeito.

Assim é o mapa da revelação conhecido como a Bíblia. Apesar de ter muitas partes, a Bíblia, no entanto, é um todo.

Entre os assuntos que podem ser encontrados nela, temos:

1. A Educação Cristã
2. A História do Antigo Testamento
3. O Evangelho Pessoal
4. A Doutrina Pentecostal
5. A História da Igreja
6. A História do Novo Testamento, etc.

A chave para a sua construção é Aquele que se chama "O FILHO DO HOMEM" e "O SENHOR DOS CÉUS".

Qualquer tentativa de estudar e reconstruir este mapa celeste, sem o devido respeito pelo "Senhor dos céus", só resultará em confusão. Ele é a porta através da qual o homem deve passar para alcançar um conhecimento e percepção mais profundos do mistério da vida. O Cristianismo tem dado muita ênfase ao serviço e, especialmente, ao método, e assim perdeu o seu real motivo, poder e visão. Jesus pode conduzir-nos a uma experiência mais profunda do sublime! Ele nos conduzirá à presença do Deus vivo, se assim nós o deixarmos. (João 14:6; I Timóteo 2:5)

O propósito desta classe será desvendar, tanto quanto possível, o retrato maravilhoso do divino Salvador, o Senhor Jesus, o Cristo dos Evangelhos. Veremos Jesus como homem. Nos evangelhos, quatro títulos são dados a Jesus. Ele é Filho de Davi, o Filho de Abraão, o Filho do Homem e o Filho de Deus. Todos estes títulos são necessários e essenciais:

1. Como o Filho de Davi, Ele tem o título para receber o trono de Davi.

2. Como o Filho de Abraão, Ele tem o título da terra da Palestina e tudo que foi incluído na Promessa Real a Abraão.
3. Como o Filho do Homem, Ele tem o título da terra e do mundo.
4. Como o Filho de Deus, Ele é o herdeiro de todas as coisas.

Também veremos Jesus como o Deus forte.

I. A ESPERANÇA MESSIÂNICA DE ISRAEL:

A. Os profetas, desde o princípio, anunciaram a vinda do messias que introduziria um novo dia.

1. A Eva, Deus prometeu que a semente dela esmagaria a cabeça da serpente (Gênesis 3:15).
2. Da linhagem de Sem (Gênesis 9:27) — "*Habita Ele (Deus) nas tendas de Sem.*" ...isto é, "*Dos seus lombos saíria o Cristo, e, na sua semente, a igreja teria continuidade... e da linhagem de Abraão* (Gênesis 22:18), saíria o Messias.
3. Jacó previu que o Messias seria da tribo de Judá (Gênesis 49:10).
4. Um profeta semelhante a Moisés (Deuteronômio 18:18).
5. Mais tarde, foi revelado que Ele nasceria de Jessé, e muitos do Salmos o descreveram (Salmos 22, 110), revelando a natureza de Seu reino (Salmos 72).
6. Em Isaías, o Servo Sofredor é descrito (Capítulos 40-46) como aquele que havia de fazer propiciação (o meio pelo qual a reconciliação entre Deus e o Homem é efetuada) pelo pecado de Seu povo — O DEUS FORTE SE FAZENDO SACERDOTE E INTERCESSOR PELO SEU POVO.
7. Nascendo em Belém, Ele teria um precursor, e de repente viria ao Seu Templo (Malaquias 3:1; 4:5).

B. A Esperança Messiânica de Israel estava em um rei temporal como messias!

1. No capítulo 1 dos Atos, os discípulos perguntaram: "*Senhor, será este o tempo em que restaures o reino de Israel?*"
2. Os sermões dos apóstolos, no livro dos Atos, apresentam Jesus como o Messias e interpretam a sua vida e morte à luz das Escrituras do Antigo Testamento.

II. POR QUE A TERRA DE ISRAEL — PALESTINA?

A. O portão do mundo antigo.

1. As grandes estradas que ligavam as antigas civilizações passavam pela Palestina (Israel).
 - a. A Grande Estrada Costeira.
 - b. A Estrada das Águas Divididas (Berseba, Hebrom, Belém, Jerusalém, Betel e Siquém. Depois continua por Megido, e até Tiro e Sidom).
 - c. A Estrada Real.
2. Foram estas as estradas usadas pelos cristãos que levaram o Evangelho ao mundo conhecido.

III. HÁ DIVERSAS FONTES DE ONDE TIRAMOS NOSSO CONHECIMENTO DE JESUS CRISTO.

A. A literatura pagã

B. Escritores judeus

1. Josefo — autor da famosa obra "As Guerras dos Judeus" e "A História dos Judeus", entre outras. Tinha muito medo de falar de Jesus, sendo que só podia falar de coisas boas.

- a) Desculpa-se da crucificação e diz que foi devido ao julgamento injusto dos saduceus (Josefo era fariseu).

C. Fontes cristãs:

- 1. Os quatro Evangelhos
- 2. Tanto as Epístolas de Pedro como as de Paulo são baseadas e edificadas em Jesus Cristo.

IV. OS QUATRO EVANGELHOS SÃO A NOSSA PRINCIPAL FONTE DE INFORMAÇÃO!

- A. Os primeiros três são chamados "os sinópticos", (significando que os três têm um ponto de vista paralelo. Semelhantes em conteúdo, ordem e linguagem).**

- B. Comparando os primeiros três, ou seja, os evangelhos sinópticos, Mateus, Marcos e Lucas, notamos que os três concordam na sequência geral dos eventos, tanto como no conteúdo.**

- 1. Marcos foi o primeiro a ser escrito, e assim seu livro serviu como esboço cronológico para os livros de Mateus e Lucas.
 - a. Três quartos do evangelho de Mateus são duplicata de Marcos, e onze doze avos de Marcos é duplicado em Mateus, da mesma, ou em forma levemente diferente.
 - b. Três quartos do livro de Marcos também são encontrados em Lucas.
 - c. A matéria que se encontra somente em Marcos constitui no todo, menos de um capítulo, encontrada nas seguintes passagens: Marcos 4:26-29; 14:51-52.
 - d. De um total de 88 incidentes, os sinópticos têm 71 em comum.
 - e. O plano geral e a sequência de eventos nos três são os mesmos.

C. Há certas diferenças:

1. Nos incidentes — mais ou menos 17
2. Ligeiras diferenças nas narrativas dos mesmos acontecimentos, na sequência das tentações de Jesus.
3. Algumas diferenças verbais nas passagens paralelas.

D. O quarto evangelho, o de João, não é biográfico, e sim, argumentativo.

V. POR QUE QUATRO EVANGELHOS?

Muitos motivos já foram apresentados pelos estudiosos do passado e do presente, e quatro é o número de alcance mundial, global... Os quatro cantos, quadrantes da terra; os quatro ventos, etc. Em geral apresentamos as seguintes razões:

A. Na época em que foram escritos os quatro evangelhos, havia três grandes grupos nacionais envolvidos nos acontecimentos mundiais: os romanos, os gregos e os judeus.

Cada um desses grupos tinha o seu próprio remédio para os males do mundo.

B. Os quatro evangelhos foram escritos a esses grupos, revelando-lhes que Jesus Cristo tinha e tem o único remédio.

Não há conflitos ou discórdias entre os Evangelhos, como alguns imaginam. Cada um escreveu tendo em vista um propósito específico. Cada um dá um retrato diferente do Senhor Jesus Cristo.

VI. O EVANGELHO DE MARCOS É HOJE RECONHECIDO COMO O MAIS ANTIGO DOS QUATRO, ESCRITO ANTES DE 65 D. C. EM ROMA:

- A. Provavelmente, representava mais exatamente o curso e a sequência dos incidentes na vida de Jesus e serviu como um esboço cronológico para os escritores dos outros evangelhos.**
- B. É o mais simples e mais curto dos evangelhos, mas é extremamente rico em detalhes, dramático em apresentações e animado em estilo.**
- C. Marcos retrata de maneira vívida os feitos poderosos, os olhares e os gestos de Jesus na linguagem comum do povo.**
- D. O propósito de Marcos em escrever é preeminentemente prático:**
 - 1. Foi escrito especialmente para impressionar os seus leitores, os práticos Romanos. Sabemos isto porque:
 - a. Há poucas referências às escrituras do Antigo Testamento.
 - b. As palavras judaicas são frequentemente explicadas (veja Marcos 3:17; 5:41; 7:11, 34), e também explica costumes judaicos (veja Marcos 7:3; 14:12; 15:42).
 - c. As palavras latinas são usadas com frequência (como legião, centurião, etc.).
 - 2. A nota tônica do livro reflete-se na natureza enérgica e impulsiva de Pedro, tornando-o admiravelmente apropriado ao cidadão romano que era altamente empreendedor, homem de ação.
 - a. Comumente chamado "O Evangelho de Pedro", ...a influência de Pedro se vê nos seguintes detalhes ou pontos:
 - 1) Os muitos detalhes gráficos, evidências de testemunha ocular.
 - 2) A energia nervosa da narrativa, característica do temperamento de Pedro.
 - 3) Duas passagens (9:5, 6 e 11:21), que refletem

- diretamente o próprio pensamento de Pedro.
- 4) O fato de ser escrito do ponto de vista dos doze e, mais frequentemente do que o Evangelho de Mateus, do ponto de vista dos três apóstolos mais chegados, um dos quais era Pedro.
 - 5) A omissão de algumas coisas favoráveis a Pedro (Mateus 16:16-19) e a inclusão de algumas coisas não favoráveis (Marcos 8:33; 14:30, 68-72) indica a influência de Pedro.
3. Há alguns sinais indicativos de que Marcos não escreveu o seu Evangelho até depois da morte de Pedro. Possivelmente tenha sido a falta de Pedro que levou o escritor a escrevê-lo.
 - a. Foi escrito não muito depois das terríveis perseguições que começaram sob o governo de Nero — Muitos cristãos foram crucificados como zombaria da morte de Jesus; alguns foram costurados em peles de animais, enquanto cães ferozes os atacaram; outros foram queimados como tochas flamejantes para o prazer de Nero.
 - b. Quando nós lemos o Evangelho considerando esta catástrofe sangrenta como fundo, podemos entender porque ele deu tamanha ênfase aos sofrimentos de Jesus e a razão pela proeminência que dá à paixão de Jesus.
 4. O retrato que apresenta é do Senhor Jesus como Servo, ou como Trabalhador Ideal.
 - a. O romano comum pouco se importava com doutrina ou ensino, mas era admirador de ação. Por isso, neste Evangelho, grande ênfase é dada aos feitos do Senhor, e pouca às Suas palavras.
 - 1) Marcos registra 19 milagres e somente 4 parábolas.
 5. Ele descreve as atividades de Jesus e a oposição que Ele encontrou desde o princípio, que foi aumentando, até o fim trágico.

- a. Em onze ocasiões, o Senhor retirou-se temporariamente para escapar da fúria dos seus inimigos.
6. Marcos também fala do entusiasmo crescente e da fé de muitos, apesar desta oposição.
7. O versículo chave é Marcos 10:45 "*Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.*"

E. O plano do livro é cronológico, geográfico e tópico. A sua mensagem é apresentar Jesus como Servo. É repleto de incidentes, mas podemos distinguir cinco divisões claras:

1. O aparecimento e a identidade do Servo (1:1-11).
 - a. Não há genealogia e nem menção do Seu nascimento e infância. Importantes como são esses eventos não seriam apropriados na descrição de um Servo.
 - b. Ele é um Servo para todos, não somente para os judeus.
2. A Fidelidade do Servo (1:12-13)
 - a. Somente neste livro é registrado que Ele "estava com as feras" na sua tentação. (Note I Samuel 17:34-36).
 - b. Nesta tentação o divino Servo foi leal.
3. O Servo Trabalhando (1:14 - cap. 13)
4. O Servo obediente até a morte (Cap. 14 e 15)
 - a. Como o boi, pronto tanto para o serviço como para o sacrifício. Ele fez as duas coisas.
5. O ressurreto e glorificado ainda como Servo (Cap. 16).
 - a. Ele ressuscitou! E a sua ressurreição pode ser vista à luz do serviço.
 - b. Notem a força e o significado das palavras "e a Pedro" no verso 7.
 - c. Observem o verso 20. Ele ainda é o Servo, trabalhando em cooperação com Seus servos (Hebreus 2:1-4).

F. O Evangelho de Marcos é segundo o que "o olho viu", porque nele vimos Jesus no seu ministério público, satis-

fazendo as necessidades dos homens pelos Seus feitos poderosos.

1. Mas há muito mais que se pode saber de Jesus, e isto se encontra principalmente nos outros dois Evangelhos que contam, além do que "o olho viu", ou que "o ouvido ouviu".

VII. O EVANGELHO DE MATEUS — O SEGUNDO DOS QUATRO EVANGELHOS ESCRITOS:

A. Foi colocado em primeiro lugar no Novo Testamento porque vincula Jesus ao Antigo Testamento. Apresenta Jesus como o cumprimento da Lei, Profecia e Sabedoria do Antigo Testamento.

1. O Evangelho de Mateus tem sido chamado "O livro mais importante da cristandade."
 - a. Foi o Evangelho mais lido na Igreja primitiva.
2. Se não fosse pela autoria deste livro, Mateus seria o menos conhecido de todos os apóstolos, porque, depois de sua chamada, não há registro de nenhum ato ou palavra dele nos evangelhos.

B. Sendo escrito principalmente para os judeus, ele tentou provar para eles que Jesus era o Messias profetizado nas escrituras hebraicas. Consequentemente o Antigo Testamento é citado com muita frequência.

1. Os versículos-chave são Mateus 1:1 e 27:37
"Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão."

"Por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS."

C. A palavra característica é "Cumprido".

1. Mateus faz nada menos que 60 referências aos escritos do Antigo Testamento, como sendo cumpridos em Cristo.

D. O retrato que Mateus dá de Jesus é o de Rei.

1. A palavra "Reino" se encontra 55 vezes, "Reino dos céus", 32 vezes, e "Filho de Davi", 7 vezes.

E. Jesus é também apresentado como Mestre, e o Seu poder profético e miraculoso é salientado.

F. O propósito de Mateus é o de mostrar que o Reino dos Céus, proclamado por Jesus, não era algo novo, e sim o cumprimento de uma esperança antiga... Jesus, o Filho de Davi, é o verdadeiro Messias!

1. Ele e o reino foram primeiramente "oferecidos aos judeus, para a sua aceitação, como uma advertência das consequências da rejeição", e os eventos que conduzem à Sua Paixão são relatados para mostrar que, apesar dessa advertência, eles deliberadamente rejeitaram tanto o Rei como o Reino.

G. Tem sido sugerido que o propósito imediato deste Evangelho visava salvar a fé dos cristãos judeus numa crise particular, possivelmente a destruição de Jerusalém por Tito.

1. Era tempo de provação de fogo para os cristãos judeus.
 - a. Todos os sinais da vinda do Senhor aparentemente haviam se cumprido, no entanto, ainda não se manifestou.
 - b. Teria sido possível que eles estivessem enganados, e que ele não era o Cristo?
2. O Evangelho de Mateus é um apelo para que todos os vacilantes na fé confiassem no Rei. Ele pode ainda tardar, mas é tudo o que os cristãos pensavam que Ele era.
 - a. Ele é a esperança de Israel e o cumprimento das profecias; a verdadeira Semente de Abraão, o maior que Moisés, o verdadeiro Filho de Davi, o Juiz Final de seu povo e do mundo.
 - b. As provas que Seu povo estava encontrando eram, na

verdade, Suas provas estendidas no tempo; as controvérsias com os fariseus eram Suas controvérsias continuando-as..., permitindo então resistir, como Ele resistiu!

H. Há nove divisões principais no livro de Mateus:

1. O Nascimento do Rei (Cap. 1 e 2)
 - a. O Senhor Jesus é o último na história judaica cuja descendência da linhagem real de Davi pode ser plena e claramente estabelecida.
2. O Precursor do Rei - O Mensageiro do Rei (Cap. 3).
3. O Rei submetido à prova (Cap. 4:1-11)
 - a. Jesus encontrou e venceu o tentador, recusando-se a buscar o reino por outro meio, a não ser pelo plano de Deus.
 - b. O primeiro Adão caiu no Éden, cercado com os confortos humanos. O segundo Adão vence no deserto, Seu corpo enfraquecido pela Sua prolongada abstinência.
4. A Proclamação do Rei (Cap. 4:12-25)
 - a. O Reino de Deus é composto de todos os que se submetem a Ele, e a entrada para o Reino é pelo Novo Nascimento (João 3). O Reino dos Céus é o estabelecimento visível do Reino de Deus sobre a terra.
5. As Leis do Rei e do Reino (Cap. 5 e 7)
6. O Ministério do Rei (Cap. 8 — 11:19)
 - a. O Rei ativamente trabalhando, curando e ensinando entre o Seu povo, Israel.
7. A Rejeição do Rei (Cap. 11:20 a 20)
 - a. Jesus dá a profecia a respeito do estabelecimento da Igreja.
 - b. Dá a Pedro as chaves do Reino dos Céus.
 - 1) Não há outro lugar na Bíblia onde Jesus dá tanta autoridade ao homem.
8. A Entrada do Rei (Cap. 21-25)
 - a. A entrada oficial do Rei na Sua cidade e a rejeição

final e pública.

9. A Morte e a Ressurreição do Rei (Cap. 26-28)
 - a. Jesus foi morto porque se declarou Rei.
 - b. O rasgar do véu (27:51) seguiu o rasgar do coração de Jesus Cristo.
 - c. A Grande Comissão dada aos onze discípulos.

VIII. LUCAS, O TERCEIRO EVANGELHO, É A NARRATIVA DE TUDO O QUE JESUS COMEÇOU NÃO SOMENTE A FAZER, MAS A ENSINAR, ATÉ O DIA EM QUE FOI ELEVADO ÀS ALTURAS:

A. Chamado o "Livro mais lindo que já foi escrito."

1. A melhor introdução ao livro é o prefácio do próprio autor. (Lucas 1:1-4)
2. Lucas era gentio, um grego, chamado por Paulo "O Médico Amado".
3. Lucas é o registro mais completo da vida de Jesus.

B. As características do Evangelho de Lucas:

1. É o Evangelho Universal — Descreve Jesus como O Salvador de todos os homens. O que busca os perdidos entre todos os povos. Aquele através de quem "toda a carne verá a Salvação de Deus."
 - a. É o Evangelho em que Jesus declara a Sua missão de "pregar o evangelho aos pobres", em que se nos conta a Sua associação com publicanos e pecadores, em que os Doze são mandados a pregar "o arrependimento e a remissão dos pecados, EM SEU NOME, a todas as nações."
 - b. É neste Evangelho que nós encontramos as parábolas que fazem soar uma nota universal: O Bom Samaritano, A Dracma Perdida, A Ovelha Perdida, O Filho Pródigo, além de histórias como a do Fariseu e o Pu-

- blicano, e a do Homem Rico e Lázaro.
2. É o Evangelho que mais claramente apresenta o caminho da Vida de Jesus.
 - a. Salienta com nitidez as características da vida cristã, sendo uma delas a abnegação; outra, a oração (há mais referências à oração neste Evangelho do que em qualquer outro).
 - b. É neste Evangelho que Jesus é mais explícito na apresentação das condições para ser discípulo. (Lucas 14:26, 27, 33).
 3. É preeminentemente o Evangelho dos jovens.
 - a. Conta a história da infância e juventude de Jesus. Fala mais sobre homens jovens que qualquer outro Evangelho.
 4. É, num sentido especial, o Evangelho das Mulheres.
 - a. Desde o princípio até o fim, destaca mais as mulheres do que qualquer outro Evangelho.
 - 1) Somente Lucas nos conta, em detalhes, a história de Isabel e Maria, quando deram à luz; de Ana, a anciã profetisa, das mulheres que ministravam para Jesus (Maria Madalena, Maria e Marta de Betânia) e das mulheres que simpatizavam com Jesus quando este ia a caminho da cruz.
 5. Mas a nota mais característica deste livro, é a sua maneira de apresentar o evangelho, A mensagem de Boas Novas.
 - a. Nenhum outro evangelho deixa tão claro quanto o de Lucas, que o Evangelho é a Boa Nova do Amor de Deus.
 - 1) Somente no Evangelho de Lucas temos as três parábolas das coisas perdidas que foram restauradas: a ovelha, a moeda e o filho.
 - 2) Apresenta um retrato do amor de Deus que não encontramos em outra passagem qualquer das Escrituras.
 - b. Jesus ensinava que Deus vê de antemão as necessida-

des de Seus filhos (Lucas 12:30), que Ele se interessa pelos mínimos detalhes de nossas vidas (12:7); que Ele responde rapidamente ao seu clamor por ajuda (11:9-13) e que Ele é bondoso e amoroso até para com os ingratos e misericordioso para com os pecadores (6:35).

C. O fato de que este livro foi preparado para os gregos, nos dá a chave para o entendimento da sua mensagem.

1. A ideia grega de varonilidade e dignidade perfeitas era muito diferente da dos romanos.
 - a. O romano considerava como sua missão governar, ao passo que o grego considerava como sua a de educar, elevar e aperfeiçoar o homem.
 - b. O ideal do romano estava na glória militar e autoridade governamental, mas o ideal do grego era a beleza e a sabedoria.

D. O retrato que Lucas traça de Jesus, é o de um homem perfeito, o homem ideal, aquele que mais satisfaz as mais elevadas ideias dos gregos.

1. Ele fala da divindade de Jesus, mas a ênfase está na humanidade perfeita de Cristo.
2. O Seu caráter, como revelado no Evangelho, é intensamente humano, como veremos durante o seu estudo.
3. Ele é tanto "Filho do Homem" como "Filho de Deus."

E. O versículo chave é Lucas 23:47 *"Vendo o centurião o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Verdadeiramente este homem era justo."*

F. O Livro de Lucas se divide em cinco partes:

1. O Homem (feito semelhante aos seus irmãos Hebreus 11:7) (Lucas 1 a 3).
 - a. Tornou-se como um de nós, na Sua descendência de Adão, a origem de toda a humanidade.

- b. Foi como nós, no relacionamento humano comum, em todas as suas obrigações e responsabilidades.
 - c. Foi semelhante a nós, em nossa vergonha de pecado, pelo elo do batismo.
2. O Homem (tentado como nós, em tudo, Hebreus 4:15) — (Lucas 4:1-13).
- a. Lucas vê a tentação do ponto de vista humano:
 - 1) O diabo desafiou o primeiro Adão; o segundo Adão desafiou o diabo.
 - 2) O diabo arruinou o primeiro homem; o diabo foi vencido pelo Homem Cristo Jesus.
 - 3) O primeiro Adão envolveu a raça inteira na sua derrota; o último Adão incluiu a raça inteira na Sua vitória.
3. O Homem (compadecido das nossas fraquezas, Hebreus 4:15) (Lucas 4:14 a 19:28).
- a. O Senhor Jesus como:
 - 1) O Homem de interesses largos e cosmopolitas. Narra incidentes que mostram o interesse dEle em todo o gênero humano e não somente nos judeus.
 - 2) O Homem de Sabedoria, como revela-nos o Seu ensino.
 - 3) O Homem de Habilidade.
 - 4) O Homem de Simpatia Humana:
 - a) Pelos caídos e desprezados.
 - b) Pelos que choram a falta de seus entes queridos desaparecidos.
 - c) Pelos desesperados e abatidos
 - d) Pelos doentes de corpo e espírito.
 - 5) O Homem de Oração
 - 6) O Homem Sociável
 - 7) O Homem de Perfeição e de Glória

Podemos notar o forte elemento humano em todas as parábolas de Lucas.
4. O Homem (nosso Resgatador parente , nos remindo) (Lucas 19:28 - Cap. 23).

- a. Como patriota, chorando sobre Jerusalém
 - b. Como nosso resgatador parente, nos comprando de volta. (veja Levítico 25:47-55; Rute 2; 3:10-18; 4:10).
5. O Homem (ainda como homem na Ressurreição e na Glória da Ascensão) (Lucas 24).
- a. O homem que andava no caminho de Emaús com dois discípulos.
 - b. Como homem comendo no cenáculo, mostrando a Sua humanidade ainda perfeita (Cap. 24:39)
 - c. A Salvação só vem através do HOMEM Cristo Jesus.

NOTE: O livro começa e termina com regozijo, e tudo por causa de Jesus!

IX. JOÃO, O QUARTO EVANGELHO, DÁ A AUTO-REVELAÇÃO DE JESUS AO MUNDO E, MAIS INTIMAMENTE, AOS SEUS DISCÍPULOS:

- A. Foi escrito e publicado em Éfeso, a pedido do apóstolo André e de alguns bispos da Ásia, para combater certos erros prevaletentes a respeito da divindade de Cristo.**
- B. A Palavra Chave é "Crer"**
1. Neste Evangelho Jesus Cristo é apresentado como Aquele em quem devemos crer; nas epístolas de João, Aquele que devemos amar; e, no Apocalipse, de João, Aquele em quem devemos esperar.
 2. Crer em quê? Que Jesus é o Deus Forte em carne! (Cap. 8:24; 14:11)
- C. O versículo chave é 20:31 "Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome."**

D. Duas peculiaridades podem ser notadas:

1. O uso do nome "judeu" somente uma vez se encontra em Mateus, duas vezes em Marcos, duas vezes em Lucas, porém, mais que 60 vezes no Livro de João.
2. Há somente oito milagres ou mais propriamente sinais, registrados, todos revelando o poder das palavras de Jesus. Há grande poder na Sua Palavra em si mesma.

E. O retrato de Jesus que Ele traça para nós é de "Deus manifestado na carne", "O unigênito do Pai."

1. João mostra o que foi que convenceu homens e mulheres de todas as classes que "Jesus é Deus!"

F. O livro se divide em cinco partes

1. Jesus, Deus manifestado na carne, tornando-se o Filho, pelas Suas obras e palavras (Cap. 1:1-14)
 - a. Este livro começa como o livro de Gênesis
2. Jesus, revelado como Filho de Deus, o Deus Forte, pelas Suas obras e palavras (Cap. 1:15 - Cap. 12) (João revela o que convenceu o povo de Sua divindade):
 - a. João Batista descobriu a divindade de Jesus por ocasião do Seu batismo (Cap. 1:33).
 - b. Natanael foi convencido pelo fato de Jesus possuir onisciência. (Cap. 1:48, 49)
 - c. Os discípulos foram convencidos pelo primeiro milagre, a água transformada em vinho. (Cap. 2:11)
 - d. Quando Ele limpou o templo e fez muitos milagres que não foram registrados, muitos entre os judeus O reconheceram como divino. (Cap. 2:23)
 - e. Jesus revelou-se a Nicodemos como divino (Cap. 3:1-16)
 - f. João Batista deu quatro testemunhos maravilhosos a respeito dEle (Cap. 3:25, 26)
 - g. Jesus revelou-se à mulher samaritana como divino

- (Cap. 4:26)
- h. Os samaritanos O aceitaram como divino (Cap. 4:41-42)
 - I. O oficial do rei foi convencido da divindade de Jesus, quando descobriu que a Sua palavra era tão eficaz quanto a Sua presença (Cap. 4:53)
 - j. A oposição se levantou quando Ele referiu-se a Deus como Seu Pai (Cap. 5:17, 18)
 - k. Muitos foram convencidos da Sua divindade pelo milagre da multiplicação dos pães (Cap. 6:14)
 - l. Note especialmente (João 6:35; 8:12 - 58; 10:9, 11; 11:25; 14:6; 15:1), Jesus declara-se a revelação completa do Grande "EU SOU" do Antigo Testamento.
 - m. Jesus revela a Sua divindade ao homem curado (9:35-38)
 - n. A confissão de Marta (11:27) e a ressurreição de Lázaro revelam a Sua divindade (11:45)
 - o. Jesus foi finalmente confessado como divino pelos judeus (12:12-19) e pelos gentios (12:20)
 - p. Note quem O enviou (12:44-45)
3. Jesus, o Filho de Deus, o Deus Forte, revelando-se mais claramente aos Seus (Cap. 13-17).
- a. Ele se manifestou aos Seus discípulos mais claramente, para que as suas convicções quanto à Sua divindade fossem aprofundadas e estabelecidas.
 - b. Veja Mateus 11:27 e João 14:8-10
4. Jesus, o Filho de Deus, morto (Cap. 18-19)
- a. Note o efeito causado quando Jesus revelou a Sua divindade ao dizer: Sou eu. (18:6)
 - b. Segundo João 19:7, Ele foi morto, não porque se declarou Rei, mas porque disse ser o Deus de Israel!
5. Jesus, Sua reivindicação à divindade plenamente confirmada pela ressurreição (Cap. 20 e 21) (Romanos 1:4)
- a. Note João 20:28

G. Jesus fala de Deus como "Pai" mais de cem vezes neste livro.

1. Completamente diferente de quando foi mencionado no Antigo Testamento.
 - a. Uma única vez "Pai" é mencionado com "P" maiúsculo em Isaías 9:6.
 - 1) Minúsculo (p) — pai na criação
 - 2) Maiúsculo (P) — Pai na redenção
2. "Pai" e "Filho" são termos que falam da relação entre a divindade (Espírito) e a natureza humana (Filho).

SUPLEMENTO À INTRODUÇÃO

I. POTÊNCIAS MUNDIAIS DOS TEMPOS BÍBLICOS:

Seis grandes governos dominaram o mundo de antes de Cristo. Cada qual esteve ligado, de um ou outro modo com a história bíblica.

- A. O Império Egípcio — 1570 — 1200 a. C.**
Período da permanência de Israel no Egito. Aí Israel cresceu, de 70 almas para 3.000.000.
- B. O Império Assírio - 883 - 612 a. C.**
Destruíu o reino do Norte de Israel (as 10 tribos), em 721 a. C. e cobrou tributo de Judá (as duas tribos do Sul).
- C. O Império Babilônico - 605 - 530 a. C.**
Destruíu Jerusalém; levou Judá ao cativeiro. O cativeiro judaico acompanhou todo o Império.
- D. O Império Persa 539 - 331 a. C.**
Consentiu que os judeus voltassem do cativeiro e os ajudou a se reinstalarem como nação.
- E. O Império Grego - 331 - 146 a. C.**
Governou a Palestina no período entre o Antigo e o Novo Testamento.
- F. O Império Romano - 144 a. C. a 476 d. C.**
Governava o mundo quando Cristo apareceu. Em seus dias a Igreja foi fundada.

II. A PREPARAÇÃO PARA CRISTO

O Antigo Testamento é a história de como Deus tratou a nação judaica com o fim de, por meio dela, trazer ao mundo um Messias para todas as nações. O Antigo Testamento é uma espécie de hino triunfal do Messias vindouro. Começando piano, com notas esparsas e indistintas, à medida que o tempo avança, expande-se num crescendo até atingir a tonalidade clara, vibrante, robusta e exultante do Rei que se aproxima. Entrementes, Deus, em Sua providência, preparava as nações. A Grécia uniu as civilizações da Ásia, Europa e África, e estabeleceu uma língua universal. Roma fez do mundo inteiro um império só; as estradas romanas tornaram acessíveis todos os seus pontos. A dispersão dos judeus entre as nações, com suas sinagogas, suas Escrituras, sua religião, seu monoteísmo, fizera conhecida em toda parte a expectativa deles por um Messias. Foi assim que Deus preparou o caminho para a propagação do Evangelho de Cristo entre as nações.

“Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos...” (Gálatas 4:4-5).

Sob Constantino, 326 d. C. a cidade veio a ser importante centro cristão. Permitia-se aos judeus entrarem na cidade uma vez por ano. Jerusalém caiu em poder dos maometanos em 437 d. C. e, exceto por uns 100 anos, no período das cruzadas, permaneceu como cidade muçulmana até 1917, quando voltou ao domínio da cristandade.

Em 1967, na “Guerra de Seis Dias”, os judeus (reunidos de vários lugares e morando no novo país judaico, criado após a Segunda Guerra Mundial), tomaram novamente conta da cidade, pela primeira vez em quase 2.000 anos.

“Cairão ao fio da espada e serão levados cativos para todas

O ADVENTO DO MESSIAS

O nascimento de Jesus foi um advento. A Sua vida não começou por ocasião do seu nascimento, como acontece com o homem em geral. Ele entrou no mundo, vindo de um estado de pré-existência numa missão especial.

I. O ESTADO PRÉ-EXISTENTE DE JESUS CRISTO E A SUA ENCARNAÇÃO (João 1:1-18)

A. O Mistério de Deus:

1. Mistério é uma verdade revelada por Deus acima do poder da razão natural de descobrir ou compreender. (Uma verdade, conhecida somente pela fé ou revelação, e incompreensível à razão humana.)
2. No Novo Testamento, “mistério” significa uma verdade, ou um propósito de Deus, oculto desde a fundação do mundo até um tempo determinado. (Veja Gálatas 4:4).
3. O Mistério: “*Deus foi manifestado em carne!*” (João 1:1, 14; I Timóteo 3:16)

B. A Descrição da Palavra (João 1:1, 2; I Timóteo 3:16)

1. João nos conduz até antes do começo da criação para nos mostrar quem é Jesus!
 - a. Ele usou a terminologia dos filósofos. Eles usavam o termo “Logos” como o que compreendia o primeiro.
 - 1) Os filósofos gregos arguíram que entre cada coisa pode haver aquele pensamento ou conceito, que eles chamam “Logos.”
 - b. Os judeus aceitavam a teoria, a filosofia, mas penetravam mais profundamente. Diziam: “É verdade que atrás de tudo há um pensamento, mas atrás de cada pensamento, deve haver alguém que pense!”
 - c. Foi neste sentido que João usou a palavra dos filósofos gregos “Logos”, a palavra que em português se traduz “Verbo.”

- 1) “No princípio era o Logos e o Logos estava com Deus e o Logos era Deus.”
- d. Então, continuou até o ponto principal do argumento e declarou que “o Logos”, “o pensamento”, “a razão”, se fez carne e habitou entre nós, e nós vimos a Sua glória.
- e. Para melhor esclarecer poderíamos substituir a palavra “Verbo” por “plano.”
 - 1) No princípio era o Plano e o Plano estava com Deus e o Plano era que Deus se manifestaria na carne e habitaria entre nós e que nós veríamos a Sua glória.
- f. Deus, o Deus forte, se vestiu de carne, diz João, e veio a este mundo em forma humana, e nós “O temos visto com os nossos próprios olhos... e as mãos apalparam, “e falamos com Ele, e Seu Nome é Jesus! (I João 1:1-3).

II. A LINHAGEM DO MESSIAS PROMETIDO (Mateus 1:1-17; Lucas 3:23-38):

- A. **O objetivo de introduzir a genealogia de Jesus nas curtas narrativas dos evangelhos, era o de mostrar: a Sua descendência real de Davi, como o Messias das profecias hebraicas; e a Sua relação com toda a raça humana, destacando-a desde o princípio.**
 1. Mateus, escrevendo para os judeus, interessava-se naturalmente em mostrar que Jesus era da linhagem real de Davi, portanto traça a descendência de Davi, desde de Abraão, o pai da raça prometida, até José marido de Maria, da qual nasceu Jesus.
 - a. Mateus traça a descendência através de José, porque a descendência real sempre vem pelo lado do pai.
 2. Lucas mostra que Jesus pertence a toda a humanidade. Era chamado (mas não era) o filho de José, daí Lucas tra-

ça a genealogia no seu Evangelho, através de Maria.

- a. Note Lucas 3:23 "...Jesus... como se cuidava, filho de José, filho de Heli." Compare com Mateus 1:16.
 - 1) Heli era pai de Maria, sogro de José. Jacó era pai de José.
 - b. Lucas escreveu para os gentios e mostra Jesus como o homem ideal, filho de Adão, filho de Deus.3. A genealogia de Mateus foi colocada no princípio de seu Evangelho, a fim de estabelecer o fato da origem real de Jesus, antes de introduzir qualquer outro fato relativo a Sua vida.
4. A genealogia de Lucas entra como parêntese (depois da história do nascimento e infância de Jesus e do ministério de João Batista), para introduzir o ministério salvador de Jesus.
 5. Mateus dá o registro oficial de família, notando os nascimentos sucessivos em ordem (começando com Abraão).
 6. Lucas começa fixando toda atenção em Jesus, a pessoa de suprema importância na narrativa e Salvador de toda a humanidade, com o qual Ele está identificado pela genealogia apresentada, mas em ordem contrária à dos registros oficiais. (Ele começa com Jesus e termina com Adão e Deus).
 7. A genealogia de Mateus é da realeza.
 8. A genealogia de Lucas é a de descendência natural, de sangue.
 9. Mateus dá os nomes de quatro mulheres na lista, de maneira contrária a todo costume judeu (Tamar, Raabe, Rute e Bate-Seba).
 - a. Note: Três destas eram culpadas de pecados graves e duas eram estrangeiras.
 - b. Mateus não simplesmente transcreveu estes nomes dos registros, mas selecionou-os de propósito. Os nomes destas mulheres identificam Jesus com as divisões naturais de raça e sexo e com a humanidade pecaminosa, como o Salvador.

10. Alguns dos homens desta lista eram pecadores notórios. A sua presença na genealogia e na linhagem de Jesus é um raio de esperança para a raça pecadora.
 - a. Jesus viveu sem pecado apesar das desvantagens da hereditariedade.
 - b. Como todos os homens, teve que lutar contra as tendências comuns a todos os homens, e venceu!
 - c. Mateus rebateu ao orgulho dos judeus, os mesmos fariseus que recentemente rejeitaram Jesus, como sendo indignos e merecedores da morte. Jesus era superior ao melhor dos seus antepassados, até mesmos dos da linhagem real!

B. O Nascimento Virginal de Jesus é Protegido nas Genealogias.

1. Mateus 1:16, *“E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo.”*
2. Lucas 3:23, *“Ora, tinha Jesus cerca de trinta anos ao começar o seu ministério. Era, como se cuidava, filho de José, filho de Heli.”*
 - a. João 6:42, *“E diziam: Não é este Jesus, o filho de José?”* No pensamento popular do povo, Jesus era filho de José, pela descendência física.
3. Note: Jeremias 22:28-30; Mateus 1:12

C. Marcos não deu qualquer importância à genealogia de Jesus. Ele mais se preocupava com o resultado prático da vida de Jesus. O leitor Romano não pensaria ser importante a descendência. As grandes obras de Jesus haveriam de mostrá-lo como Deus Forte, isto era o mais importante.

D. Mateus definiu o Seu lugar na raça hebraica e a mais larga esperança Messiânica.

E. João tratou do mundo filosófico e definiu o lugar de Jesus no esquema cósmico, portanto, ele nos conduz às eterni-

dades para explicar quem é Jesus; que Ele era e é o Seu Criador e Redentor.

F. Lucas trata de vincular Jesus à raça inteira, sem respeitar as divisões de raça, nacionalidade, sexo ou classe social.

A ANUNCIAÇÃO

Houve três anúnciões que proclamaram a vinda do Messias-Rei.

I. A ANUNCIAÇÃO A ZACARIAS DO NASCIMENTO DE JOÃO, O PRECURSOR DE JESUS (Lucas 1:5-25):

A. A anúncião a Zacarias aconteceu no tempo de Herodes, O Grande, que morreu em 4 a. C.

B. Duas vezes por ano, Zacarias ia de sua casa a Jerusalém para participar por uma semana das incumbências sagradas do serviço do Templo.

1. O Sumo-Sacerdócio tinha estado bem organizado depois do retorno da Babilônia. Nesse tempo havia 20.000 sacerdotes. Aproximadamente 50 eram designados (utilizados) cada dia. Queimar o incenso era considerado o mais alto privilégio de todo o ministério e somente uma vez na vida podia ser exercido. Coube a Zacarias por sorte entrar no Santuário, para realizar esta alta tarefa.

C. Naquele momento de intensa expectativa, a suprema hora de toda a sua vida sacerdotal, enquanto a nuvem de incenso, símbolo da oração aceita, começou a subir, apareceu-lhe o Anjo Gabriel.

1. Os judeus não criam na intervenção do anjo neste lugar. Se acontecesse, não seria na esquerda do trono da glória — mas à direita do altar de incenso.
2. Zacarias ficou grandemente turbado. Pela tradição dos judeus ninguém podia ver a Deus e viver.
3. O anjo o acalmou de seus temores e revelou que as suas orações haviam sido ouvidas — o filho de muitas orações seria chamado “João” (que quer dizer, o Senhor é Gracioso).

- a. Também disse que haveria prazer e alegria naquele lar quieto de piedade e esperança e muitos se regozijariam com o nascimento da criança.

D. O anjo explicou o caráter e a obra desse filho. (Lucas 1:15-17)

1. Ele seria grande diante do Senhor, um nazireu por toda a vida, tal como foi Samuel antes dele, dedicado a uma vida de temperança, e seria cheio do Espírito Santo desde o ventre materno.
2. Ele provocaria um grande avivamento religioso, convertendo muitos dos filhos de Israel ao Senhor Seu Deus.
3. Ele seria o Precursor do Messias, indo “adiante dele no espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos” num avivamento de amor e religião no lar.
4. Os pecadores rebeldes e desobedientes; Ele os conduziria pela persuasão a vidas de reta conduta, preparando assim o povo para a salvação que seria trazida pelo Messias

E. Zacarias duvidou; por isso, foi condenado a viver em silêncio.

II. A ANUNCIAÇÃO DO NASCIMENTO DE JESUS À VIRGEM MARIA (Lucas 1:26-38):

A. Ela tinha entre 15 e 18 anos, e tanto ela como José eram da linhagem real.

B. A saudação do Anjo Gabriel: “Salve! agraciada: o Senhor é contigo.”

1. Ela seria bendita entre todas as mulheres, por lhe ser permitido ser mãe do Senhor e Salvador.
 - a. Ainda que possamos admirá-la e honrá-la, não podemos adorá-la ou orar a ela.

b. A mãe merece a nossa honra, mas Jesus a nossa adoração!

C. Ele então anunciou a concepção e nascimento de um filho, a quem ela devia chamar pelo nome de JESUS (Jeová-Hoshea, ou Jeová-Salvador.)

1. Josué libertou Israel dos seus inimigos; Jesus o liberta dos seus pecados.

D. Gabriel descreve o caráter da criança prometida.

1. Ele seria grande em caráter e obra e seria reconhecido como "Filho do Altíssimo".

2. Nele, a esperança Messiânica seria cumprida, e Ele se assentaria no trono de Davi, reinando sobre a casa de Israel para todo o sempre.

3. O Seu Reino não teria fim temporal e nem limite nacional.

III. A VISITA DE MARIA E O CÂNTICO DE ISABEL (Lucas 1:39-45):

A. Ao chegar Maria e saudar Isabel, esta ficou possuída do Espírito Santo e exclamou em alta voz, num êxtase espiritual, pronunciando uma bênção sobre a visitante e a criança prometida.

B. Ela reconheceu a fé de Maria, assegurando-lhe o cumprimento da promessa do anjo-mensageiro.

C. Este cântico de Isabel é o primeiro dos hinos (cânticos) do Novo Testamento.

IV. O MAGNIFICAT (OU HINO DE LOUVOR) DE MARIA (Lucas 1:46-56):

A. Maria ficou possuída de grande alegria, que ela expressou num dos mais lindos cânticos dos séculos.

1. Maria louvou a Deus pela Sua grande bondade para com ela pessoalmente, em permitir-lhe ser a mãe do Messias.

V. O NASCIMENTO DE JOÃO BATISTA E O CÂNTICO DE ZACARIAS (Lucas 1:57-80):

A. As últimas palavras de Zacarias no Templo foram palavras de dúvida; as primeiras palavras após o seu forçado silêncio, foram palavras de fé e um cântico de louvor.

1. Somente uma estrofe do seu cântico refere-se ao nascimento de João Batista; as outras referem-se, com ações de graça e louvor, ao nascimento próximo de Jesus e à salvação que Ele traria.

VI. A ANUNCIAÇÃO A JOSÉ (Mateus 1:18-25):

A. Tanto a genealogia de Mateus como a de Lucas declaram que Jesus era “como se cuidava, filho de José”, e não que era realmente o filho segundo a carne.

1. O caráter sobrenatural de Seu nascimento é agora declarado tão explicitamente que não deixa lugar para dúvidas.

B. A anunciação a José era uma necessidade.

1. “Não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo”. Aqui temos uma clara declaração da concepção miraculosa.

C. Jesus não teve pai humano. Teve, sim, uma mãe humana. Somente assim Ele podia ser Deus-Homem.

D. Mateus interpreta tanto o nascimento como o nome de Jesus, como o cumprimento do propósito de Deus como manifestado na profecia de Isaías 7:14.

1. Jesus não era somente o penhor (garantia) da libertação divina, mas Ele era na realidade um Salvador Divino.
2. O nome, Emanuel (Deus Conosco) foi realizado de uma maneira mais completa do que era possível a Isaías compreender.
3. O real significado do nascimento de Jesus é que Ele era e é Deus manifestado ou encarnado, o Deus-homem!
4. Jesus Cristo é:
 - a. Tanto Deus como homem numa pessoa.
 - b. Tanto mortal como imortal numa pessoa.
 - c. Tanto visível como invisível numa pessoa.
 - d. Tanto presente como onipresente numa pessoa.
 - e. Tanto limitado como ilimitado numa pessoa.
 - f. Tanto material como imaterial numa pessoa.
 - g. Ele é Deus manifestado na carne!

A INFÂNCIA DE JESUS

MARCOS estava mais interessado na personalidade e nas obras de Jesus do que no lugar e na maneira de Seu nascimento. LUCAS quis dar um relato mais completo de Sua vida e acrescentou a bela narrativa de Sua linhagem, nascimento e o anúncio aos humildes pastores judeus. MATEUS tratou de ligar a pessoa do Messias com as antigas profecias e deu um relato independente. Lucas dá o testemunho de diversas testemunhas divinamente escolhidas que proporcionaram uma interpretação de importância mundial para o Seu nascimento. Mateus ainda acrescenta, ao testemunho de interesse mundial, a apresentação dos Magos, a fuga para o Egito e a volta para Nazaré, em cumprimento do plano de Deus como revelado na profecia.

I. O MARAVILHOSO NASCIMENTO VIRGINAL (Lucas 2:1-7):

- A. É difícil fixar mais do que o ano aproximado da data do nascimento de Jesus. A data, afinal de contas, não é fundamentalmente importante.**
- B. Há muitas evidências de que Jesus tenha nascido no ano 5 antes de Cristo (5 a. C.). A morte de Herodes ocorreu em 4 a. C., Jesus nasceu enquanto Herodes ainda vivia (Mateus 2:1-6).**
- C. O mês e o dia são ainda desconhecidos, mas é mais provável que tenha acontecido entre abril, perto do tempo da Páscoa, e outubro, o período mais comum de ter os rebanhos pastando nos campos abertos.**
 - 1. O dia 25 de dezembro é a data da festa pagã Romana de Saturnália, quando os romanos se entregavam à festança e orgias; era o período que também não era considerado próprio para fazer guerra, e os amigos davam presentes uns aos outros.**

- D. O recenseamento deveria ser feito em todo o Império romano, devendo cada um ir à sua própria cidade, a fim de alistar-se.**
1. Maria e José, sendo ambos descendentes da família de Davi, foram à sua cidade natal, Belém, cidade de Davi.
- E. Lá, no estábulo da hospedaria, Maria deu à luz à criança Maravilhosa e a colocou na manjedoura. É simples assim a declaração dos Evangelhos do maior de todos os acontecimentos da história (Lucas 2:7).**
- F. Toda a profecia do Antigo Testamento apontava à cidade de Belém como o lugar do nascimento do Messias. A providência divina pode ser vista através das circunstâncias históricas que trouxeram o humilde casal à sua cidade natal nesse tempo (Veja Miqueias 5:2).**
1. Jesus é verdadeiramente o Messias! A história demonstra este fato
 - a. Ele derrubou a parede de preconceitos nacionais e fez da religião monoteísta (doutrina que admite um só Deus) dos judeus, a herança comum de todas as nações.
 - b. Ele era e é o Homem-Ideal e o Exemplo para todos os homens. A Sua doutrina tem penetrado o pensamento de toda a humanidade. Nascido nas circunstâncias mais humildes e usando os métodos mais improváveis, Ele se tornou o maior fator para o levantamento espiritual da humanidade através de todos os tempos subsequentes.
- G. Não existe evidência nenhuma contra o nascimento virginal no Novo Testamento.**
1. Por aceitar o nascimento virginal, não somos obrigados a crer na concepção imaculada ou na virgindade perpétua de Maria. Pela mais natural interpretação, a palavra "primogênito" significa que Maria teve outros filhos, que

nasceram de sua união com José. A palavra "primogênito" é a tradução da palavra grega "prototokos". No grego nunca significa "um filho único" e sim, o "primeiro entre os outros filhos." Os Evangelhos falam de quatro irmãos e pelo menos, duas irmãs (Mateus 13:55-56); Marcos 6:3).

II. O LOUVOR DOS ANJOS E A HOMENAGEM - ADORAÇÃO DOS PASTORES (Lucas 2:8-20):

A. O caráter extraordinário da infância de Jesus é atestado não somente pela manifestação do sobrenatural na visita angelical e nos milagres terrenos, mas também pelas mais fidedignas testemunhas humanas.

1. Os humildes pastores judeus que guardavam os seus rebanhos de noite nos campos próximos à Belém.
2. Havia uma crença popular de que o Messias havia de se manifestar desta "torre do rebanho" (Miqueias 4:8). Segundo o Mishna, os rebanhos que pastavam nesses campos eram destinados a se tornarem sacrifícios no templo.
3. A mensagem dos anjos (Lucas 2:10-12) (Note: "Cristo, o Senhor!")

III. A CIRCUNCISÃO E APRESENTAÇÃO NO TEMPLO E A HOMENAGEM DE SIMEÃO E ANA (Lucas 2:21-38):

A. A lei de Moisés rigorosamente observada na vida do menino Jesus (Mateus 3:15)

1. Circuncidado ao oitavo dia, segundo a aliança (Gênesis 17:12; Levítico 12:3).
2. Nesta ocasião foi dado Seu nome, mais tarde tornando-se "filho da lei." (Gálatas 4:4).
3. Foi chamado Jesus - Jeová-Salvador.

- B. Havia em Jerusalém, quando Jesus foi apresentado, um homem piedoso chamado Simeão. Ele era justo em sua conduta perante Deus, reverente, em contraste com os fariseus, cheios de justiça própria, e guardava com paciência a vinda do Messias e Seu reino.**
1. A ele foi revelado pelo Espírito Santo que não iria morrer antes de ver o Cristo (Ungido) do Senhor.
 2. Movido pelo Espírito, ele entrou no Templo no momento que José e Maria entraram para apresentar Jesus ao sacerdote. Tomou o menino nos seus braços, com ternura e louvor a Deus.
 3. Enquanto outros O viam somente como um Messias-Rei temporal, Simeão o viu como o Redentor Sofredor.
- C. Ana — viúva de 84 anos, depois de contemplar a Jesus Cristo, falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção em Israel, dizendo que ela já viera!**

IV. A VISITA DOS MAGOS AO REI RECÉM-NASCIDO (Mateus 2:1-2):

- A. Uma das mais fortes provas de ser Jesus o Messias foi a homenagem dos gentios e a expectativa universal que prevalecia, não somente em Israel, mas também entre os outros povos, no tempo do seu nascimento.**
- B. Os magos eram sacerdotes-sábios, estudantes da ciência, especialmente da astrologia e religião, mas também, da filosofia e da ciência médica.**
- C. Vieram do Oriente para Jerusalém, provavelmente da Pérsia, Arábia, ou da Babilônia, perguntando onde teria nascido o Rei, porque a crença corrente da época apontava a Judeia como o lugar onde havia de nascer o Libertador do desespero que reinava universalmente quando Jesus nasceu.**

- D. A ideia de que os magos eram reis provavelmente surgiu de uma interpretação de Isaías 60:3 e Apocalipse 21:24. A ideia de serem três em número, é uma inferência das três dádivas apresentadas: ouro, incenso e mirra.**
- E. A sua visita era uma profecia de como no futuro o mundo gentio viria a buscá-lo para a salvação, trazendo para Ele as dádivas de riqueza e os talentos.**
- F. Herodes, o Grande, ficou muito alarmado quando ouviu as notícias dos magos.**
- G. Os magos acharam a Jesus. Prostrando-se perante Ele, o adoraram, dando-lhe as suas ofertas.**

V. A FUGA PARA O EGITO E A VOLTA À NAZARÉ (Mateus 2:13-23; Lucas 2:31):

- A. Mateus registra mais um acontecimento omitido por Lucas - a fuga para o Egito, e encontra nela o cumprimento de duas profecias.**
- B. O lugar de segurança mais próximo para onde José podia fugir com a família, era o Egito.**
 - 1. Mateus encontra nesta experiência de Jesus o cumprimento da Profecia, “Do Egito chamei o meu filho.” (Oseias 11:1)
- C. Quando Herodes soube que os magos tinham saído de Belém por outro caminho, vendo-se iludido em seu plano vil, enfureceu-se grandemente e fez um edito, mandando matar todos meninos de dois anos para baixo, tanto de Belém como de seus arredores.**
 - 1. Mateus encontra nesse acontecimento horrendo, o cumprimento de mais uma profecia (Jeremias 31:15).

D. Herodes, O Grande, morreu no ano 4 a. C., e mais uma vez o anjo do Senhor apareceu a José em um sonho no Egito, mandando-o levantar e levar o menino e sua mãe de volta para a terra de Israel.

Note: Sempre aparece nesta ordem: “o menino e sua mãe”, e nunca “a mãe e o menino.”

1. Acrescentou a informação de que “já morreram os que atentavam contra a vida do menino.”
2. Sendo advertido para não voltar a Belém para morar lá, retirou-se para as regiões da Galileia.
3. Assim, pela direção divina, José voltou para habitar em Nazaré.
 - a. Mateus encontra nesta circunstância o cumprimento de uma terceira profecia: “Ele será chamado Nazareno.” Provavelmente refere-se ao Salmo 22 e a Isaías 53.
 - b. Note: Ser chamado de Nazareno era termo de censura, e a profecia havia declarado que Ele seria “desprezado e o mais rejeitado entre os homens.” (Isaías 53)
4. Lucas diz que eles “voltaram para a Galileia, para a sua cidade de Nazaré.”

SUPLEMENTO AOS CAPÍTULOS 2 E 3

I. POR QUE CRISTO NASCEU 4 ANOS “ANTES DE CRISTO”?

Quanto Cristo nasceu contava-se o tempo, no Império romano, a partir da fundação da cidade de Roma. Quando o cristianismo se tornou religião universal do que, até então, fora o mundo romano, um monge chamado Dionísio Exíguo, a pedido do imperador Justiniano, fez um calendário, em 526 d. C., computando o tempo a partir do nascimento de Cristo, em substituição do calendário romano. Muito tempo depois que o calendário cristão substituira o romano, verificou-se que Dionísio cometera um engano ao colocar o nascimento de Cristo no ano 753 (da Fundação de Roma). Deveria ter sido 749 ou um ano ou dois mais cedo. Assim, a razão de dizermos que Cristo nasceu em 4 a. C. está somente nisto; quem fez o calendário Cristão cometeu um engano de 4 ou 5 anos, na coordenação dele com o calendário romano substituído.

II. CRONOLOGIA DO NASCIMENTO E INFÂNCIA DE JESUS:

Marcos e João não dizem nada sobre o nascimento e a infância de Jesus. Mateus e Lucas registram incidentes diferentes. Harmonizá-los e colocá-los em sequência cronológica exata não é fácil. Vão aqui datas aproximadas e prováveis:

5 a. C.	O Anúncio a Zacarias	Lucas 1:5-25
6 meses depois	O Anúncio a Maria	Lucas 1:26-38
	A Visita de Maria a Isabel	Lucas 1:39-56
3 meses	Maria Regressa a Nazaré	Lucas 1:56
	O Anúncio a José	Mateus 1:18-24
	O Nascimento de João Batista	Lucas 1:57-80
	O Nascimento de Jesus	Mateus 1:25; Lucas 2:1-7
	O Anúncio aos Pastores	Lucas 2:8-20
8 dias depois	A circuncisão de Jesus	Lucas 2:21
32 dias depois	A Apresentação de Jesus	Lucas 2:38
3 a.C.	A Visita dos Magos	Mateus 2:1-12
	A Fuga para o Egito	Mateus 2:13-15
	A Matança dos Meninos	Mateus 2:16-18
2 a.C. (?)	O Regresso a Nazaré	Lucas 2:39 Mateus 2:19-23

III. A EDUCAÇÃO DE JESUS:

Jesus teve uma mãe devota e sensata, que desde a mais tenra idade lhe ensinou as histórias e os preceitos do Antigo Testamento. Depois, havia escola anexa à sinagoga, na qual os meninos aprendiam as escrituras do Antigo Testamento e os escritos rabínicos.

IV. O ESPLENDOR DO SOBRENATURAL:

A intenção evidente dos evangelistas (escritores dos Evangelhos) foi mostrar que o cristianismo tivera uma origem sobrenatural. Predito de longa data, não se consumou sem que do céu viesse o anúncio de estar próximo o evento dos séculos. Jesus nasceu de uma virgem. Seu precursor nasceu de uma mulher estéril e já fora de idade de conceber.

Anjos anunciaram o fato a Zacarias, a Maria, a José e aos pastores e livraram a criança de ser morta. Magos, de terras distantes, foram guiados sobrenaturalmente para prestarem sua homenagem e providenciarem os meios para que o menino fugisse de Herodes. O Filho de Deus, o Filho de Davi, o Reino Eterno estava prestes a aparecer. Seria de estranhar se não tivesse havido nenhum sinal do sobrenatural.

OS ANOS DE SILÊNCIO EM NAZARÉ

Quase todos os anos da vida de Jesus foram passados na obscuridade. Depois do primeiro ano em que ocorreu a natividade e infância, a cortina desce e a narrativa evangélica passa em silêncio 26 anos, com a única exceção de um breve acontecimento quando, com a idade de 12 anos, Jesus visitou a cidade de Jerusalém com seus pais, por ocasião da festa da Páscoa.

I. UMA DECLARAÇÃO SIGNIFICANTE É FEITA POR LUCAS A RESPEITO DA INFÂNCIA DE JESUS, REVELANDO SEU CRESCIMENTO NORMAL FÍSICO, INTELECTUAL E ESPIRITUAL:

- A. “Crescia o menino e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre Ele.” (Lucas 2:40)**
- B. Que Ele teria de vencer as tendências humanas pertencentes à raça era inevitável.**
 - 1. Era um menino humano, sujeito a todas as condições humanas, mas perfeito em todas elas.
 - 2. O Salvador teria de ser o Homem Ideal.

II. JESUS CRESCIA NUM LAR EXCEPCIONAL:

- A. O pai adotivo, José, foi conhecido por sua piedade de caráter e integridade de conduta. (Mateus 7:11)**
 - 1. Em Nazaré, ele parece ter alcançado um lugar especial de estima e de utilidade para a comunidade pelo seu caráter e indústria, sendo chamado “o carpinteiro.”
 - 2. Parece não ter vivido por muitos anos (Marcos 3:32) e ter deixado uma família grande aos cuidados e responsabilidades de Jesus, como o filho mais velho.

B. Maria, sua mãe, é conhecida como a mais “favorecida entre as mulheres”.

1. Era uma mulher de bela humildade, pureza, piedade e de um amoroso caráter e disposição, uma estudante inteligente das Escrituras, de idealismo poético e patriótico, profundamente religiosa e leal em suas convicções, e também uma competente e amorosa esposa e mãe.

C. Na família de Jesus havia quatro meio-irmãos, mais jovens que Jesus, e pelo menos duas meio-irmãs (por parte de mãe).

1. Os nomes dos irmãos eram Tiago, José, Judas e Simão (Marcos 6:3), dois dos quais conhecemos pelos livros de Tiago e Judas.
 - a. Tiago e Judas não se tornaram discípulos de Jesus durante seu ministério, mas somente depois de sua ressurreição.
2. Não simpatizaram com Sua Obra:
 - a. Certa vez, depois de alcançar grande popularidade na Galileia, Jesus estava trabalhando com tanta intensidade que mal tinha tempo para comer. Persuadiam a sua mãe para ir com eles com o intuito de levá-lo para casa.
 - b. Em outra ocasião lançaram em rosto a acusação zombeteira de ser “um Messias secreto” (João 7:2-5), porque não se manifestou em Jerusalém.
3. Desse quadro que compomos, podemos concluir, com certeza razoável, que eram severos em seu julgamento e não estavam em simpatia com Sua obra.
4. Possivelmente por esta razão Jesus disse: “Não há profeta sem honra senão na sua terra, entre os seus parentes, e na sua casa.” (Marcos 6:4)

III. EDUCAÇÃO:

A. A educação da criança judia começava em casa.

1. Em cada lar judeu, a criança era ensinada pela sua mãe, através de um catecismo elementar, a Shema (Deuteronômio 6:4, 9; Números 11:13-21; 15:37-41), tão logo começasse a falar.
2. Era responsabilidade do pai ensinar ao filho a Torá (Deuteronômio 6:4-9).

B. A Educação formal na escola da sinagoga começava com a idade de seis anos.

1. Dos seis aos dez anos de idade, a criança estudava o Velho Testamento, como o livro-texto principal; dos dez aos quinze anos, estudava a Mishnah, ou lei tradicional; depois dos quinze anos, estudava na Academia, a teologia das Gemaras (um comentário dos rabinos sobre Mishnah, formando com esta o Talmude — livro das leis e doutrina judaica).

C. Além da instrução formal na escola da sinagoga, cada pai judeu tinha a obrigação de ensinar a seu filho um ofício honesto.

1. Saulo de Tarso aprendeu a fazer tendas.
2. Sabemos que Jesus aprendeu a profissão de seu pai adotivo e depois da morte de José, ele foi chamado “o carpinteiro.”

IV. SOMENTE UMA VEZ A CORTINA SE LEVANTA DURANTE OS ANOS DE SILÊNCIO EM NAZARÉ: (Lucas 2:41-52)

A. Lucas nos permite perceber de relance uma vista gloriosa do menino Jesus aos 12 anos de idade, durante uma visita com seus pais à Jerusalém, durante a festa da Páscoa.

1. Era exatamente a idade em que um menino judeu se torna “filho da Lei”, entrando nos privilégios e responsabilidades de um Israelita, incluindo a assistência às três festas mais importantes (Êxodo 34:22, 23).
- B. Era costume de José e Maria assistir, como judeus piedosos que eram, à Páscoa, a mais importante das festas religiosas, todos os anos (Deuteronômio 16:1-8)**
1. Não era obrigatório às mulheres estarem presentes, mas Maria era dedicada ao culto de Jeová e era acostumada a assistir com seu marido.
- C. Regressando de Jerusalém e descobrindo que Jesus não estava com eles, voltaram à sua procura e encontraram-no no Templo.**
1. Ficaram maravilhados ao encontrá-lo no meio dos doutores da Lei, ouvindo-os e interrogando-os. *“E todos os que o ouviam muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas.”* (Lucas 2:47).
- D. A pergunta de Maria: “Filho, por que fizeste assim conosco?” (Lucas 2:47)**
- E. A resposta de Jesus: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?” (Lucas 2:49)**
1. O “dever” foi sentido profundamente em sua alma; a Salvação da humanidade era e é “o negócio” de Deus.
- V. JESUS ERA TANTO O HOMEM IDEAL, COMO O FILHO DE DEUS; DEUS MANIFESTADO NA CARNE:**
- A. A sua humanidade era tão perfeita quanto a Sua divindade era completa.**
1. Não tinha nenhum defeito ou imperfeição no seu corpo.

A Sua obediência às leis da natureza era perfeita.

2. Lemos nos Evangelhos que Ele se cansava, mas nunca O encontramos doente.
3. Sujeitou-se a todas as limitações humanas da nossa natureza, mas Ele era o primeiro homem normal.
4. Nenhum pecado invadiu o santo templo de seu corpo para deixar as marcas de suas desolações.
5. Dos registros podemos facilmente concluir: Seu aspecto era de mansidão e poder; Seu semblante, em repreensão ou advertência, era terrível; no ensino e na exortação, cheio de graça e majestade.
 - a. Ter um retrato fiel dEle, o único homem perfeito, seria cheio de interesse, mas possuí-lo significaria idolatria.

B. A mente do Mestre era uma mente superior.

1. Os homens têm tomado suas palavras e escrito centenas, sim, milhares de volumes de comentários sobre elas, mas elas jamais perdem o seu verdadeiro significado.
2. Ele nada escreveu, mas o mundo está cheio de livros a respeito do que Ele falou.
3. As ideias, os pensamentos, os ideais e princípios de Jesus têm penetrado no tecido intelectual do mundo inteiro de hoje e continuam avançando através dos séculos, em conquistas repetidas e vitórias cada vez mais completas

C. A natureza emotiva de Jesus era Perfeita.

1. Não havia desarmonia entre suas emoções. O grande sentimento dominante de amor dominava todas as demais emoções.

D. A Sua vontade estava em perfeita harmonia com a vontade de Deus.

1. Não havia desejos contrários em sua alma. Apesar de ser tentado em todos os pontos, à semelhança de outros homens, mas sempre sem pecado.

E. O desenvolvimento espiritual de Jesus, também acompanhava o crescimento físico e mental.

1. As horas de meditação e oração traziam a vontade da carne em submissão ao Espírito.

JOÃO BATISTA

O ministério de Jesus foi precedido e anunciado por João Batista, o Arauto de Sua Vinda. Uma das maiores evidências da magnitude de Jesus é o caráter extraordinário e a impressão permanente da personalidade e obra de João, que preparou o caminho adiante dEle.

O tempo já estava maduro para a vinda do Messias. A crise já atingira o Império romano, possuidor do domínio absoluto sobre o inteiro mundo conhecido. Roma já alcançara o seu mais alto nível de desenvolvimento sob Augusto e agora estava em pleno declínio. Havia duas filosofias que contendiam pela supremacia, filosofias verdadeiramente gregas:

1. **ESPICURISMO** — Uma filosofia que afirma que o prazer é o adequado fim dos esforços humanos, mas também que o verdadeiro prazer depende de auto-controle, moderação e comportamento honroso.
2. **ESTOICISMO** — A filosofia de que a virtude é o supremo bem e que os homens devem estar livres das paixões e impassíveis frente aos acontecimentos da vida.

A primeira conduzia à sensualidade; a segunda ao orgulho, e as duas ao desespero; no fim, o ateísmo prevalecia entre os filósofos.

1. Todas as religiões eram toleradas, mas nenhuma satisfazia.
2. A escravidão era geral e a crueldade indescritível marcou o tratamento dos escravos em todo lugar.
3. O caráter sagrado do casamento desaparecera.
4. A força fora substituída pelo direito e a justiça desaparecendo da face da terra.
5. O gosto do povo era degenerado — milhares eram massacrados nas arenas.

6. O amor desaparecera e o trabalho honesto era olhado com desprezo.

Os judeus, no entanto, se apegavam à sua religião monoteísta. Eles já haviam sofrido tantas provocações no exílio que ficaram curados para sempre de sua inclinação para a idolatria que os cercavam.

Os procuradores na Judeia, mudaram o Sumo-Sacerdote por quatro vezes, apesar de ser ofício vitalício (por toda a vida). Anás foi deposto do ofício de sumo-sacerdote depois de nove anos, e diversos sucessores ocuparam o cargo, até que finalmente o genro de Anás, Caifás, contente em ser o fantoche da tirania romana, sucedeu no ofício. Anás, pela astúcia e influência política, permanecia no poder por trás do trono e continuou a presidir o Sinédrio (Atos 4:6).

As condições religiosas na Palestina estavam muito baixas. Havia muito pouca religião sincera. As finalidades externas haviam se multiplicado e o espírito da religião sincera havia sido apagado.

1. Os fariseus davam ênfase à separação mas nada conheciam da verdadeira santidade. Criam na vida futura e na ressurreição.
2. Os escribas professavam grande devoção às Escrituras, mas se apegavam à tradição.
3. Os Saduceus louvavam (de lábios) a moralidade, mas viviam vidas de conforto e auto-indulgência. Não criam na vida futura.

I. O MENSAGEIRO E A SUA MENSAGEM:

A. Diz Lucas: “Veio a Palavra de Deus a João”, quando apareceu no deserto da Judeia, percorrendo toda a circunvizinhança do Jordão.

1. A sua mensagem era como a de Amós.
2. A sua aparência era como a de Elias.
3. A sua profecia de uma nova era, nos lembra a de Isaías.

- B. A profecia antiga previa a vinda de um Precursor do Messias. Jesus identifica João como sendo o cumprimento daquela profecia (Malaquias 3:1; 4:5).**
- C. Assim João servia de ligação de tudo de melhor do passado de Israel, como o sinal de protesto contra os males da presente geração, e como arauto de uma gloriosa nova era no futuro, quando o Messias viria.**
1. Era de espírito corajoso e destemido, chamando o povo ao arrependimento.
 2. Era uma mera “voz do arauto”, enviada adiante do Rei para que o povo se preparasse.
 - a. Isaías 40:3, Jesus é claramente apresentado como o **NOSSO DEUS!**
- D. A missão de João (Isaías 40:4, 5; Marcos 1:3)**
1. João declarou que alguém só poderia endireitar os caminhos do Senhor através do arrependimento, de uma mudança de mente e de atitudes.
 2. Os pensamentos do homem somente seriam endireitados se Cristo tivesse livre e pleno acesso à sua vida.
 - a. Os pensamentos e a maneira do homem pensar são tortuosos.
 3. As obras dos homens teriam de ser endireitadas (II Coríntios 7:10, 11; Lucas 3:10-14)
 4. Somente então as suas vidas fariam “um caminho para o **NOSSO DEUS!**”
 - a. *“Os vales seriam aterrados, e nivelados todos os montes e outeiros; os caminhos tortuosos seriam retificados, e os escabrosos aplanados.”* (Isaías 40:4)
- E. A mensagem de João despertou o povo de um canto da terra até ao outro.**
1. Ele pregou que “O Reino de Deus está próximo.”
 2. Ele pregou o batismo de arrependimento.

III. O RETRATO PRECURSOR DO MESSIAS VINDOURO:

- A.** A pregação de João acerca do Reino, tornou o povo ainda mais esperançoso com respeito à Vinda do Messias. Discorriam todos no seu íntimo a respeito de João, se não seria ele, porventura, o próprio Cristo.
- B.** Mas, no meio da popularidade e febre da expectativa, João nunca vacilou, nem por um momento na sua lealdade a Jesus Cristo.
1. Sabia que era somente o Precursor.
 2. Como amigo do noivo regozijava-se, ao ouvir a voz dEle.
 3. Recusou tomar qualquer honra para si, afirmando que era somente “Uma voz que clama no deserto”.
- C.** Para esclarecer tudo e remover qualquer divergência a respeito de sua relação com o Cristo, ele traçou um lindo retrato do Messias Vindouro.
1. Lucas 3:16, 17 — “Vem o que é mais poderoso do que eu...”
 - a. O povo havia sido impressionado com a cena do lindo batismo nas águas do Rio Jordão.
 - b. Ele dá a entender que o batismo que o Messias havia de instituir seria o batismo “com o Espírito Santo e com fogo.”
 - 1) Através do fogo, os que haviam de crer, seriam purificados e recolhidos ao celeiro, mas os descrentes seriam separados e destruídos.
 2. João apresenta um retrato nítido do Messias vindouro, como quem havia de efetuar uma grande limpeza moral e espiritual do povo.

A INICIAÇÃO

A iniciação, refere-se não somente ao começo do ministério de Jesus Cristo, mas também, à introdução à missão de sua vida. Divide-se em duas partes:

1. O Seu batismo
2. A Sua tentação

I. SEU BATISMO (Mateus 3:13-17; Marcos 1:9-11; Lucas 3:21-23; João 1:32-34):

A. Por que Jesus foi batizado?

1. A verdadeira razão se encontra na resposta de Jesus: *“Deixa por enquanto, porque assim nos convém cumprir toda a justiça.”* (Mateus 3:15)
 - a. Jesus nasceu sob a lei e na sua infância foi circuncidado e redimido (isto é, foi pago o resgate do templo) segundo a lei.
 - b. Com a idade de doze anos ele se tornou “filho da lei”
 - c. Convinha que Ele cumprisse todas as ordenanças da Aliança Abraâmica com respeito à perfeição.
 - d. De Mateus 5:17, sabemos que Ele não veio revogar a lei mosaica, mas cumpri-la e dar-lhe um sentido mais profundo.
 - e. Por toda a sua vida, ele cumpriu a lei para que Ele pudesse redimir os que estavam sob a lei. (Gálatas 4:4-5)
2. Ao vê-lo, Ele colocou o seu selo de aprovação sobre o ministério de João.
 - a. Somente poderia cumprir toda a justiça ao sujeitar-se à observância de toda a lei.
3. O batismo seria o rito inicial da Nova Aliança do Reino.

B. Como visto por cada Evangelho:

1. Marcos 1:9-11
 - a. Menciona somente de passagem — O Servo Divino com aprovação divina.
 - b. Somente três versos o descrevem.
 - c. A descida do Espírito Santo como pomba — menciona sem explicação.
 - d. A voz do céu.

2. Mateus 3:13-17
 - a. Explica — foi batizado para cumprir toda a justiça.
 - 1) Mateus mostra Jesus como o Rei Messias, que viria segundo as Escrituras, para cumpri-las.
 - 2) Menciona tanto a pomba quanto a voz do céu.
 - 3) Usa cinco versos para tratar do batismo.

3. Lucas 3:21-23
 - a. Note o versículo 21, “E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus;...”
 - 1) Ele se identificou com os homens ao ser batizado. O Homem Perfeito se submeteu ao batismo.
 - 2) A pomba e a voz estavam presentes.
 - 3) Somente três versos tratam do batismo.

4. João 1:32-34
 - a. O revelou como Deus manifestado na carne.
 - 1) Como é que tu sabes, João? A sua resposta vem nos versos 32 e 34.
 - 2) Um sinal para João, e não para todo o povo.

C. Ideias errôneas surgidas da história do batismo:

1. Uns imaginam ver a Trindade ensinada no batismo de Jesus.
 - a. Os acontecimentos do batismo de Jesus NÃO foram planejados para ensinar qualquer doutrina na divindade.

- 1) Ninguém naquele dia viu ou ouviu qualquer coisa da voz da pomba a não ser João Batista.
 - b. Era sinal particular e infalível a João, pelo qual ele poderia identificar o Messias (João 1:33).
2. Para outros, Jesus recebeu a plenitude da divindade corporalmente ao ser batizado. (Isto é, recebeu o Espírito Santo).
- a. A pomba que pousou sobre Jesus foi puramente simbólica. Nunca houve tempo em que Jesus não tivesse o Espírito Santo, e isto sem medida (ELE ERA O ESPÍRITO SANTO ENCARNADO!).

Exemplo: João Batista foi “cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe.” Ousaremos dizer menos de Jesus?

- b. A humanidade do Senhor Jesus é o Filho! (Lucas 1:35)
 - 1) O Ente Santo — corpo físico, material, é o Filho.
 - 2) Gálatas 4:4 diz a mesma coisa em outras palavras.
 - 3) Hebreus 1:5, 6 “Eu hoje te gerei... E todos os anjos de Deus o adorem.”
 - a) Jesus foi gerado no dia em que os anjos de Deus o adoraram no céu acima da Judeia. A mensagem deles foi: Que é Cristo o Senhor! (Não disseram “será mas é o Senhor!”)
3. Dizem que todas as pessoas da Trindade são, pela primeira vez, no Novo Testamento, vistas juntas no batismo.
- a. Afirmam que a voz ouvida “exige personalidade”. Mas:
 - 1) A voz vinda da jumenta de Balaão indica personalidade? (Números 22:22-23)
 - 2) Jesus afirmou que as próprias pedras clamarão em louvores a Ele... As pedras teriam personalidade? (Lucas 19:40).

b. A verdade é que o homem batizado por João era também o onipresente Deus e Ele era o responsável pela voz!

- 1) Note João 3:13 (Afirmou estar na terra e no céu ao mesmo tempo).
- 2) Também afirmou: enquanto ainda estava no mundo no corpo humano que estaria presente (como Deus) no meio de cada reunião em Seu nome, no mundo inteiro.
- 3) Em João 14:10, Jesus declarou que todas as obras miraculosas que acompanharam o seu ministério (e isto inclui a voz e o sinal da pomba) poderiam ser atribuídas ao que nEle permanecia: "O Pai que permanece em mim, faz as suas obras!"

II. A TENTACÃO (Marcos 1: 12, 13; Mateus 4:1-11; Lucas 4:1-13):

- A. O lugar da tentação foi o deserto. O primeiro Adão enfrentou sua tentação num jardim de beleza e abundância; o último Adão a sua no árido, arenoso e escaldante deserto, com pobreza, fome e as feras selvagens.**
- B. O propósito da tentação é claramente revelado. Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto com o propósito de ser tentado.**
1. A palavra "tentar" significa provar ou testar caráter para o propósito do bem ou do mal. (Adão e Eva eram inocentes por causa do ambiente).
- C. A tentação do diabo sempre tem a finalidade de induzir os homens a fazerem o mal.**
- D. Por que Cristo foi submetido à tentação? Primeiro, como prova de seu caráter (Hebreus 5:7-9) e, segundo, para que**

Ele pudesse ser um Sumo-Sacerdote que pudesse compadecer-se das nossas fraquezas (Hebreus 4:15-16) e para ser o nosso exemplo.

E. Ele foi tentado em todos os pontos, como nós, mas Suas tentações foram além das nossas, porque Ele enfrentou o inimigo na plenitude de seu poder.

1. A tentação de Jesus foi um conflito real com um diabo real e pessoal.

F. O fato de que Jesus podia ser tentado tem sido um problema difícil para os teólogos. As Escrituras, claramente afirmam que Ele poderia ter cedido às tentações em todas as coisas, à nossa semelhança (Hebreus 4:15).

1. Cristo era verdadeiramente humano; e essa natureza humana, apesar de não decaída seria capaz de pecar.

a. Ele sentiu e venceu a tentação (João 16:32). Venceu para ganhar a vitória!

2. Ao mesmo tempo, em virtude de sua natureza divina e do Espírito que nEle habitava, era moralmente impossível que Ele pudesse pecar.

a. O primeiro Adão tinha uma natureza “capaz de não pecar” mas não incapaz de pecar. “Se ele tivesse sido obediente, teria alcançado o estado de ser “incapaz de pecar.”

b. O último Adão tinha uma natureza como a do primeiro, “capaz de não pecar”, e a inabalável obediência à vontade de Deus, tornou-o “incapaz de pecar.” Jesus tinha uma natureza humana igual à nossa, mas sem pecado!

(Deu-nos uma consciência livre de pecado. Em obediência absoluta, restituiu-nos a incapacidade de pecar. Pecar é ir contra a consciência. Adão foi contra e pecou. Cristo não foi e permaneceu livre de pecado!

III. AS TRÊS TENTAÇÕES SÃO:

A. A Primeira Tentação (Mateus 4:3, 4; Lucas 4:3, 4) - No nível do físico ou pessoal.

1. Será que Cristo usaria o poder de Deus para satisfazer a sua fome num momento de grande fraqueza humana?
 - a. Satanás lhe disse em essência: “Tu és Deus manifestado em carne. Tu tens o Espírito da Criação... Transforma estas pedras em pão... todos os homens precisam comer... aquele que pode alimentar os famintos pode reinar sobre o mundo.”
2. Se Jesus tivesse cedido, Ele ter-se-ia colocado fora do círculo da comum experiência humana.
 - a. Se, usasse o Seu poder para satisfazer as suas necessidades humanas, os outros homens nunca poderiam imitá-lo, portanto, não serviria como exemplo para eles.
3. A resposta de Jesus foi “Não!” O poder de Deus não deve ser usado para satisfazer a carne.
4. A vitória nessa tentação veio pela Palavra de Deus: “Está escrito...”
 - a. Nisto Ele é o nosso exemplo. Na Palavra há exemplos que nos servem em toda e qualquer situação.

B. A Segunda tentação (Mateus 4:5-7; Lucas 4:9-12) - No nível do Espiritual.

1. Note: Que acesso Satanás e o mal têm aos lugares altos! Tentação no Templo.
2. Ele tentou fazer com que Jesus usasse o espiritual para alcançar o espetacular. (Com aquilo podes ganhar as massas.)
 - a. A expectativa popular messiânica era por um esplêndido reino político a ser estabelecido de uma maneira espetacular.
 - b. Se Jesus se associasse a estas esperanças messiânicas, logo de início ele receberia a aclamação popular

e a liderança de Israel.

- c. Era esperado que o Messias, de repente, aparecesse no Templo de uma maneira espetacular.
 - d. O povo gostava de sinais e esperava que o Messias os mostrasse para testar as suas reivindicações (João 6:30).
 - 1) Ainda hoje o povo procura o fantástico, tem fome pela mágica, querem o fora do comum.
 - e. O grande objetivo de Jesus foi o estabelecimento do Seu reino messiânico. Se Ele se lançasse do pináculo, o povo saberia imediatamente que Ele era o Messias.
 - f. Esta foi a tentação de ceder à atração da vaidade interesseira para alcançar uma popularidade rápida e um êxito por meios impróprios, uma tentação comum que tem derrubado a muitos, hoje em dia.
3. Satanás tentou levar Jesus para fora do círculo dos métodos humanos, através do uso dos meios sobrenaturais e, assim, anular o Seu exemplo como um Messias Humano e Salvador.
- a. Jesus mais uma vez fez uso da espada do Espírito: “Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus.” (Deuteronômio 6:16).

C. A Terceira Tentação (Mateus 4:8-10; Lucas 4:5-8) - No nível do social.

- 1. Note: Satanás levou Jesus com ele a um monte muito alto e “mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles...”
 - a. De todos os “reinos” se podia ver – a Liderança, o Reconhecimento, a Posição, o Prestígio e a Autoridade... tudo disponível... teria que somente dobrar os joelhos ao mal. (Prostrado adorar o diabo).
 - 1) Fazer assim, seria reconhecer a soberania do diabo.
 - b. Como Jesus não quis seguir por esse caminho, só restou um outro, o caminho do sofrimento e da cruz!

Não haveria prestígio político, ou amigos poderosos para ajudá-lo. O caminho espiritual seria o caminho difícil e longo.

- c. Jesus recusa a oferta de Satanás!
 - 1) O reino que Ele procura não está “sobre” os homens e, sim, “dentro dos homens”
 - 2) Se o Seu reino fosse deste mundo, os seus servos lutariam por Ele, mas Seu reino está no homem interior.
 - 3) Portanto, a vitória é ganha pelo amor e não pela força, e o reino se realiza pelo ministrar e não pelo administrar...
- 2. Jesus enfrenta a última tentação com uma ordem positiva: “Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus, adorarás e só a Ele darás culto.”
- 3. Em vez de receber de Satanás poder sobre a humanidade, Ele o arrancou à força em um conflito mortal, ganhando uma vitória completa e final.

IV. OS TRÊS INIMIGOS DO HOMEM QUE O VENCERAM DESDE O JARDIM:

- A. Satanás — havia vencido o homem — O homem, Jesus Cristo, tinha que vencê-lo!**
- B. A Carne — havia vencido o homem — O homem, Jesus Cristo, tinha que vencê-la!**
- C. A Morte, o inferno e o sepulcro venceram o homem — o homem Jesus Cristo tinha que vencê-los! Somos mais do que vencedores por aquele que nos amou!**
 - 1. A Concupiscência da carne é pessoal, a concupiscência dos olhos é social e a soberba da vida é espiritual.

A MANIFESTAÇÃO DE CRISTO

A manifestação de Cristo (o Messias) a Israel foi feita através do duplo testemunho de João Batista, do testemunho dos primeiros discípulos, pelo primeiro milagre, e pela primeira purificação do templo. Cristo é o título grego e significa a mesma coisa que a palavra hebraica Messias. Nestas primeiras cenas, não somente o caráter do Messias é revelado, mas também o programa de sua obra futura.

I. O TESTEMUNHO DA PROFECIA (João 1:19-28):

A. A primeira parte do duplo testemunho de João Batista, foi produzida por um comitê de saduceus, enviados pelo Sinédrio, para verificar, ou descobrir, quem pretendia ser João Batista.

1. “Quem és? O Messias? Elias? Aquele Profeta?”
 - a. João não recusou dizer quem era, mas confessou logo (e claramente) que não era o Messias, nem Elias, e nem aquele profeta (predito por Moisés em Deuteronômio 18:15).
2. “Quem és, para que demos resposta àqueles que nos enviaram?”
 - a. João citou a profecia de Isaías: “Eu sou a voz que clama no deserto...” (Isaías 40:3)
 - 1) Ele sustentou não ser mais do que uma voz, mas sua missão era preparar o caminho diante do Messias, nosso Deus!
 - b. A comitiva não perguntou respeito dEle (Jesus)!
3. “Então por que batizas, se não és o Cristo nem, Elias, nem o profeta?”
 - a. “Eu batizo com água; mas no meio de vós está quem vós não conheceis... Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.”

B. A segunda parte do duplo testemunho de João Batista (1:29-34) identifica o Messias com aqueles que estavam com Ele, e isto publicamente.

1. No dia seguinte ele apontou Jesus como “O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.”
 - a. Ele viu em Jesus o cumprimento de Isaías 53, o Servo sofredor, O que levaria os pecados, levado como “Cordeiro ao matadouro.”
 - b. Jesus seria o Cordeiro de Deus para o mundo inteiro e não somente para os judeus. A sua missão seria universal.
2. João explica a todos: “Após mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de mim.”
3. Depois, ele acrescenta as palavras do seu testemunho. (1:31-34).

II. O TESTEMUNHO DOS PRIMEIROS DISCÍPULOS (João 1:35-51):

A. A obra do Batista passa naturalmente para a de Jesus Cristo.

1. André e João, Simão e Tiago.
 - a. Olhando Jesus para Simão, disse: “Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro).”
 - 1) Note: Simão Pedro – grego “pedra ou rocha” – aramaico, Cefas. Cristo dá o nome Pedro ou Cefas a Simão, para designar firmeza. Quando Pedro se mostrava fraco ou vacilante, Jesus dirigia-se a ele pelo nome original Simão, antes do nome que significa rocha.
2. Filipe e Natanael.

III. O TESTEMUNHO DOS MILAGRES (João 2:1-11):

A. O primeiro milagre, a água transformada em vinho em Caná, revela algo de seu caráter e propósito para o mundo.

1. É uma revelação do interesse de Jesus por nós – gente. (O nome dos noivos não é mencionado.)
2. É um sinal do propósito de Jesus no mundo.
 - a. Por que Jesus veio? O que veio Ele fazer no mundo? Transformar e mudar! (Transformou água em vinho)
3. Seu método de fazer milagres – com a cooperação de mãos humanas.
4. Ele dá suprimento com abundância – quando os servos cooperam com Ele; houve vinho em abundância.
5. Guardou o melhor para o final! Esta dispensação da Nova Aliança, é a maior de todas as dispensações estabelecidas por Deus. Receber o Espírito Santo e ser batizado em Nome de Jesus Cristo!

IV. A PRIMEIRA PURIFICAÇÃO DO TEMPLO (João 2:13-22):

A. Jesus purificou o templo duas vezes durante seu ministério público: a primeira vez, registrada no Evangelho de João, no princípio do Ministério de Jesus; e a segunda purificação é mencionada nos sinóticos (Mateus 21:12, 13; Marcos 11:15-18; Lucas 19:45-46), e aconteceu no fim do Ministério de Jesus, um dia depois da Sua Entrada Triunfal.

B. Quando Jesus chegou a Jerusalém, foi logo ao Templo onde “encontrou os que vendiam bois, ovelhas e pombas, e também os cambistas assentados.”

1. Um enorme sistema de corrupção e roubo tinha crescido no Templo sob a astuta direção de Anás, o ex-sumo-sacerdote.

2. Os milhares de animais para os sacrifícios e ofertas tinham de ser examinados por pessoas designadas e devidamente qualificadas. Por tal inspeção houve cobranças exorbitantes.
3. A transação inteira era uma profanação terrível da religião. Aqui estava o trono da corrupção na religião dos judeus.
 - a. Jesus ousou entrar e intrometer-se no início de seu ministério; mais tarde, Ele pagaria com a Sua vida, pois teve que comparecer perante Anás e Caifás no Seu julgamento.

C. Jesus, ao entrar no Templo, na Sua indignação, pegou nas pontas de cordas espalhadas pelo chão, fez um açoitado de cordas (símbolo de autoridade), expulsou a todos do templo, bem como as ovelhas e os bois, e depois, voltando-se contra os cambistas, virou as mesas.

1. Não é estranho que os cambistas, os que tratavam dos animais, tenham fugido de diante de um homem sozinho? Não é ainda mais estranho que os sacerdotes, os donos de todo o negócio, não tenham intervindo no caso?

SUPLEMENTO CAPÍTULO 7

O TREINAMENTO DOS DOZE

A escolha e o treinamento dos homens a quem Jesus ia confiar Sua obra foram parte extremamente importante da Sua missão terrena. O propósito primário da Sua vinda ao mundo foi morrer como Cordeiro de Deus, para a expiação do pecado humano e ressurgir dos mortos para trazer a vida eterna à humanidade. Contudo, Seu sofrimento, morte e ressurreição seriam de nenhum proveito para o mundo, a menos que este tivesse conhecimento desses fatos. Se os homens a quem Ele confiou sua obra falhassem, Sua vinda à terra teria sido em vão.

A primeira excursão dos doze fez parte do seu treinamento; era possível que tivesse por propósito proporcionar-lhes serviço prático, e participar do método adotado por Jesus para avisar à nação que o Messias chegara. Não havia jornais. O único meio de espalhar notícias era a palavra falada. Mais adiante os setenta foram despachados com o mesmo propósito. Esses homens comprovavam sua mensagem com milagres especiais, não só para chamar a atenção como para indicar à nação a natureza extraordinária DAQUELE que proclamavam.

O treinamento deles não foi fácil, porque a obra para a qual estavam sendo treinados era de todo diferente daquela para a qual imaginavam estar se preparando. Começaram a seguir o Mestre como políticos, sem qualquer ideia de se tornarem nos pregadores que vieram a ser. Esperavam que, como Messias, Jesus estabeleceria um império político, de âmbito mundial, do qual seriam funcionários. Ver mais sobre o assunto em Mateus 13.

O método adotado por Jesus para mudar-lhe o modo de pensar acerca da obra que Ele e os discípulos estavam para realizar foi, primeiro, apresentar-Se a eles em toda a plenitude da Sua glória divina, de modo que, por muito que falasse e agisse diferentemente da maneira como eles esperavam que o Messias devia falar e agir, ainda assim ficariam crendo que Ele era esse Messias. Foi esta uma das razões dos Seus milagres e de Sua transfiguração.

Além disso, também falava por parábolas, que eram ensinamentos velados, para dar-lhes a impressão de que nem sempre Ele queria dizer exatamente o que Suas palavras pareciam significar. Conser-vou-os por um tempo assim em suspenso. Se lhes tivesse falado claramente logo no início, poderiam não ter o mínimo interesse em segui-Lo.

Quando, por fim, lhes disse que ia ser crucificado, ao invés de subir a um trono, ficaram aturdidos. Contudo persistiram em pensar que se tratava apenas de uma parábola. Mesmo na última Ceia, ainda cogitavam sobre qual deles haveria de exercer a função mais alta.

Só depois da ressurreição e da descida do Espírito Santo foi que afinal vieram a compreender que o reinado de Jesus seria sobre os corações, e que a parte que a eles, discípulos, tocava era simplesmente CONTAR A HISTÓRIA DE JESUS CRISTO. Era só isso. A História realizaria sua obra. Se os homens tiverem conhecimento de Jesus, amá-lo-ão. Amando-O, começará a operar neles a Sua bendita influência.

SEU PRIMEIRO E BREVE MINISTÉRIO NA JUDEIA

- I. O FATO DE QUE JESUS EM SEU BREVE MINISTÉRIO NA JUDEIA, AFIRMA SER O DEUS FORTE, VESTIDO DE UM VÉU DE CARNE HUMANA. (João 2:18-22):**
- A. Depois que Ele purificou o templo, os judeus lhe disseram: “Que sinal nos mostras, para fazeres estas coisas?”**
1. “Se tu és o Messias, então nós te pedimos que faças um sinal, como prova de tua autoridade.”
 - a. Aqui está a mesma tentação, usada por Satanás no deserto. Se Ele operasse um grande milagre, a multidão agora não haveria se proclamá-lo o Messias?
 - b. Mas esses homens não eram sinceros! Eram das trevas, ao passo que Ele era da luz!
 2. Jesus respondeu ao pedido de um sinal com o desafio, de um sinal que eles não compreendiam.
 - a. Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei.” (João 2:19). Ele, porém, se referia ao santuário do Seu corpo (João 2:21).
 - 1) Quem ressuscitou Jesus de entre os mortos?
 - a) Deus – Atos 2:24, 32; 3:15, 26; 4:10; 5:30; 10:40; 13:30, 33, 34; 17:31; I Coríntios 6:14; II Coríntios 4:14.
 - b) Deus, o Pai – Gálatas 1:1; Efésios 1:17-20.
 - c) O Espírito Santo – Romanos 8:11.
- II. JESUS FEZ MUITOS MILAGRES QUE NÃO FORAM REGISTRADOS, EM JERUSALÉM, DURANTE A SEMANA DA PÁSCOA (João 2:23-25):**

- A. Muitos creram no Seu Nome, vendo os sinais que Ele fazia, mas Ele sabia que estavam esperando um Messias temporal, apesar de verem os milagres que operava.**

III. O NOVO NASCIMENTO

[Entrevista de Jesus por Nicodemos e outras obras em Jerusalém (João 3:1-15). Três quartos das palavras de Jesus, registradas nos Evangelhos, foram faladas a indivíduos, ou a pessoas as quais Jesus queria alcançar e aproximar].

- A. Nicodemos foi ter com Jesus de noite, em segredo.**

1. Ele era fariseu e membro do grande Sinédrio, em Jerusalém.
2. Provavelmente tenha vindo de noite buscando saber por si mesmo o segredo dos milagres e, especialmente, para interrogar Jesus a respeito do Reino vindouro, tema principal da pregação, tanto de Jesus, como de João Batista.
3. Ele seria severamente criticado pelos seus colegas, que tinham sido profundamente ofendido por Jesus, na ocasião da purificação do Templo, se soubessem que O procurou. Por que não evitar tudo isto, vindo de noite?
4. Também seria fácil encontrar Jesus à noite. Ele estaria mais acessível do que durante o dia.

- B. Nicodemos abriu o diálogo, reconhecendo as óbvias evidências da autoridade divina de Jesus.**

1. “Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele.”
 - a. Era, na verdade, uma grande confissão da parte de Nicodemos, como fariseu.

- C. Jesus responde, ignorando a questão de quando o reino seria estabelecido, penetrando logo ao centro do assunto, revelando o caráter do Reino e as condições que teriam de ser cumpridas até mesmo para “ver” o Reino de Deus.**

1. “Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus.”
2. Ele, assim, declara que o reino messiânico é um reino espiritual, invisível aos olhos do homem, não podendo ser percebido apenas com os sentidos.

D. Notemos na Escritura – João 3:1-8.

1. Há muitos argumentos e opiniões a respeito desta passagem:
 - a. Há quem diga que a água representa o nascimento natural, dizendo: “Jesus nunca teria mencionado a água, se Nicodemos não tivesse perguntado.”
 - b. Será que Jesus nunca teria mencionado o Novo Nascimento se Nicodemos não tivesse vindo?
 - 1) Certamente isto parece ilógico. Tudo que Ele fez ou disse era segundo a ordem divina.
 - c. Ainda que Ele não tivesse mencionado, a “água e o Espírito”, seriam necessários! De outra maneira não haveria um nascimento!
 - 1) É um nascimento! Não como um nascimento, mas um nascimento.
 - 2) O que é nascido do Espírito é espírito.
 - d. Notem a margem do versículo João 3:5 “de cima”, comparem com Atos 2:38.
2. Note João 3:8; atos 2:2 e 33.

E. Depois, temos os ensinamentos maravilhosos de João 3:14-21.

1. João 3:16 – O Espírito deu a carne.

IV. O MINISTÉRIO NA PROVÍNCIA DA JUDEIA (João 3:22-36)

- A. Este primeiro e breve ministério na Judeia, durou aproximadamente seis meses.**
- B. A contenda com alguns dos discípulos de João Batista, (versículo 25).**

ÊXITO EM SAMARIA

Pontos a serem observados – o aluno pode descobrir outros.

1. “Deus é um Espírito.”
2. “Verdadeiros Adoradores.”
3. “Espírito e Verdade.”
4. “Se conheceras os dons de Deus, tu lhe pedirias.”
5. “Ele fala que é o Messias.”

A obra de Jesus, de dois dias em Samaria, rumo à Galileia, é um esplêndido exemplo de métodos e planejamentos missionários. Queremos destacar a sabedoria de Jesus em ganhar, não somente um indivíduo, mas muitos na cidade de Sicar. Ele ganhou primeiramente um indivíduo e assim garantiu recepção na cidade.

I. AS RAZÕES PORQUE JESUS PARTIU DA JUDEIA:

- A. **Era muito popular – fazia e batizava mais discípulos do que João.**
- B. **Como resultado; os fariseus logo enviaram uma comissão para investigá-lo, assim precipitando uma crise, ou forçando-o a retirar-se das regiões adjacentes à Jerusalém, ou entrar em prolongado conflito com as autoridades. Ainda não chegara a hora para isto.**
- C. **Ao partir para a Galileia, escolheu passar pela província de Samaria.**

II. A CONVERSA COM A MULHER SAMARITANA, JUNTO AO POÇO DE JACÓ (João 4:5-26):

Que grande contraste entre Nicodemos e esta mulher! Nicodemos era judeu – ela era samaritana... Ele era um membro alta-

mente respeitado da sociedade – ela era uma desprezada... Ele era uma pessoa de moral acima de qualquer suspeita – ela era uma mulher sem virtude... Ele era culto, instruído, mestre em Israel – ela era ignorante, iletrada, das classes mais baixas... Ele era rico – ela era pobre... Ele reconheceu algo de grandeza em Jesus – ela o viu no princípio como estranho, forasteiro... Ele era um sério, sóbrio pesquisador da verdade – ela nada tinha de seriedade. Mas apesar das grandes diferenças entre os dois, ambos tinham a mesma necessidade de transformação espiritual! Jesus, o grande amante das almas, ofereceu a salvação aos dois igualmente!

A. Contato estabelecido (João 4:1-9):

1. No ano 975 a. C. a nação de Israel foi dividida: 10 tribos formaram o reino do Norte, chamado Israel, e duas tribos formaram o Reino do Sul, chamado Judá. No ano 721 a. C. as 10 tribos (com Capital em Samaria) foram levadas ao cativeiro entre os assírios. Os que ficaram rebelaram-se e, como resultado, Samaria foi destruída, com somente os mais pobres da terra deixados para trás. Pessoas da Babilônia, da Síria e da Arábia foram levadas para habitar e reconstruir a cidade. Casaram-se, para produzir uma raça mestiça! Eles misturaram idolatria com adoração a Jeová – O verdadeiro judeu os odiava por causa disso. (João 4:4). Quando Judá voltou do seu cativeiro na Babilônia, o que aconteceu algum tempo mais tarde, para reedificar o Templo, esse povo, que se tornara conhecido como “Samaritanos” ofereceu-se para ajudar.
 - a. “Deixa-nos edificar convosco, porque como vós, buscaremos o vosso Deus; como também já lhe sacrificamos desde os dias de Esar-Hadom...” (Esdras 4:2) Não era a verdade. II Reis 17:33 diz que eram pessoas que “Temiam o Senhor e ao mesmo tempo serviam ao seus próprios deuses.”
 - 1) Eles tinham misturado suas adorações de Jeová com falsas religiões, naqueles casamentos.

- b. Os judeus recusaram ajuda – sabiam o que tinham provocado a queda deles. Voltaram para estabelecer a verdadeira adoração. Não aceitaram compromissos. Precisavam de ajuda e a ajuda foi oferecida, mas teriam de sacrificar a verdadeira adoração para aceitá-la. Recusaram! Quando os judeus recusaram a ajuda de Samaria, esta fez tudo para impedi-los na sua obra. Eles nunca esqueceram isso.
 - c. Desde aquele tempo, os judeus consideraram o povo e a terra de Samaria, “impuros” e tratavam de evitá-los, em vez de passar por ela. Jesus tomou o caminho que o levaria a Samaria, porque sabia que encontraria uma alma necessitada de ajuda.
2. Uma fraqueza humana (versos 5-6). Nestes versos, contemplamos a humanidade de Jesus Cristo.
- a. Está com fome, está com sede, está cansado da viagem como nós.
 - 1) Aqui há mais uma evidência de que Deus se manifestou na carne. O Verbo se fez carne. Ele compartilhava da nossa natureza humana e conhecia por experiência própria todas as limitações e enfermidades do corpo humano, exceto as causadas pelo pecado.
 - b. Note a sabedoria do Mestre, quando fez contato com esta mulher, um contato que resultaria na salvação de sua alma.
3. Um pedido gentil (versículos 7, 8). Não deixou que o cansaço o impedisse de aproveitar a oportunidade de ganhar mais uma alma.
- a. Pedindo água:
 - 1) Ele ganhou a atenção da mulher.
 - a) Era necessário Ele tomar a iniciativa; de outra forma ela nunca teria falado com Ele.
 - 2) Ele estabeleceu um ponto de contato.
 - a) Jesus propôs conduzir a mulher às águas espirituais que saciam a sede da alma, mas ha-

via muitas barreiras a vencer, barreiras de religião, de nacionalidade, de preconceitos, de raça, e de ignorância.

- b) Além disso, ela era mulher e os costumes proibiam que Ele, um rabi, falasse com ela em público.
- c) Jesus começou a derrubar essas barreiras – não falando a ela sobre o quanto ela era má, mas pedindo-lhe um favor.
- d) Isto conquistou a sua simpatia, despertou o melhor na sua natureza e deu-lhe um sentido de importância que a preparou para ouvir e atender.

B. Convicção produzida (versos 10-15):

1. Tendo feito contato com a mulher, Jesus continuou a usar a sua curiosidade natural como meio de mostrar-lhe a sua necessidade.
2. Note no, verso 9, que ela desafiou a Jesus... “sendo tu judeu...” como se quisesse dizer: “normalmente vós judeus, atravessais a rua quando vêem um de nós, mas é diferente quando querem algo de nós...”
3. No verso 10, Jesus logo dirigiu a conversa às coisas espirituais.
4. Despertou a atenção dela (versos 11-12).
 - a. Jesus conduziu a mulher, despertando nela um forte desejo por aquilo que Ele tinha para lhe oferecer. O interesse dela foi despertado.
 - 1) Ele usou uma ilustração muito simples (versículos 13, 14). Era bem evidente que a água da qual Ele falou era bem diferente da água do poço de Jacó.
 - b. Note: o pedido dela abriu uma porta para Jesus poder explicar as exigências para receber a água.
5. Era necessário que Jesus despertasse a consciência dela (verso 16).
 - a. Jesus colocou o dedo na causa da infelicidade da mu-

lher. A nova vida dela deveria começar na base da honestidade e da verdade.

- 1) Ela teria de enfrentar o pecado e o próprio passado, e o que não prestava teria de ser cortado. (O pecado não pode ser esquecido ou ignorado. Deve ser tratado e apagado para sempre.)

C. A Conversão demonstrada (versos 28, 29):

1. A demonstração da realidade da conversão desta mulher. Ela esqueceu o velho cântaro, como que símbolo do fato de que ela tinha esquecido da água não satisfatória da velha vida.
 - a. Então, na alegria da descoberta da água viva, ele se tornou entusiástica.
 - b. A vida dela se transformara... Agora tinha um novo padrão de valores. “Vinde comigo, vede um homem,” disse ela. Ali estava o homem que restauraria a esta mulher pecadora à sua dignidade de mulher.
 - 1) Graças a Deus por incontáveis, milhares iguais a ela. Tanto homens como mulheres que podem falar ao mundo: “Vinde e vede o homem que ainda é nesta hora o que pode satisfazer os nossos corações desejosos, com a água viva!”

D. O resultado satisfatório – todos os que vieram para ver, foram convencidos.

1. Este acontecimento abriu a porta para a evangelização de Sicar.

O COMEÇO DO MINISTÉRIO NA GALILÉIA

Diz Marcos que “Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus. “Arrependei-vos” foi a nota fundamental do severo pregador no deserto, João. “Boas novas” foi a nota tônica do ministério de Jesus.

Jesus foi pregador, e o tema de Sua mensagem foi o arrependimento e o Reino dos Céus. Ele usou de grande cuidado para explicar que o Seu reino não era terreno, por causa da expectativa corrente com referência à vinda do Messias. (Jesus é também chamado de Mestre. A palavra “rabi” significa um que ensina, ou Mestre.)

I. A SEGUNDA VISITA DE JESUS A CANÁ (João 4:46-54):

A. A primeira visita foi na ocasião do casamento, logo depois do batismo e tentação de Jesus. Naquela ocasião, Ele transformou a água em vinho, o Seu primeiro milagre. Agora, mais de um ano mais tarde, Ele volta.

B. Ele inicia a Sua obra de cura em Caná de uma maneira espetacular.

1. Um oficial no serviço do Rei Herodes Antipas, cujo filho estava se definhando de uma febre contínua em Cafarnaum, ouviu que Jesus viera da Judéia para a Galiléia. No seu desespero, ele foi a Jesus e “lhe rogou que descesse para curar seu filho que estava à morte.”
2. No princípio Jesus não atendeu seu pedido.
 - a. A fama das curas de Jesus já chegara antes dEle à Galiléia, mas poucos se interessavam pela Sua mensagem de Salvação.
 - b. Ele queria desfazer esta tendência materialista.
 - c. Ele quer que todos o busquem, doentes e sãos, e não

somente os gravemente enfermos.

3. Com Suas palavras: “Se porventura não virdes sinais e prodígios, de modo algum creereis”, Jesus queria provar a fé fraca do oficial.
 - a. “Senhor”, rogou o pai angustiado, “desce antes que meu filho morra.”
 - 1) Este pedido, embargado pela emoção, revela que o oficial não era somente alguém em busca de sinais, mas alguém que levava uma grande tristeza no seu coração e que agora depositava a sua esperança em Jesus.
 - 2) Uma oração dirigida a Jesus nunca encontrava recusa. “Vai, disse-lhe Jesus; teu filho vive.”

I. A PRIMEIRA REJEIÇÃO EM NAZARÉ (Lucas 4:16-30):

- A. **Depois de pregar por algum tempo, em vários lugares na Galileia, Jesus chegou à Sua própria cidade, Nazaré.**
 1. Jesus entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume. Levantou-se para ler e leu Isaías 61:1, 2; 58:2.
 - a. O povo se maravilhou e depois disse: “Não é este o filho de José?”
 - b. “Deixa-O provar a sua reputação, se puder, fazendo um sinal.”
 2. Tentavam matá-lo, mas “Jesus, porém, passando por entre eles, retirou-se” (uma prova de Sua divindade).

III. O NOVO LAR EM CAFARNAUM (Mateus 4:13-17):

- A. **Rejeitado em Sua própria cidade de Nazaré, mudou a Sua família para Cafarnaum para lá habitar.**
- C. **Cafarnaum era a cidade de Pedro, André, Tiago, João, Filipe e Mateus.**

IV. A CHAMADA DOS QUATRO PESCADORES PARA SEREM PESCADORES DE HOMENS (Marcos 1:16-20; Mateus 4:18-22; Lucas 5:1-11):

- A. Quando Jesus voltou da Judeia para a Galileia, passando por Samaria, parece que os seis discípulos que tinham estado com Ele voltaram para os seus lares e ocupações.**
- B. Estavam convencidos de que Ele era o Messias e passaram algum tempo com Ele no curto ministério de seis meses na Judeia.**
 - 1. Mas não estavam com Ele por ocasião de Sua rejeição em Nazaré.
- C. Ensinando em Cafarnaum – Usa o barco emprestado de Pedro – a pesca maravilhosa – e depois:**
 - 1. Foram chamados para deixarem os seus negócios e se retornarem discípulos na escola de Cristo, para mais tarde poderem ser apóstolos (enviados) em Seu serviço.
 - 2. Jesus se encarregou da tarefa de fazer desses pecadores humildes, “pescadores de homens”. Agora não duvidaram mais do êxito de Sua chamada e Sua palavra, como fizeram quando Ele mandou que lançassem as redes. Agora, simplesmente confiam na Sua palavra, e, deixando Zebedeu, seu pai, junto com os empregados para cuidar do negócio de pesca, seguiram a Jesus, juntamente com outros dois irmãos, Tiago e João, que eram seus sócios

V. JESUS ENSINA COM AUTORIDADE, NA SINAGOGA EM CAFARNAUM, E EXPULSA UM DEMÔNIO (Marcos 1:21-28; Lucas 4:31-37):

- A. O efeito de Seu ensino na sinagoga foi maravilhoso.**
 - 1. Através do Seu sermão, Ele lhes ensinou como quem tem autoridade por direito próprio, podendo assim falar a pa-

- lavra final aos corações e consciências dos homens.
2. Depois, aconteceu algo que excitou a multidão ainda mais. Havia no meio da Sinagoga lotada um homem possesso de espírito de demônio.
 - a. Este homem estava sob o domínio de Satanás, “posseço” por ele.
 - 1) “Que temos nós contigo?” - Revela como Satanás pode dominar uma vida.
 - b. “Bem sei quem és: O Santo de Deus.”
 - 1) Aqui o demônio fala por si mesmo e não da parte do homem, apesar de servir-se dos órgãos físicos do homem, para falar.
 - 2) Em outras ocasiões, os demônios chamaram Jesus “o Filho de Deus” (Mateus 8:29)
 - 3) O demônio manifestou medo na presença de Jesus e agitou o homem violentamente, bradando com alta voz, fazendo a multidão arrepiar-se.
 - 4) Jesus falou ao demônio calmamente, mandando que ele saísse do homem, tratando assim o demônio como uma entidade real que estava dominando o homem.
 - 5) Por estas palavras Jesus manifestou seu poder sobre as castas dos espíritos de demônios! O resultado provou o poder de Jesus!
 3. O resultado deste milagre evidente serviu para reforçar o sentimento de admiração do povo.
 - a. Ficou maravilhado... “Que vem a ser isto?” ...Era um ensino novo, uma “nova doutrina”, porque tinha autoridade.
 - b. A fama do sermão desse dia e de Seu poder sobre demônios logo atrairia grandes multidões de toda a circunvizinhança da Galiléia.

VI. JESUS CURA A SOGRA DE PEDRO E MUITOS OUTROS (Marcos 1:29-34; Mateus 8:14-17; Lucas 4:38-41):

A. Mateus viu nesse dia maravilhoso de curas em Cafarnaum o cumprimento da profecia de Isaías 53:4: "Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si."

1. Removeu os sofrimentos dos sofredores.
2. Jesus simpatizou com os sofredores a ponto de sentir todas as fraquezas e dores deles.
3. Ele tomou sobre si nosso pecado e através de Sua obra na cruz, traz alívio para todas as enfermidades produzidas pelo pecado.

O PRIMEIRO CIRCUITO DE PREGAÇÃO NA GALILEIA

I. JESUS FAZ O PRIMEIRO CIRCUITO DA GALILEIA COM OS QUATRO DISCÍPULOS PESCADORES (Marcos 1:35-39; Mateus 4:23-25; Lucas 4:42-44):

Este é o primeiro dos três circuitos que Jesus fez da Galiléia. No segundo, Ele levou os doze com consigo e, no terceiro, Ele enviou os doze de dois a dois, e depois os seguiu.

A. Muito pouco se fala deste primeiro circuito de Jesus pela Galileia. Começou com oração.

1. Levantou-se alta madrugada e foi para um lugar deserto para orar. (Ele era popular). Veio ao Homem Cristo Jesus, a tentação de seguir o caminho do conforto e favores públicos, em vez do difícil caminho do dever).
2. Os Seus discípulos O procuraram até o encontrarem. “Todos te buscam” disseram-lhe. “Vamos a outros lugares”, disse Ele (Marcos 1:38).
 - a. Jesus colocou a pregação das Boas Novas do Reino de Deus em primeiro lugar. Mas a multidão queria milagres de cura...
 - 1) Milagres eram uma necessidade quando o Homem-Deus entrou em contato com a doença e a miséria, mas os Seus milagres eram coisa secundária, quanto ao objetivo maior de trazer os homens ao Reino de Deus.
 - 2) Tudo isto era um conceito muito diferente do conceito deles, isto é, o de um Reino Messiânico Temporal.
 - 3) Não era o propósito dEle se tornar a figura central, em meio a uma população admirada com os milagres que Ele fazia.

II. A CURA ESPANTOSA DE UM LEPROSO CAUSA UMA GRANDE AFLUÊNCIA DE PESSOAS (Marcos 1:40-45; Mateus 8:2-4; Lucas 5:12-16):

A. Até o momento Ele não curara nenhum leproso, segundo o registro bíblico.

1. A lepra era uma repugnante e terrível moléstia, e a crença entre os judeus era a de que ela era “provocada por Deus como castigo por um pecado especial.”
 - a. Segundo o Talmude, “os cegos, os leprosos, os pobres e os sem filhos eram considerados como mortos.”
 - b. Na lista de contaminações, a lepra vem em segundo lugar, logo depois da dos mortos.
2. A um leproso não era permitido entrar numa cidade com muros. (Isto talvez explique porque nenhum foi purificado no sábado em Cafarnaum, quando muitos doentes vieram a Ele.)
 - a. Tinham de clamar: “Imundo!”. Quando alguém se aproximasse

B. O tratamento de Jesus a esse leproso estava em contraste marcante com o dos rabinos.

1. A sua atitude abriu o caminho para este pobre leproso que “estava coberto de lepra” poder entrar na cidade e na casa de Jesus, primeiramente ajoelhando-se e depois, em súplica cheia de adoração, prostrando-se perante Jesus e fazendo uma oração apaixonada: “Se quiseres, podes purificar-me!”
2. Jesus, cheio de compaixão, estendeu a mão e tocou o leproso, dizendo: “Quero, fica limpo!”
 - a. Tocar em um leproso, era violação da lei cerimonial, resultando na contaminação cerimonial. Jesus passou por cima de todos os limites da tradição corrente e se arriscou, para ministrar as necessidades humanas.

- b. A mão de Jesus não ficou imunda, mas o corpo do leproso ficou limpo.

C. Somente ao sacerdote, no templo em Jerusalém, era permitido anunciar que um leproso estava limpo.

- 1. Disse Jesus: “Vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação segundo o que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo.”
 - a. Ele veio para cumprir a Lei!

D. “Olha, não digas a ninguém.” Por que Ele disse isto? Possivelmente, ele o tenha curado por compaixão. Ele curou no caminho para a cruz, por causa de Sua compaixão.

- 1. Não queria que se colocasse a cura em primeiro lugar.
- 2. Veio primeiramente para salvar e não somente para curar. Mas Ele curava e cura ainda hoje, porque é da natureza dEle fazer isto!

III. VOLTANDO DO PRIMEIRO CIRCUITO, JESUS CURA UM PARALÍTICO EM CAFARNAUM E ENCONTRA OPOSIÇÃO (Marcos 2:1-12; Mateus 9:1-8; Lucas 5:17-26):

A. Logo ocorreu que Ele estava em casa e grandes multidões vieram buscá-lo.

B. Os doutores da lei, vieram e estavam no Seu auditório.

- 1. Esta é a primeira menção da oposição organizada dos escribas e fariseus na Galiléia.

C. A casa ficou tão apinhada que não havia mais lugar, nem mesmo junto à porta, tão grande era o desejo do povo para ver o profeta e operador de milagres que criara tanta sensação em toda a Galiléia.

D. Então se deu o grande milagre da cura do paralítico, trazido pelos quatro homens.

1. Disse Jesus: “Filho, os teus pecados estão perdoados.”
 - a. Desaprovação pelos doutores da lei – “Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus!”
 - b. Caíram na armadilha! Os judeus sabiam que somente Deus podia perdoar pecados! Mas não sabiam que Jesus era esse único Deus!
 - c. Resposta: veja Marcos 2:9-11
 - d. Curado! Provou os direitos de Jesus como Deus. Podia curar o pecado.
 - e. Efeito! Admiração! O povo ficou possuído de temor, quase fora de si, maravilhado.
 - 1) Continuavam a glorificar a Deus e dizer, “jamais vimos coisa assim!” “Hoje vimos prodígios.”

IV. A CHAMADA DE MATEUS (Levi) E A FESTA QUE DEU EM HONRA DE JESUS (Marcos 2:13-17; Mateus 9:9-13; Lucas 5:27-39):

A. Levi era oficial da Fazenda, um cobrador de impostos – um publicano (termo dado aos oficiais que faziam a arrecadação das rendas públicas, nas diversas províncias, cidades, vilas e distritos.)

1. Um publicano – Título aplicado aos oficiais do governo romano; um homem que cobrava impostos.
2. Eram odiados pelos judeus – cobravam impostos para os romanos.
 - a. Eram classificados pelo povo, juntos com prostitutas, ladrões, jogadores e agiotas.
 - b. Eram “ladrões licenciados” e, no juízo do povo, “bestas em forma humana.”
3. Não havia esperança para o publicano. Era excluído de toda comunhão religiosa.
 - a. O dinheiro desses era considerado impuro e contaminava quem os aceitava.

- B. Jesus revelou-se o amigo dos homens, até mesmo de publicanos e dos piores pecadores.**
1. Assim fazendo, Ele se fez “de nenhuma reputação” quanto à sociedade religiosa e moral.
- C. Jesus simplesmente falou a Levi: “Segue-me” – “E deixando tudo, O seguiu.”**
- D. Mateus ao oferecer uma grande festa para Jesus.**
1. Tinha uma dupla razão:
 - a. Honrar a Jesus por meio desta confissão apropriada perante todos os homens.
 - b. Fornecer uma oportunidade aos párias sociais como ele mesmo, para entrarem em contato com Jesus, que para ele quebrara todas as barreiras, abrindo-lhe as portas para uma nova vida.
- E. Críticos horrorizados – Fariseus e Escribas.**
1. Falaram aos discípulos de Jesus e não a Ele
 - a. Tentando criar deslealdade nos discípulos e desacreditar Jesus aos olhos deles. (Cuidado com os fariseus de hoje!)
 2. Jesus respondeu, “Os sãos não precisam de médico, e sim, os doentes. Não vim chamar justos, e sim, pecadores ao arrependimento.”
 - a. Segundo o ensino dos fariseus, a respeito do arrependimento, um pecador como Mateus não podia arrepender-se, mas segundo Jesus, a porta para uma nova vida do favor de Deus restaurado, estava aberta a todos.
 - b. Jesus ofereceu não somente perdão, mas também restauração ao lugar de favor e comunhão divina.
 3. Disse Jesus: “Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não holocaustos.”
 - a. O único que Ele pode salvar é aquele que reconhece o fato de que é pecador.

V. JESUS DEFENDE SEUS DISCÍPULOS POR FESTEJAREM EM VEZ DE JEJUAR (Marcos 2:18-22; Mateus 9:14-17; Lucas 5:33-39):

A. Vencidos outra vez, os fariseus armam uma terceira armadilha.

1. Era um plano antigo, fazer com que os discípulos de João Batista entrassem em conflito com os de Jesus, provocando ciúmes.
 - a. Os discípulos de João foram somente os instrumentos dos fariseus quando perguntaram a Jesus: “Por que jejuamos nós e os fariseus muitas vezes e teus discípulos não jejuam?”
 - b. Não lembravam das palavras de João a respeito dos fariseus: “Raça de víboras.”
 - c. A resposta de Jesus, vejamos em Marcos 2:19-20.
2. Jesus fala a parábola do vinho em odres velhos, (Marcos 2:21-22).
 - a. O novo ensino e prática de Jesus não deveriam ser colocados nos odres velhos do judaísmo; ou as velhas formas de jejuns, orações e rituais com o espírito alegre da nova mensagem!
 - b. O cristianismo é espírito e o judaísmo é forma. É impossível uni-los.
 - 1) Houve, pelos judaizantes, uma tentativa de fazer isto nos dias de Paulo.
 - a) Quase arruinou o cristianismo, apesar dos esforços heróicos e corajosos de Paulo.
 - b) Colocando o novo ensino de Cristo nos velhos odres do judaísmo cerimonial, quase destruiu o cristianismo histórico, na Idade Média.
 - c) Ninguém costura remendo de pano novo em veste velha. A veste velha representa as formas e rituais.

- c. Ele (Jesus) faria com que entendessem que costurar um remendo velho dos jejuns e orações formais dos judeus nas boas novas do cristianismo, estragaria completamente o seu espírito.
- d. “Ninguém,” disse Jesus, “tendo bebido o vinho velho, prefere o novo; porque diz: O velho é excelente.”

A GRANDE CONTROVÉRSIA A RESPEITO DO SÁBADO

Jesus encerrou agora o primeiro ano do seu ministério público. A sua fama crescera rapidamente na Galiléia e o ciúme dos fariseus havia sido despertado em todas as partes do país.

O segundo ano do ministério, que Jesus estava iniciando agora, seria um ano de grande favor público. A maior parte do ano seria passada na Galiléia, mas houve uma festa em Jerusalém, que Ele assistiu antes de entrar em suas mais importantes atividades na Província da Galiléia. Foi por ocasião desta festa que Jesus encontrou-se com seus inimigos e discutiu com eles sobre a maneira correta da observância do sábado.

O sábado já se tornara um fardo pesado por causa das milhares de excessivas restrições impostas pelos rabinos; a sua observância tornou-se impossível até mesmo para eles.

Não lhes era lícito curar alguém, para que não quebrassem, mas cumprissem as regras e restrições sobre o sábado! Porém, podiam expulsar pessoas das sinagogas!

I. JESUS CURA UM PARALÍTICO JUNTO AO TANQUE DE BETESDA E, AO DEFENDER-SE POR TER VIOLADO O SÁBADO, AFIRMA SUA DIVINDADE (João 5:1-47):

A. Jesus tinha ido ao tanque de Betesda, que significa “casa de misericórdia”, no sábado, para realizar uma obra de misericórdia em um dos enfermos.

1. Havia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paralíticos, etc. que jaziam nos cinco pavilhões, esperando a agitação das águas.
2. Jesus viu um paralítico, enfermo há 38 anos. Perguntou-lhe: “Queres ser curado?”
 - a. Pelo poder de Jesus, o homem foi curado, levantou-se, tomou o seu leito e andou!

B. A mudança de cenário (versos 10-14). Jesus passou no meio da multidão e o homem o perdeu de vista.

1. O homem atrai a atenção dos fariseus. “Hoje é sábado e não te é lícito carregar o leito.”
2. Resposta: “O mesmo que me curou me disse: “Toma o teu leito e anda.”
3. Pergunta: “Quem é o homem que te disse: “Toma o teu leito e anda?”
 - a. Não importava para os fariseus o fato de ter sido curado um homem paralítico! Estavam com raiva porque ele levava o leito no sábado, violando o sábado!
4. O homem curado foi ao templo, para adorar. Mais tarde naquele dia, Jesus ainda o encontrou no Templo.
 - b. Por causa disto, Jesus pronunciou a sua bênção sobre ele.

C. Parece possível que nessa ocasião Jesus tenha sido chamado perante o Sinédrio, para dar conta formal ou informalmente, pela sua conduta de constantemente quebrar as regras do sábado (versos 16-18).

1. A resposta dele: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.”
 - a. Deus trabalha tanto no sábado quanto em qualquer outro dia.
 - b. Para mais ofender os judeus disse “que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.”
 - 1) “Igual” quer dizer “a mesma coisa” – Concor-
dância Analítica de Young.

D. Jesus aproveita a oportunidade para discorrer diante do povo, mais plenamente, a sua declaração quanto à sua relação com o Pai (versos 19-23) e acrescenta uma explicação quanto à sua conseqüente relação com a humanidade (versos 24-29).

1. Os judeus entenderam muito bem o que Jesus queria dizer por “Meu Pai” e “por isso, pois...ainda mais procura-

vam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual (a mesma coisa) a Deus.

a. Sabiam que somente existia um só Deus, o Espírito eterno! Jesus dizia-se este único Deus, manifestado na carne!

2. Jesus continua em sua reivindicação de ser o único Deus! Ele reivindica as prerrogativas da vida, do juízo, da morte, e da adoração.

a. Jesus reivindicou as prerrogativas da vida e do juízo (versos 21 e 22).

b. Ele afirmou que tem o direito à mesma adoração que os homens atribuem ao Pai.

1) Quem não honra o Filho não honra o Pai.

2) Quem nega a divindade de Jesus desonra o Pai.

a) Nós localizamos o Pai EM JESUS! (João 1:1, 14).

c. Ele reivindica o poder de dar a vida eterna a qualquer que ouça a Sua voz e obedeça.

d. Ele reivindica poder sobre o império da morte, da vida e do juízo (versos 25-29). Eles tiveram oportunidade de testemunhar a chamada de um morto, que já estava na sepultura (João 11), à vida, pela Palavra de Seu poder!

1) É mais uma evidência de ser Ele o Deus Forte em carne.

2) Sendo identificado com a humanidade como Filho do Homem, ele plenamente cumpriu as condições e qualificações para ser juiz.

3. Os seus inimigos, certamente, assim interpretavam as suas palavras e ainda mais procuravam matá-lo.

4. Testemunhas das Suas reivindicações:

a. João Batista (versos 32-35)

b. As Suas próprias obras (verso 36)

c. O testemunho das Escrituras, particularmente os escritos de Moisés, que tanto os fariseus como os sadu-

ceus diziam aceitar (verso 39).

- 1) Professam examinar as Escrituras, julgando ter nelas a vida eterna, mas, disse Jesus, estas mesmas Escrituras testificam de mim.
 - 2) A descrença teimosa deles, cegou-lhes os olhos e paralisou-lhes a vontade.
5. Jesus dá a razão pela qual o rejeitaram: “Contudo não quereis vir a mim para terdes vida” (verso 40).
- a. Não tinham o verdadeiro amor de Deus em seus corações (verso 42) e de bom grado aceitariam um falso messias que viria em seu próprio nome para receber glória dos homens (versos 41-43).
 - b. “Eu vim em nome de meu Pai!” (João 5:43).

II. JESUS DEFENDE SEUS DISCÍPULOS DA ACUSAÇÃO DE TEREM VIOLADO O SÁBADO E AFIRMA A SUA AUTORIDADE SUPREMA (Marcos 2:23-28; Mateus 12:1-8; Lucas 6:1-5):

- A. Possivelmente no próximo sábado, Jesus com os discípulos passaram pelas searas; e, estando os discípulos com fome, colheram espigas e comeram.**
1. Os fariseus estavam presentes para criticar.
- B. O primeiro argumento de Jesus na defesa dos discípulos – O exemplo de Davi (Marcos 2:25, 26; I Samuel 21:6).**
- C. O segundo argumento, da Lei (Mateus 12:5; veja Números 28:9, 10, 18, 19).**
1. Os sacerdotes trabalhavam no Templo em dia de sábado. O serviço deles era justificado, era lícito, era necessário.
 2. Quanto mais os discípulos de Ele seriam justificados, agora, estando a serviço daquele que é mais do que o Templo!
 - a. Jesus dizia ser superior ao Templo, portanto maior do que o sábado, uma vez que o serviço no Templo era

mais importante do que o sábado.

- D. O terceiro argumento veio dos profetas (veja Oseias 6:6) – Deus quer misericórdia.**
- E. O quarto argumento se baseava na ideia original de Deus em fazer o sábado e a superioridade do homem sobre ele (Marcos 2:27). O sábado foi estabelecido por causa do homem e não o homem por causa do sábado.**
- F. O quinto argumento – Ele mesmo é o Senhor do Sábado!**

III. JESUS CURA UM HOMEM COM UMA DAS MÃOS MIRRADA NO SÁBADO E OS FARISEUS CONSPIRARAM COM OS HERODIANOS PARA LHE TIRAR A VIDA (Marcos 3:1-6; Mateus 12:9-14; Lucas 6:6-11):

- A. A pergunta de Jesus: “É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la?”**
 - 1. Eles mesmos ensinavam que era lícito salvar a vida e procurar evitar a morte no sábado.
 - 2. Caíram na cilada e tiveram que dar consentimento, pelo seu próprio silêncio.
 - 3. Mais uma vez os seus inimigos foram vencidos e envergonhados, a ponto de terem de guardar silêncio, quando vieram com a esperança de encontrar alguma base de acusação.

A ORGANIZAÇÃO DO REINO

- I. JESUS RETIRA-SE PARA O MAR E ENSINA A UMA GRANDE MULTIDÃO (Marcos 3:7-12; Mateus 12:15-21):**
- A. Jesus rejeita a explicação da Lei, dada pelos fariseus, e dá ao povo uma nova interpretação.**
 - B. Tudo isso encheu os inimigos de Jesus com um indizível e louco ódio contra Ele. Ele, então, se retira dos lugares do interior, onde estava pregando, e vai para junto do Mar da Galileia.**
 - C. A fama de Jesus se espalhou por toda a parte e, quando Ele se retirou para junto do mar, uma grande multidão O seguia, procedente da Galileia, de Judá, de Jerusalém, da Idumeia, do Sul distante, das regiões além do Jordão, da Fenícia, ou das regiões de Tiro e Sidom. (Tão grande era a multidão, que os discípulos ficaram com um barco pronto para Ele poder afastar-se um pouco da praia, para falar).**
 - D. O ministério ativo de Jesus, pregando, ensinando e curando impressionou Mateus e os outros discípulos de Jesus, por ser um ministério de ternura, de simpatia e de ajuda, e não de violência e crueldade, ou a supressão desapiadada dos seus conterrâneos, como faz um conquistador mundano. (Não era um Messias Temporal; as Suas atividades provaram isto.)**
- II. DEPOIS DE UMA NOITE DE ORAÇÃO, JESUS ESCOLHEU, DENTRE OS SEUS DISCÍPULOS, 12 APÓSTOLOS (Marcos 3:13-19; Lucas 6:12-16):**

A. O Evangelho seria entregue nas mãos dos homens (João 17:18-20; 18:21).

1. Eles estariam com Ele em todo tempo e em todos os lugares; seriam seus companheiros em suas viagens, testemunhas de suas obras, estudantes de Sua doutrina, colaboradores em sua escola prática de experiências e, finalmente, se tornariam realidade como os conhecemos agora, “em nome”, Apóstolos Comissionados de Sua Campanha Mundial para o Estabelecimento do Reino.
2. Por enquanto, estariam aprendendo, através da comunhão diária com o Mestre, o que deveriam ser, fazer, crer e ensinar, como testemunhas e embaixadores dEle.
 - a. Mateus 28:19-20; Atos 2:38; Hebreus 2:3
3. Desta hora em diante, o treinamento dos discípulos ocuparia a maior parte do tempo e atenção do Mestre (Mateus 13:10-11; Lucas 8:10; João 14:22).
4. Ele mesmo os ensinaria, preparando-os para a tarefa de construir mais tarde sobre os alicerces que Ele mesmo estava lançando
5. Jesus chamou os doze “apóstolos”, porque eles seriam enviados por Ele.

B. Há quatro listas dos apóstolos, registradas no Novo Testamento: Marcos 3; Mateus 10; Lucas 6 e Atos 1:13. Os apóstolos são: Simão Pedro, André, Tiago, João, Filipe, Natanael (Bartolomeu), Tomé, Mateus, Tiago (filho de Alfeu), Judas (Tadeu), Simão Zelote, Judas Iscariotes. (O nome de Pedro sempre aparece primeiro e o nome de Judas Iscariotes por último.)

III. NO SERMÃO DA MONTANHA, JESUS FAZ A DECLARAÇÃO DOS IDEAIS E PRINCÍPIOS DO SEU REINO (Mateus 5-7; Lucas 6:17-49):

A. Jesus pregou este maior de todos os sermões registrados na história humana, logo após ter escolhido os doze.

1. Nele Jesus define os ideais e objetivos do Seu Reino.
2. Também expõe os ideais e princípios fundamentais do Reino.

B. O Sermão da Montanha é uma espécie de oração inaugural sobre o tema: “Os ideais do Reino dos céus”. Nele, Jesus lançou a base fundamental do trabalho do Reino para todo o sempre.

1. O caráter e os privilégios dos súditos ideais do Reino. Estes se encontram nas Bem-Aventuranças (Mateus 5:3-12; Lucas 6:20-26).
 - a. Jesus falou aos seus discípulos as qualidades e características que os fariam verdadeiramente felizes e dignos de congratulações.
 - 1) Os homens devem alcançar a felicidade por um método de natureza interna.
 - b. Os primeiros quatro descrevem as características da alma com respeito a outrem.
2. A função e missão dos súditos do Reino (Mateus 5:13-16)
 - a. Seriam “o sal da terra”.
 - 1) Há pecado no mundo, e a conseqüente deterioração e corrupção.
 - 2) O sal somente salva da corrupção, através do contato. O sal estanca o processo de deterioração e estimula as forças vitais, sacrificando a sua própria força em assim fazer.
 - 3) O discípulo somente pode salvar o mundo pelo sacrifício de si mesmo.
 - b. Haveriam de ser a luz do mundo inteiro.
3. O padrão moral ideal do Reino em relação à interpretação farisaica das leis mosaicas (Mateus 5:17-48; Lucas 6:27-30; 32-36).
 - a. Jesus declara que o padrão moral e ético do seu Reino é o cumprimento da Lei de Moisés (Mateus 5:17-20).

- 1) Ele revelou a profundidade do sentido da Lei e dos profetas.
- b. Jesus ilustra de diversas maneiras a superioridade da justiça de Seu Reino sobre a dos fariseus e saduceus e, também, da sua interpretação da lei (Mateus 5:21-48).
 - 1) Homicídio – Jesus localizou o homicídio no pensamento e atitude de ira e ódio.
 - 2) Adulterio – Jesus declara que a semente do adultério se encontra no olhar cobiçoso, como sendo este, virtualmente, a consecução do ato.
 - 3) Divórcio – Jesus ensina que nem marido, nem esposa, têm o direito de dissolver a relação matrimonial, a não ser pela única causa de infidelidade.
 - 4) Juramento – Jesus proíbe todas as formas de juramento, ou imprecação.
 - 5) Vingança (Retaliação) – Jesus remove completamente do homem o direito de vingar-se das pessoas. Afirmou que é melhor sofrer injúrias do que cultivar o espírito de vingança.
 - 6) Odiar os inimigos – Jesus nos mandou amar os nossos inimigos.
4. O ideal da justiça do Reino na religião prática (Mateus 6:1-7, 12).
 - a. O ideal da justiça do Reino em todos os atos de culto é o de honestidade (Mateus 6:1-18).
 - 1) Maior ênfase na prática da oração, que é “O Santo dos Santos” da adoração.
 - 2) A verdadeira oração descobre o íntimo do homem à luz de Deus.
 - b. A atitude ideal do súdito do reino para com Deus (Mateus 6:19-34).
 - 1) O cidadão do Reino deve sempre manter uma atitude de sincera e completa confiança em Deus e fazer do reino de Deus o objeto que controla e domina toda a sua vida.

- a) Àquele que coloca em primeiro lugar na sua vida o Reino de Deus, nunca faltará comida, roupa e as outras necessidades da vida. A razão – Deus sabe que precisamos destas coisas e providencia.
- c. A ideal Lei Social do Reino (Mateus 7:1-12; Lucas 6:37-42).
 - 1) A Lei Áurea encerra numa regra todo o nosso dever para com o nosso próximo. Esta deverá servir de guia em todas as relações da vida.

IV. A CONCLUSÃO DO SERMÃO É ALTAMENTE PRÁTICA, INDICANDO COMO OS SÚDITOS DO REINO PODEM ALCANÇAR OS ELEVADOS IDEAIS EXPOSTOS NESSE DISCURSO (Mateus 7:13-27; Lucas 6:43-49):

A. Nesse solene apelo, há quatro exortações e advertências dadas aos discípulos.

1. A todos é ordenado entrar pela porta estreita e pelo caminho apertado para a vida (Mateus 7:13,14).
2. São advertidos a tomarem cautela contra os falsos profetas (Mateus 7:15, 16; Lucas 6:43-45).
 - a. A boca fala, mais cedo ou mais tarde, o que está no coração.
3. Jesus adverte contra a falsa religião particular (Mateus 7:21-23; Lucas 6:46).
4. Jesus diz que o nosso êxito vitorioso na vida depende de construirmos sobre as doutrinas reveladas no Sermão na Montanha.

B. Não é de se maravilhar que, ao terminar de ensinar Jesus, as multidões “Estavam maravilhadas da Sua doutrina”. Tais palavras de graça saíram da sua boca, faladas de u-

ma maneira tão graciosa, que diziam. “Nunca homem algum falou como este homem!” E, não é de se maravilhar que, ao descer da montanha, grandes multidões o seguiram.

A SEGUNDA CAMPANHA MISSIONÁRIA NA GALILÉIA

Depois do Sermão na Montanha, Jesus volta com o grupo recém-organizado de discípulos para Cafarnaum, a cidade elevada aos céus nestes dias de seu ministério na Galileia.

I. JESUS CURA O CRIADO DE UM CENTURIÃO EM CAFARNAUM (Mateus 8:5-13; Lucas 7:1-10):

- A. Este é um dos mais interessantes incidentes que se encontra na Bíblia, a cura do horrivelmente atormentado criado, paralítico, quase à morte.**
 - 1. O criado era muito estimado pelo seu mestre gentio.

- B. Apesar de o centurião ser gentio e não prosélito à fé judaica, ele deve ter testemunhado a cura do paralítico em Cafarnaum, alguns meses antes, e ter ouvido falar da cura do filho do nobre gentio, ao qual Jesus curara enquanto estava em Caná.**

- C. O centurião gentio veio a Jesus, não pessoalmente, mas através de uma comissão de anciãos da sinagoga, pedindo-lhe que fosse curar o criado.**
 - 1. Estes amigos judeus, com insistência, suplicaram-lhe que Ele fosse depressa atender o pedido.
 - 2. Deram o testemunho deles a respeito do caráter do centurião. “Ele é digno de que lhe faça isto; porque é amigo do nosso povo, e ele mesmo nos edificou a sinagoga.”

- D. O fato de o centurião não ter ido pessoalmente a Jesus prova que ele não era prosélito à fé dos judeus e que, por isso, não se sentiu à vontade para aproximar-se de um rabi judaico.**

1. Os fatos da narração mostram que ele era homem de grande coragem, além de ser homem de responsabilidade pública.
2. Ele muito estimava o criado, e não somente fez com que ele fosse cuidado em sua própria casa, mas saiu a fim de buscar a cura para ele, em humildade, apelando para Jesus, um judeu.
 - a. Tal tratamento de um escravo naqueles dias era de veras raro.

E. Enviou um outro grupo de amigos, estando Jesus já perto da casa, para lhe dizer, em nome do centurião, que não devia se incomodar.

1. Ele humildemente afirma que o motivo de não ir ter ele mesmo com Jesus, em vez de enviar os anciões, era que não se julgava digno e que agora estava enviando os mensageiros para dizer: “Não sou digno que entres em minha casa...”; sendo gentio a sua casa era proibida a um judeu.
 - a. Para os judeus a casa de um gentio era impura. Esse soldado romano teria de humilhar-se sobremaneira para dizer, “Não sou digno de recebê-lo em minha casa.”

F. Junto com esta humildade, encontramos a fé no poder ilimitado de Jesus, que provocou elogios e admiração do Senhor.

1. A sua concepção de Jesus era que Ele somentealaria uma palavra de autoridade e os demônios haveriam de sair, em obediência àquela Palavra.
2. “Apenas manda com uma palavra” de onde estás, e “o meu rapaz será curado.”
3. O centurião colocou o Salvador no trono do universo! Ele o reconheceu!
4. A resposta de Jesus: “Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta.”

- a. Aqui se encontra uma confiança absoluta que considera todas as coisas possíveis para Jesus, e isto partiu de um homem que não tinha direito de reivindicar a bênção, nem por raça e nem através de preparo íntimo.
- b. Uma fé tão pura, sincera e humilde, externada pelos lábios de um gentio, homem desprezado pelos judeus, fez com que Jesus refletisse no alto destino do seu Reino (Mateus 8:11,12).

G. Seria de se acreditar que Jesus não tenha parado, mas que tenha continuado até chegar à casa do centurião.

- 1 Sem dúvida, Jesus falou pessoalmente palavra de consolação e conforto: “vem e será feito segundo a tua fé.”

II. A RESSURREIÇÃO DO FILHO DA VIÚVA DE NAIM (Lucas 7:11-17):

A. Jesus, com uma simples palavra, chamou de volta a alma desse jovem, restaurou a sua força física e, no mesmo instante, o rapaz levantou-se e falou.

B. Como resultado desse milagre, João Batista, estando na prisão, ouviu falar de Jesus.

1. Enviou mensageiros para perguntar a Jesus: “És tu aquele que estava para vir, ou havemos de esperar outro?”

III. OS MENSAGEIROS DE JOÃO BATISTA E O ELOGIO DE JESUS (Mateus 11:2-19; Lucas 7:18-35):

A. A pergunta de João não indicou a perda de fé no Messias vindouro. Era uma expressão de fé que o Messias viria.

- B. Quando os mensageiros de João chegaram, Jesus estava ocupado com seu ministério de curar e pregar à multidão composta de todas as classes.**
- C. “Naquela mesma hora curou Jesus a muitos de moléstias e flagelos e de espíritos malignos; e também deu vista a muitos cegos...”**
- D. Então Jesus mandou os mensageiros voltarem para João e contarem o que haviam visto (Isaiás 35:5-6): Maquias 3:1 (Jesus cumpriu a profecia).**
- E. Jesus então passou a tributar a João o maior elogio já dado ao homem mortal (Mateus 11:7-11).**
 - 1. Era o maior dos profetas, em privilégio, se não em caráter, porque era o precursor do Messias.
 - 2. Note: “Mas o menor no Reino dos céus é maior do que ele!”
 - a. Não moralmente, e sim em posição. A nova dispensação – o Espírito Santo!

IV. JESUS REPREENDE AS CIDADES IMPENITENTES, QUE TIVERAM TANTAS OPORTUNIDADES, E ASSUME O FARDAMENTO MORAL DO MUNDO (Mateus 11:20-30):

- A. A maioria das grandes obras de Jesus foram feitas na Galiléia e, principalmente, em redor do Mar da Galiléia, nos populosos distritos de Corazim, Betsaida e Cafarnaum.**
 - 1. Passou, então, Jesus a repreender as três cidades que tinham sido a cena de suas maiores atividades, porque não se arrependeram.
 - a. Haverá menos rigor para Tiro, Sidom e Sodoma no dia do juízo, do que para estas.
 - b. A quem muito é dado, muito será exigido.

B. Mateus 11:27 – “Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.”

1. A maneira de trazer os homens a esse conhecimento se vê no convite maravilhoso que se segue (Mateus 11:28-30).
 - a. Ele é o mestre final e absoluto a respeito do Pai.
 - b. O Servo Sofredor se apresenta no meio da humanidade sofredora como o maior sofredor de todos e, com o seu próprio coração partido por não poder fazer os homens verem o Pai, estende as mãos, num convite gracioso, a todos os homens que vierem a Ele para encontrar descanso.
 - 1) O mesmo descanso prometido por Isaías 28:11-12, foi dado no Grande dia de Pentecostes, Atos 2:4. Note Atos 3:19.
 - c. Ele é o Mestre final, com autoridade para ensinar à humanidade todas as coisas pertencentes à vida e ao destino.
 - d. Ele declarou ter o conhecimento absoluto do Pai e apresenta-se a si mesmo como o Mestre, humilde, manso e pobre, mas apto para revelar Deus a todo o homem.
 - 1) Mateus 11:27 – Veja Jesus revelando-se o Pai em João 14:8-9 e João 20:27-28.

V. UMA PECADORA UNGE OS PÉS DE JESUS NA CASA DE SIMÃO, UM FARISEU (Lucas 7:36-50):

- A. Em algum lugar na Galileia, durante a segunda campanha missionária, (possivelmente Magdala), Jesus, com os 12 discípulos, foi convidado por Simão, um certo fariseu, para jantar com ele.
- B. Simão, friamente, dispensou todas as atenções costumeiras dadas a hóspedes convidados.

- C. **Simão quis submeter Jesus a um exame minucioso para ver se Ele de fato era profeta.**
- D. **A pecadora entrou. Lavou os pés de Jesus com suas lágrimas, enxugou-os com os próprios cabelos; beijou-lhe os pés e os ungiu com unguento, tudo com profundo arrependimento e reverência.**
- E. **Simão: “Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora.”**
- F. **Jesus: Depois de contar uma parábola, perguntou: “Qual deles, portanto, o amará mais?”**
- G. **Simão: “Suponho que aquele a quem mais perdoou.”**
- H. **Jesus perdoa a mulher dos seus pecados (verso 48), e todos dizem, “Quem é este que até perdoa pecados?”**

VI. JESUS ESTENDE A SUA CAMPANHA NA GALILEIA, PARA ÁREAS MAIS EXTENSAS, ACOMPANHADO PELOS DOZE (Lucas 8:1-3):

- A. **A Sua obra se aprofundara nos corações do povo. O milagre em Naim atraía grande atenção do povo.**
 - 1. **A Sua pregação possuía grande apelo e estava alcançando alguns dos piores pecadores e trazendo-os de volta, de suas vidas de depravação.**
- B. **Depois, vem a organização sistemática da campanha pela província; de cidade em cidade, de aldeia em aldeia.**
 - 1. **Os doze estavam com Ele, mas até este momento era Ele mesmo quem pregava e anunciava o Reino de Deus. O tema dele era: “As boas novas do Reino de Deus.”**

UM DIA OCUPADO NA VIDA DE JESUS

Ao voltar Jesus para Cafarnaum, depois de seu circuito pelas cidades da Galiléia, entrou na casa de um tal Simão. A multidão se juntou. Tanto pessoas ansiosas para ouvir e ver, quanto para serem curadas; afluíam, e Jesus e seus discípulos nem tinham tempo ou lugar para descansar ou comer. Tão grande era a tensão, que alguns de seus amigos ficaram preocupados com Ele.

A ansiedade deles foi agravada pela presença dos inimigos de Jesus que vieram de Jerusalém, e agora estavam espalhando a acusação de que Ele “estava fora de si”, talvez fora de seu juízo normal. Até alguns dos seus amigos interpretavam da mesma forma que os fariseus e queriam tirá-lo da multidão, removendo-O da intensidade do seu movimento.

I. JESUS É ACUSADO PELOS FARISEUS DE ESTAR EM ALIANÇA COM BELZEBU E RESPONDE À ACUSAÇÃO (Marcos 3:20-30; Mateus 12:22-37):

- A. Neste momento, trouxeram-lhe um endemoninhado, cego e mudo.**
- B. Jesus fez um milagre nele de tal maneira simples que, quando o povo viu o mudo falar e ver, ficou quase “fora de si” de tanta admiração.**
 - 1. Continuavam a dizer: “É este, porventura, o Filho de Davi?”
- C. O respeito e a fé em Jesus estava crescendo, apesar de tudo o que os rabinos estavam fazendo contra Ele às ocultas.**
 - 1. Foi a primeira vez que o povo havia expressado abertamente a sua opinião de ser Jesus o Messias, e os inimigos que o vigiam ficaram com raiva.

D. Os fariseus tentaram dar uma explicação desse milagre inegável, afirmando estar Jesus em aliança com Belzebu, o príncipe (maioral) dos demônios.

E. Jesus empregou três argumentos concisos em resposta à acusação deles.

1. “Como pode Satanás expelir a Satanás?”
 - a. Disse Ele: “Se um Reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não pode subsistir.”
 - b. “Se uma casa estiver dividida contra si mesma, tal casa não poderá subsistir.”
 - c. “Se, pois, Satanás se levantou contra si mesmo e está dividido não pode subsistir; mas perece.”
 - d. “Se Satanás expele a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino?
 - 1) Se Jesus expulsasse o demônio pelo poder do maioral dos demônios, então o reino de Satanás estava dividido contra si mesmo. Até os mais simples podiam entender isto.
2. Um argumento contra eles mesmos.
 - a. Alguns em seu grupo disseram ter poder para expelir demônios.
 - b. Alegariam os fariseus que esses “filhos” deles mesmos estavam expelindo demônios pelo poder de Belzebu?
3. Como podia ele entrar na casa “do valente” Satanás e “roubar-lhe os bens” (o homem endemoninhado), a não ser que tivesse poder para primeiro amarrar o valente?
 - a. A conclusão inevitável é que Ele está ligado a um poder superior ao de Satanás, e só existe um poder tal, o de Deus.
 - 1) “Certamente é chegado o reino de Deus sobre vós”, diz Ele.
 - 2) Indiretamente, Ele afirmou ser o que o povo estava dizendo; “que era o filho de Davi,” o Messias.

F. Os fariseus deveriam ser cuidadosos em sua atitude para com Ele. O poder de Deus estava sendo manifestado no meio deles através destas curas maravilhosas.

1. Ele acrescenta: “Quem não é por mim, é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha”
 - a. A atitude deles a respeito dEle mostraria se estavam do lado de Deus ou do lado de Satanás.

G. Jesus, então, faz uma contra-acusação de blasfêmia contra o Espírito Santo.

1. Ele lhes advertiu que há um limite ao antagonismo do homem contra o Espírito de Deus.
 - a. Estes homens estavam convencidos de que Jesus era representante do reino de Deus, mas, apesar disto, atribuíram as obras dEle, obras feitas pelo poder do Espírito de Deus, ao poder de Satanás.
 - b. Tal blasfêmia nunca seria perdoada, nem neste mundo, nem no porvir.
 - c. Esses fariseus estavam determinados em suas mentes a rejeitarem Jesus, quaisquer que fossem as provas de sua missão divina.
 - 1) Seus preceitos e interesses próprios os cegaram. De propósito, recusaram ser convencidos. As suas consciências estavam amortecidas e os corações tornaram-se incapazes de chegarem ao arrependimento.
 - 2) Propositadamente e deliberadamente, mostravam inimizade e antagonismo contra Ele, blasfemando contra Deus.
 - d. O pecado eterno é antagonismo contra a obra manifesta do Espírito, atribuindo-a a Satanás (Hebreus 6:4-10).

II. ALGUNS DOS FARISEUS E ESCRIBAS EXIGEM UM SINAL (Mateus 12:38-42):

- A. Os emissários de Jerusalém provavelmente tinham colocado alguém dos fariseus locais à frente agora, para pedir de Jesus um sinal em confirmação à sua reivindicação de ser o Messias, o representante do reino de Deus.**
1. Com hipocrisia, expressavam desejos de vê-lo dar um sinal, que poderia resolver as dúvidas deles a respeito de ser Ele ou não o Messias.
- B. O povo esperava que, quando o Messias viesse, Ele repetiria os grandes feitos e milagres de Moisés e Josué.**
1. A força deste pedido reside em que o povo achava que ele devia fazer esses sinais, se era de verdade o Messias.
- C. Ele deu o sinal espiritual de sua vida sacrificial, terminando na sua morte e os três dias na sepultura. Seria este o sinal do Profeta Jonas.**
- D. Depois, Jesus passa a vaticinar (antever) o juízo futuro e condenação sobre eles, comparando-os com os homens de Nínive e a Rainha de Sabá.**
- III. A MÃE E OS IRMÃOS DE JESUS VIERAM TER COM ELE, A FIM DE LEVÁ-LO PARA CASA (Marcos 3:31-35; Mateus 12:46-50; Lucas 8:19-21):**
- A. Esses irmãos mostravam simpatia para com Jesus, desde cedo no seu ministério (João 2:12), mas, depois que Ele foi rejeitado em Nazaré (Lucas 4:16-31), isso parece ter desenvolvido neles uma descrença a respeito de Suas reivindicações, e, mais tarde, eles zombaram dEle, chamando-o “O Messias secreto” (João 7:5).**
- B. Jesus não parou sua obra, mas serviu-se da oportunidade para revelar o princípio fundamental para a sua obra e**

também a de todos os seus obreiros do reino para todo o sempre.

1. “Quem é minha mãe e que são meu irmãos?” Estendendo a sua mão e olhando para os discípulos assentados em volta, disse ternamente:
 - a. “Eis minha mãe e meu irmãos. Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe; são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a praticam.”

C. Jesus aponta a verdade de que toda a relação humana deve ser subordinada às mais altas relações do reino.

1. Ele entrou na família humana para que pudesse fundar a família espiritual.
2. Ele ensina claramente a natureza espiritual de Seu reino. Que é a de ser uma grande família espiritual; aqueles que fazem a vontade de Deus são seus verdadeiros parentes humanos; irmãos, irmãs e mãe. Até mesmo a sua mãe não o entendeu nesta ocasião.

IV. JESUS PRONUNCIA O PRIMEIRO GRANDE GRUPO DE PARÁBOLAS EM CAFARNAUM (Marcos 4:1-34; Mateus 13:1-53; Lucas 8:4-18):

A. Jesus já tinha, ocasionalmente, se servido de parábolas no seu ministério, mas agora ele adota este estilo de ensinamento, usando-o frequentemente.

B. Saiu à tarde, assentou-se à beira-mar, e uma grande multidão se reuniu perto dEle. Então, entrou em um pequeno barco e assentou-se, enquanto toda a multidão estava em pé na praia.

1. A parábola é uma fala que envolve uma comparação. É um paralelo objetivo de verdades morais e espirituais.
 - a. Não é somente uma mera comparação, e sim uma nar-

ração de eventos numa vida humana, ou processo na natureza, através da qual a verdade espiritual é ilustrada ou entendida.

2. Nas mãos de Jesus, a parábola tornou-se um veículo de instrução, conforto e condenação.
 - a. As parábolas normalmente, como aqui, saíam das circunstâncias e necessidades imediatas.

C. O propósito de Jesus ao usar parábolas.

1. Ele serviu-se das histórias – parábolas, em primeiro lugar, para ganhar e reter a atenção do povo e ensinar as verdades vitais numa forma concreta que seria facilmente retida pela memória.
 - a. Ele era o Mestre Supremo. Escolheu cenas, eventos e objetos conhecidos pelo povo, assim fortalecendo o efeito.
 - b. O grande propósito de Cristo, sem dúvida, teria sido o de iluminar as mentes humanas e abrandar os corações humanos, através dos seus ensinamentos.
 - 1) Devemos ter o desejo de iluminar, abrandar e salvar, e não o de escurecer, endurecer e destruir.
2. Outra razão para usar parábolas teria sido para ajudar os discípulos a entenderem o seu desapontamento e o fracasso de seu ministério em alcançar e converter as grandes multidões.
 - a. Parecia que tal mensageiro e tal mensagem deveria vencer todo o homem dentro de seu alcance, mas tal não foi o caso.
 - b. Os discípulos deveriam aprender agora que o fracasso que eles mesmos sofreriam não seria devido a eles e à sua mensagem, e sim às condições dos próprios ouvintes.
3. Uma outra razão seria a condição moral e espiritual do povo a quem estava ensinando.
 - a. Ele começou com as Bem-aventuranças e ensinamentos simples, mas não foram aceitos; depois, usando de

similitudes (comparações), mas sem maior êxito.

- 1) Os ouvidos do povo estavam fechados, os olhos estavam cobertos de escamas e os corações endurecidos.
- b. Jesus usou a forma de ensino por meio de parábolas, para poder peneirar (separar) seus discípulos.
 - 1) A sua pá, ele a tem na mão. Os que queriam entender e que estavam prontos para aceitar a verdade seriam estimulados cada vez mais para investigar. Os que não queriam receber e que estavam rejeitando, seriam estimulados mais e mais no endurecimento de seus corações.
 - 2) A pregação do Evangelho tem o mesmo efeito. O uso de parábolas no ensino fazia dele algo a ser alcançado somente por aqueles que realmente buscam (A nuvem – era trevas para o inimigo, mas luz para Israel. A parábola ilumina os instruídos e traz confusão aos que voluntariamente rejeitam a verdade.
4. Por outro lado, a parábola evitou a ofensa de uma repreensão, mas não o efeito.
 - a. Ele revelou a conduta e o caráter de seus antagonistas, mas sem fazer com que o povo se afastasse dEle.
 - b. A parábola era um teste de caráter e foi propositadamente usada por Jesus para despertar a consciência e conduzir o povo, aos poucos, a compreender a mensagem contida na parábola que, a princípio, somente serviu de estímulo.

D. As oito parábolas dispõem-se em quatro pares: O Semeador e a Semente, O Joio e o Trigo, O Fermento e o Grão de Mostarda, O Tesouro Escondido e a Pérola de Grande Preço. Cada um ilustra uma fase do Reino do céu.

1. A primeira parábola à beira-mar foi provavelmente a do Semeador (Marcos 4:3-25; Mateus 13:3-25; Lucas 8:5-18).

- a. Esta parábola explica as causas do sucesso e do fracasso do Evangelho e revela que estes estão na qualidade de solo, ou o estado de ânimo dos ouvintes.
2. A parábola da semente crescendo por si mesma; primeiro a erva, depois a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga (Marcos 4:26-29).
 - a. Esta parábola, que ensina o crescimento gradual e lento da Palavra do Reino, é suplementar à do Semeador.
 - 1) Os obreiros no reino estão propensos a exagerar sua própria importância como instrumento e, assim, interferir no progresso do desenvolvimento segundo as leis espirituais do reino.
 - 2) Esperando ver resultados imediatos, ficam impacientes e desanimados.
 - 3) Jesus queria cultivar nos seus discípulos as virtudes de dependência, fé e paciência.
 - 4) A erva, a espiga e o grão cheio na espiga, sugerem progresso, segundo a lei natural, através de estágios sucessivos.
3. A parábola do Joio (Mateus 13:24-30; 36-43).
 - a. A missão do servo de Deus não é de destruição, e sim, a de salvação.
 - b. Há uma separação final.
 - 1) Os anjos ajuntarão os maus em feixes, como o joio, e os atarão para serem queimados. Os justos serão ajuntados nos celeiros do Senhor.
4. A parábola da Grande Rede (Mateus 13:47-50).
 - a. Tentar arrancar o joio por um processo violento é perigoso. A grande verdade que recebe ênfase na parábola da rede é que, a seu próprio tempo, a separação será efetuada, e que tal separação se dará segundo o caráter e o valor de cada um para Deus.
5. A parábola do Grão de Mostarda (Marcos 4:30-32; Mateus 13:31-32).
 - a. Um princípio pequeno, o desenvolvimento gradual e crescimento e a grandeza final, são os pontos princi-

pais da ilustração.

- b. A semente é pequena, mas como o grande carvalho brota da pequenina bolota, a congregação pequena crescerá algum dia e será uma grande igreja, se a semente for lançada na terra.
6. A parábola do Fermento e muitas outras (Marcos 4:33-34; Mateus 13:33-35).
- a. A parábola do grão de mostarda, foi tirada da vida agrícola; esta do fermento é tirada das atividades domésticas.
 - b. O fermento opera através da lei espiritual da influência pelo contato.
 - 1) É necessário que os elementos do Reino (o fermento) esteja em contato com um mundo descrente para poder levedar.
 - 2) A influência dos elementos do Reino deve ser real, vital e ativa, produzindo mudança espiritual e transformação naqueles com os quais faz contato.
 - 3) O fermento opera silenciosamente e discretamente; mas é penetrante, persuasivo e atingirá o fim a que se propõe.
 - 4) Seja onde for colocado o fermento do Reino, ocorrerá uma grande transformação.
7. A parábola do Tesouro e a Pérola de Grande Preço (Mateus 13:44-46).
- a. O campo é o mundo (Mateus 13:38); o Senhor é o comprador com o preço incalculável de seu próprio sangue (I Pedro 1:18); a Igreja é a Pérola.

E. Ao terminar a tarde de ensinos, por meio de parábolas, à beira-mar, e suas interpretações particulares aos discípulos em casa, Jesus encerrou seu discurso com uma pergunta e uma ilustração (Mateus 13:51-53) “Entendestes todas estas coisas?”

- 1. Como escribas versados no reino dos céus, vocês serão

semelhantes a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas.

- a. Ele poderia tirar das profecias velhas e dos tesouros do passado o conhecimento do passado, mas também poderia tirar das novas verdades reveladas agora por meio de parábolas.

V. ATRAVESSANDO O MAR, JESUS ACALMA A TEMPESTADE (Marcos 4:35-41; Mateus 8:18, 23-27; Lucas 8:22-25):

A. Depois de encerrar os seus ensinamentos, Jesus falou aos seus discípulos: “Passemos para a outra margem.”

1. A bordo do barco, cansado, Ele assentou-se na popa do barco e adormeceu.
 - a. É a primeira vez que o registro nos evangelhos fala do sono de Jesus.
2. Fraqueza, cansaço e esgotamento dominaram o físico do Homem Jesus, e Ele estava dormindo profundamente.
3. De repente, levantou-se grande temporal de vento e as ondas se arremessavam furiosamente contra o barco.
 - a. As ondas se arremessavam contra o barco, de modo que o mesmo já estava a encher-se de água.
 - b. Esqueceram-se de que o Senhor da Vida estava a bordo, esqueceram tudo em seu pânico e medo diante da morte. Depois veio a Ele para acordá-lo com um grito de angústia e medo.
 - 1) O temporal não pôde acordá-lo, mas o clamor dos discípulos o fez.
4. A resposta d'Ele: “Por que sois assim tão tímidos? Como é que não tendes fé?”
 - a. Jesus era Mestre até mesmo enquanto dormia.
5. “Acalma-te, emudece!”
 - a. Estavam possuídos de grande temor e não é de se admirar! Aqui estava alguém que, no mesmo dia, curara

um mudo e cego, enfrentara os fariseus e os saduceus e os derrotara, ensinara muitas coisas maravilhosas por parábolas, e agora, com uma palavra, fizera acalmar os ventos tempestuosos e o mar revoltado.

b. A resposta deles: “Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?”

1) Não era um homem qualquer – Era Deus em carne!

VI. ALÉM DO MAR, PERTO DE GADARA, JESUS CURA DOIS ENDEMONINHADOS (Marcos 5:1-20; Mateus 8:28-34; Lucas 8:26-39):

A. O barco atracou na costa leste, perto da cidade de Gadara.

1. Vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados, saindo dentre os sepulcros, clamando a Ele e dizendo: “Que temos nós contigo, ó Filho de Deus? Vieste aqui atormentar-nos antes de tempo?”
2. Jesus repreendeu os demônios, e eles saíram para entrar em uma vara de porcos que estava ali perto.
3. A cidade toda saiu para encontrar-se com Jesus, rogando-lhe que “se retirasse da terra deles.”
 - a. Tinham medo que maiores desastres pudessem acontecer às suas possessões.
 - b. Amavam mais os seus pecados, seus demônios e seus porcos do que tudo.
4. Jesus logo retornou ao barco e voltou para a outra banda do mar.
 - a. Um dos homens suplicou que o deixasse estar com Ele.
 - 1) “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti.”
 - 2) Jesus não quis deixar a cidade sem um evangelista, apesar de serem ingratos.

VII. VOLTANDO A CAFARNAUM, JESUS OPERA DIVERSOS MILAGRES DE FÉ (Marcos 5:21-43; Mateus 9:18-34; Lucas 8:40-56):

- A. Depois de expelir os demônios dos dois homens na costa leste, o Senhor voltou de barco para a outra banda onde era esperado por uma grande multidão.**

- B. A notícia de sua volta logo se espalhou pela cidade de Cafarnaum e a multidão afluiu para encontrá-lo na praia.**

- C. Um dos que vieram, enquanto Jesus estava falando à multidão, era Jairo, um dos principais da sinagoga.**
 - 1. Ele apressa-se a chegar a Jesus, grandemente perturbado, porque sua única filha, uma menina de 12 anos, estava à morte.
 - 2. Na sua angústia, Jairo jogou fora todo o orgulho e caiu aos pés de Jesus, em reconhecimento à sua superioridade, e insistentemente suplicou que o Senhor impusesse as mãos sobre a sua filha.
 - 3. Jesus levantou-se e foi com seus discípulos (que estavam para ver um dos maiores milagres de Jesus), seguindo Jairo em direção à sua casa.
 - 4. Grandes multidões apertavam a Jesus, e Ele parou e perguntou: “Quem me tocou nas vestes?”
 - a. No meio da multidão, havia uma mulher, que sofria de uma hemorragia, já há 12 anos.
 - b. Ela era positiva na sua fé; que se ela pudesse somente tocar nas vestes de Jesus, ficaria curada.
 - c. Ela tinha que passar pela multidão para poder tocá-lo, mas, quando o fez, sentiu que seu corpo estava curado do seu flagelo.
 - 5. Depois, Jesus continuou até a casa de Jairo, onde ressuscitou sua filha.

D. Ao partir Jesus da casa de Jairo, seguiram-no dois cegos, clamando: “Tem compaixão de nós filho de Davi.” (Mateus 9:27-34).

1. “Credes que eu posso fazer isso?” perguntou Jesus. A resposta deles, “Sim, Senhor.”
 - a. Então lhes tocou os olhos dizendo-lhes, em confirmação à sua fé esperançosa: “Faça-se-vos conforme a vossa fé”, e abriram-se-lhes os olhos.

E. Jesus acrescenta ainda mais um milagre.

1. Foi-lhe trazido um mudo endemoninhado.
 - a. Após expelido o demônio, o mudo falou.
2. O efeito nas multidões foi que produziu nelas grande admiração.
 - a. “Jamais se viu tal coisa em Israel,” eles exclamaram.
3. Os fariseus tinham uma explanação pronta: “Pelo maioral dos demônios é que expele os demônios”, murmuravam
4. Passando os dias, a inimizade e o antagonismo deles crescia e ficava mais profundo.

O TERCEIRO CIRCUITO DE PREGAÇÃO NA GALILÉIA

Jesus deixa temporariamente Cafarnaum e os seus discípulos para fazer a última visita à sua cidade natal, Nazaré, antes de lançar a terceira e última campanha missionária na Galileia. Por ocasião da sua primeira visita, Ele foi rejeitado e houve uma tentativa violenta contra a sua vida (Lucas 4:16-31). Ele agora volta, para dar aos seus conterrâneos uma segunda oportunidade.

I. A ÚLTIMA VISITA A NAZARÉ (Marcos 6:1-6; Mateus 13:54-58):

A. Usando Nazaré como ponto de partida, Ele lançaria sua campanha na província; enviando os doze de dois em dois a todas as cidades e aldeias.

B. No sábado, Ele foi à sinagoga para adorar, segundo o seu costume.

1. Quando começou a ensinar, os ouvintes se maravilharam e diziam: “De onde lhe vem esta sabedoria e poderes miraculosos?”

a. Interrogaram a respeito da sua “sabedoria” e, também, dos “poderes” miraculosos feitos por suas mãos.

b. Na primeira visita, Ele não fez nenhum milagre; agora, porém, faz milagres, colocando as mãos sobre os enfermos e curando-os, para que o povo pudesse ver e crer.

c. Mas os nazarenos se recusaram a acreditar!

1) “Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs?”

2. Na sua resposta, Jesus se diz profeta.

a. A sua resposta também indica que os de sua própria casa não criam nele. “Não há profeta sem honra senão

na sua terra, entre os seus parentes e na sua casa.”

3. Ele afasta-se da vida de Nazaré de uma vez por todas. Tristemente perderam a última oportunidade de recebê-lo.

II. A TERCEIRA CAMPANHA MISSIONÁRIA (Marcos 6:6-13; Mateus 9:35 – 11:1; Lucas 9:1-6):

- A. De Nazaré, Jesus desceu à planície populosa de Esdraelon e começou a campanha missionária com os discípulos que, até este momento, tinham servido como aprendizes na obra missionária.**
- B. Ao prosseguir com a campanha, Jesus, vendo as multidões, compadeceu-se delas.**
 1. Jesus usou de duas ilustrações belas, tão conhecidas na vida do povo, para caracterizar o estado de abandono espiritual deles.
 - a. Estavam “aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor.” Um rebanho abandonado.
 - b. Eram como “a seara já amadurecida”, pronta para a sega.
 - 1) A abundância da seara sobressaía em contraste marcante com o pequeno número de trabalhadores.
 2. A maneira de atender esta necessidade: Rogai, pois ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.
 - a. Jesus bem sabia que qualquer que sinceramente ora ao Senhor para mandar trabalhadores, estaria mais disposto a responder à chamada do Senhor para a obra.
- C. O Mestre agora chegara a uma nova etapa; um novo método em sua obra. Antes, Ele mesmo saíra com os discípulos, mas agora Ele os envia de dois em dois, como missionários.**

1. Foi-lhes dado uma comissão com poder sobre demônios, para curar os enfermos e para anunciar o reino de Deus.
2. Antes de os enviar, Jesus explicou o caráter e a esfera (alcance) da obra e lhes deu instruções detalhadas a respeito do equipamento, método, conduta e a abordagem na sua obra.
 - a. Não deveriam entrar no “rumo dos gentios.”
 - 1) Futuramente, Jesus os enviaria numa campanha mundial de evangelização (Mateus 28:19-20).
 - b. Não deveriam se preocupar a respeito da comida ou da vestimenta, mas simplesmente confiar em Deus para o suprimento de tudo isto.
 - 1) Jesus aqui estabeleceu um princípio fundamental para seus obreiros em todos os tempos. O obreiro não deve se preocupar sobre o seu sustento material. Deus se encarrega da responsabilidade de prover o sustento para os Seus obreiros dignos.
 - c. A vinda deles a qualquer casa seria uma bênção para aquela casa.
 - 1) Seria a responsabilidade deles, garantir isto, pela sua conduta e as suas expressões de paz.
3. Na segunda parte das instruções, Jesus adverte seus discípulos acerca das perseguições que encontrariam e dá instruções de como devem enfrentá-las (Mateus 10:16-23).
 - a. É possível que algumas dessas advertências apontem para as cruéis perseguições pelas quais passaram os seus obreiros, através das mãos de governadores e reis pagãos, depois da sua ascensão.
 - 1) Deviam ser prudentes como serpentes e simples como as pombas, em sinceridade e pureza de coração.
 - b. Depois Jesus passa a preparar-lhes para resistir o medo e a ansiedade.
 - 1) Por causa do nome de Jesus e a identificação deles com este nome, seriam odiados por todos os homens, tão grande e universal seria a oposição

das forças das trevas no mundo.

4. Jesus dá mais encorajamento aos perseguidos, citando o seu exemplo.
 - a. Ele já foi acusado de estar em sociedade com Belzebu e os discípulos não deviam esperar melhor tratamento do que o dispensado ao Mestre.
 - b. Não deviam encobrir nada de seus ensinamentos por causa do medo, mas deviam proclamá-lo ousadamente e da maneira mais pública possível
 - 1) Seus discípulos deveriam falar e agir como seus discípulos em todas as circunstâncias e apesar de qualquer risco.
5. Jesus declarou que a causa fundamental da perseguição se encontra na própria natureza de Seus princípios, que provocam divisões e conflitos entre os homens; até no próprio seio familiar.
 - a. O Seu Reino de luz era inflexível em seu antagonismo ao poder das trevas satânicas.
6. O Mestre finda suas instruções detalhadas aos discípulos prometendo uma recompensa a qualquer bondade mostrada para com eles.

D. Havendo terminado as instruções detalhadas aos seus doze discípulos, Jesus recomeça seus próprios trabalhos (Mateus 11:1).

1. É provável que Ele os tenha seguido em muitas cidades e que, depois da campanha, os apóstolos tenham voltado para encontrá-lo em Cafarnaum (Marcos 6:30) para lhe contarem as suas experiências (veja Lucas 9:6; Marcos 6:12-13).

III. O MEDO CULPÁVEL DE HERODES ANTIPAS (QUE MATOU JOÃO BATISTA) AO OUVIR SOBRE A CAMPANHA DE JESUS (Marcos 6:14-29; Mateus 14:1-2; Lucas 9:7-9):

- A. A fama do nome de Jesus espalhou-se por toda a Galileia, como nunca antes, e penetrou até dentro do palácio dourado de Herodes Antípas, em Tiberíades.**
1. A reação dEle: “Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos, e, por isso, nele operam forças milagrosas.”
- B. Depois, tanto Marcos como Mateus apresentam a narração da morte de João Batista, como parêntese em suas histórias (Marcos 6:17-29; Mateus 14:3-12).**
- C. Jesus, ouvindo da morte de João Batista, e depois de seus discípulos terem voltado para Ele em Cafarnaum, entrou com eles num barco e passou para a outra banda do mar para descansar.**

A CRISE NA GALILÉIA

A crise na Galiléia abrange a primeira retirada, com seus resultados, a alimentação dos 5.000 (João 6:1-25), o andar por sobre o mar encapelado (João 6:12-21), o sermão sobre o Pão da Vida (João 6:22-59) e a crise resultante deste discurso (João 6:60-71).

A finalidade principal de Jesus durante os próximos seis meses (capítulos 17-21), seria a de instrução e treinamento especial aos apóstolos.

I. A ALIMENTAÇÃO DOS 5.000 E OS RESULTADOS (Marcos 6:30-44; Mateus 14:13-23; Lucas 9:10-17; João 6:1-15):

A. Ao voltarem os discípulos à presença de Jesus em Cafarnaum, deram reportagens radiantes das suas experiências durante a última campanha.

1. Mal tinham chegado, quando a multidão mais uma vez se reuniu, trazendo os enfermos para serem curados em Cafarnaum.

B. Jesus disse para seus discípulos: “Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto.”

1. Ao partirem em um barco, muitos os viram e os reconheceram.
2. Não queriam deixar Jesus escapar – correram para lá, a pé, seguindo por terra, passando pelo norte do mar.
3. Houve outros que ouviram de sua partida, e multidões de diversas cidades e aldeias vieram, até juntar-se uma vasta multidão de mais de 5.000 homens, além das mulheres e crianças.

C. Antes de chegar a multidão, Jesus havia se retirado para um lugar no monte (João 6:3), na extremidade de uma pequena planície, para um breve período de calma e meditação.

1. Este período foi logo interrompido, e, quando Ele desceu do monte, viu a grande multidão que vinha ter com Ele.
 - a. Jesus compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas sem pastor.
 - b. Tinham líderes religiosos, mas nenhum se interessava em alimentar o povo espiritualmente.
2. Jesus acolheu o povo e começou a ensinar-lhes, curando a muitos.
3. A tarde já estava declinando, e os discípulos começaram a se preocupar sobre a situação.
 - a. A hora de comer já passara, e o sol estava se pondo no oeste.
4. Eis aqui um dos maiores milagres de Jesus – a alimentação de 5.000 homens, mais as mulheres e crianças com apenas cinco pães e dois peixes pequenos.
 - a. A Bíblia dá mais importância aos pães na narração, porque o milagre apresenta, em forma simbólica, o que Jesus seria para as multidões da terra: “O Pão da Vida”
 - 1) O milagre foi a preparação para o sermão em Cafarnaum no dia seguinte.
5. O registro deste milagre é atestado em detalhes harmoniosos por todos os evangelhos.
 - a. O resultado: “Vendo, pois, os homens, o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo”, o profeta igual a Moisés.
 - b. Jesus conhecia o sentimento da multidão! Estavam esperando um Rei-Messias nacional e queriam vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei.
 - c. Ele e seus discípulos se retiraram; os discípulos foram de barco, e Ele, após despedir a multidão, foi ao monte para orar.

II. O MILAGRE DE JESUS ANDAR POR SOBRE AS ONDAS DO MAR REVOLTO (Marcos 6:45-

52; Mateus 14:24-36; João 6:16-21):

- A. Os apóstolos haviam experimentado uma tempestade no mar, há pouco tempo, mas Jesus estava com eles e os salvou, quando as ondas ameaçaram afundar o seu barco.**
1. Agora, estavam no meio do mar, fatigados de remar, mas não progrediam, apesar de todo o esforço, porque o vento lhes era contrário.
 - a. Jesus não estava com eles.
 - b. Nove horas de esforços somente os havia levado mais ou menos 3 milhas, ou seja, para o meio do mar.
- B. Entretanto, Jesus ainda estava sozinho em terra (Marcos 6:47); Ele havia passado a noite em oração no monte.**
1. Ele podia vê-los de lá, na luta agonizante de puxar os remos, tentando fazer caminho com o barco, contra o vento.
 2. As trevas da noite mais escura não impedem a sua visão, quando seus discípulos amados estão em perigo no mar.
 - a. Talvez esta tempestade tenha sido uma preparação para uma outra que eles teriam que enfrentar no seguinte dia, quando a multidão inconstante havia de abandonar o Mestre, e eles mesmos teriam de enfrentar uma tempestade de apostasia.
 - b. A provação da fé num Senhor ausente, na tempestade no mar, certamente os ajudaria a enfrentar e resistir a tempestade da tentação.
- C. À quarta vigília da noite, Jesus foi ter com eles, andando sobre o mar. (Os judeus dividiam a noite em 4 vigílias de 3 horas cada. A quarta vigília seria entre 3 e 6 horas da madrugada).**
1. Os discípulos ficaram aterrados, pensando ser Ele um fantasma, então gritaram de medo.
 2. Jesus falou: "Tende bom ânimo! sou eu. Não temais!"
 - a. Ele chegou a eles na hora de maior necessidade e so-

correu-lhes do perigo.

- 1) E em todas as tempestades subsequentes, eles haveriam de ter esse acontecimento na lembrança
3. Pedro pede permissão para andar na água ao encontro de Jesus.
 - a. Enquanto fitava os olhos em Jesus, tudo ia bem, mas quando tirou os olhos de Jesus e olhou para as ondas, começou a afundar.
4. Quando Jesus e Pedro entraram no barco, cessou o vento, e logo o barco chegou à terra para onde iam.
 - a. Os que estavam no barco o adoraram dizendo: “Verdadeiramente és Filho de Deus.”

D. Havia muitas lições maravilhosas nos eventos dessa noite.

1. Da experiência de Pedro, eles aprenderam não apenas a fraqueza da fé (deles e de Pedro), mas também a possibilidade de uma fé firme em Jesus.
2. Se, como Pedro fez, fitassem os olhos em Jesus, poderiam também andar por cima das ondas da vida, e nós também podemos!

E. Jesus tinha uma finalidade em todo o milagre que realizou.

1. Não havia necessidade de que Ele andasse por sobre as ondas numa tempestade da noite. Por que o havia feito?
 - a. Para mostrar que Ele era o Deus Forte (Jó 9:8).

III. O FRACASSO DA CAMPANHA NA GALILEIA, COMO RESULTADO DO SERMÃO DE JESUS EM CAFARNAUM (João 6:22-71):

A. No dia seguinte a multidão o estava esperando em Cafarnaum.

B. A multiplicação dos pães e a campanha dos apóstolos tinha estimulado a expectativa da multidão ao auge.

C. Era necessário Jesus enfrentar a situação prontamente e esclarecer duas coisas.

1. Que o reino do Messias não seria de comida e bebida, ou poder material ou riqueza, e que Ele não era um Messias político (João 6:22-48).
 - a. Note: João 6:25-29 (obra, ou efeito).
 - 1) A cidadania do novo reino não dependia em nada que eles pudessem fazer, e sim, em crer naquele que o Pai enviou.
 - 2) As obras de Deus saíam daquele relacionamento de fé.
 - b. João 6:30-36, “Eu sou o Pão da vida”.
 - c. João 6:37-46, neste ponto a situação mudou.
 - d. João 6:43-4.
 - 1) Jesus afirmava que viera dos céus.
 - 2) Ele era o meio de revelação entre o Pai e o mundo.
 - e. João 6:48, mais uma vez diz: “Eu sou o Pão da vida.”
 - 1) Ele identifica sua própria vida a ser oferecida na morte sacrificial como o meio de vida para o mundo.
 - 2) O fato fundamental da morte expiatória para a humanidade está aqui revelado, mas não o compreenderam.
 - f. Na primeira parte, Jesus conduziu seus ouvintes à declaração da verdade, que Ele é o Pão da vida, vindo dos céus
2. Nesta segunda divisão (João 6:49-65), Ele fala de sua própria personalidade como o verdadeiro Pão, dando vida ao mundo. Ainda conduz seus ouvintes à declaração de sua morte expiatória e sacrificial, como o Pão a ser partido no seu corpo de carne.
 - a. Evidentemente, Ele queria afastar os que apenas buscavam pão material e que não queriam conhecer a verdade.
 - b. “Comer a minha carne e beber o meu sangue.”

- 1) Na literatura dos rabinos, “a instrução sagrada” era chamada de pão, e os que a recebiam de bom grado “comiam” dela.
 - 2) Jeremias 15:16, “Achadas as tuas palavras, logo as comi”.
 - 3) Havia um ditado comum entre os judeus: “Nos tempos do Messias, os Israelitas serão alimentados por Ele.”
 - 4) Através da literatura judaica, deviam ser conhecedores do simbolismo de “comer” como aceitação da verdade.
 - a) Não devia ter sido difícil para a maioria dos ouvintes entenderem o seu discurso.
- c. Nesse ponto, veio o momento do rompimento final, ao ser desiludido quanto ao caráter sacrificial da vida cristã.
- 1) Por causa disto, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e não andavam mais com Ele.
- d. Depois, vem a prova mais difícil dos discípulos.
- 1) Haveriam de abandoná-lo, ou continuar com Ele? “Porventura quereis também vós outros retirar-vos?” Jesus perguntou.
 - a) “Senhor, para quem iremos?”
 - 2) “Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo um de vós é diabo.”
 - a) É a primeira vez que Jesus falava claramente de seu traidor e está significativamente ligada com a primeira profecia definitiva de sua morte expiatória.

IV. JESUS MAIS UMA VEZ ENCONTRA-SE COM A OPOSIÇÃO DOS FARISEUS E DENUNCIA A TRADIÇÃO A RESPEITO DA CONTAMINAÇÃO CERIMONIAL (Marcos 7:1-23; Mateus 15:1-20; João 7:1):

- A. Os fariseus não perderam uma boa oportunidade de voltar ao conflito.**
- B. Lançam o ataque deles sob o que, aparentemente, são “circunstâncias muito favoráveis.”**
- C. Vendo que alguns dos discípulos de Jesus ignoravam a observância dos anciãos a respeito do lavar cerimonial das mãos.**
 - 1. Antes e depois de cada refeição, ou quando voltavam do mercado, tinham de lavar as mãos cuidadosamente, segundo certas exigências cerimoniais.
 - 2. Estes ritos e cerimônias eram mais seguidos pelos judeus, do que as próprias Escrituras.
 - a. Onde houvesse choque entre a tradição e as Escrituras, a tradição era recebida como a mais alta autoridade.
- D. Desagradou aos fariseus e escribas, que os discípulos de Jesus se mostrassem indiferentes às tradições dos anciãos, evidenciado isto pelo fato de não lavarem as mãos, segundo as regras indicada, antes e depois das refeições.**
 - 1. A pergunta deles (Mateus 15:2). A resposta (Mateus 15:3-9).
 - 2. Jesus, então, chamou a multidão e falou-lhe (Mateus 15:10-11).
- E. Os discípulos estavam nervosos (verso 12); Jesus os aquietou (versos 13:14).**
- F. Pedro pede explicação da Parábola (versos 15:20).**
 - 1. A oposição dos fariseus, por exemplo, vinha de um coração perverso.

NA COSTA DE TERRAS GENTIAS

O encontro com os fariseus revelara claramente a falta de percepção espiritual dos discípulos. Jesus iria gastar a maior parte de seu tempo, por alguns meses, na instrução especial deles, para que eles pudessem chegar a um entendimento melhor de seu caráter e missão. Houve também outras razões para a sua retirada para as partes de Tiro e Sidom.

1. Os inimigos de Ele haviam fechado as portas das sinagogas na Judeia (João 7:1), a fim de que Ele não pudesse mais pregar nelas, e, agora, tentaram fazer a mesma coisa na Galileia.
 - a. Ele defendeu seus discípulos contra os ardilosos ataques dos seus inimigos, deixando-os derrotados e humilhados diante do povo.
2. Então, amargurados, eles, sem dúvida, apelaram para recursos violentos, com a finalidade de expulsá-lo.

A tática mais sábia no momento foi retirar-se temporariamente da área de Tiberíades, para repousar e estar a sós com os seus discípulos, num lugar não muito distante da cena de ação. O lugar mais próximo era uma região da Fenícia, situada uns 50 km ao nordeste.

I. A SEGUNDA RETIRADA E A CURA DA FILHA DA MULHER SÍRIO-FENÍCIA (Marcos 7:24-30; Mateus 15:21-28):

- A. Jesus não foi à Fenícia a fim de iniciar um ministério público.
 1. Se fizesse isso prejudicaria seu trabalho entre os judeus, devido à atitude fanática deles para com os gentios. Ele veio para as ovelhas perdidas da casa de Israel.

B. No entanto, não pôde ocultar-se, e logo uma mulher siro-fenícia, descendente de uma das raças dos cananeus que habitava nessa região e em toda a Palestina antes da chegada dos israelitas, soube que Jesus estava ali.

1. Ela lhe clamou: “Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada.”
2. Contudo, Ele não respondeu uma palavra. Isto era tão diferente de sua maneira habitual. Por quê?
3. Os discípulos também chegaram a Ele, rogando-lhe, dizendo: “Despede-a porque vem clamando atrás de nós.”
4. A mãe ansiosa continuava a rogar-lhe que expulsasse da filha o demônio.
 - a. A resposta de Jesus: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.”
5. Então veio ela e, o adorou, dizendo: “Senhor, socorre-me.”
 - a. Jesus disse: “Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.”
 - b. Ele queria provar a fé e a humildade dela.
 - 1) Ela devia reconhecer que não era coisa pequena que o estava pedindo e professando.
 - 2) Ela foi lembrada da profunda divisão entre os judeus e os gentios; os judeus se orgulhando de serem filhos de Deus e, ao mesmo tempo, pensando nos gentios como possíveis “cachorros”.
 - c. A resposta dela: “Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos.”
 - d. Disse Jesus: “Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres.”
6. A pobre mãe levou o seu problema a Jesus e, através da humildade, da persistente oração, de um amor devoto e de uma grande fé, assegurou a cura da sua filha.
7. Nesse incidente, Jesus nos é revelado como o mestre-intérprete do coração humano, o capacitado mestre de

seus apóstolos e o sábio edificador do Seu Reino.

II. A TERCEIRA RETIRADA E A ALIMENTAÇÃO DOS 4.000 NAS REGIÕES DE DECÁPOLIS (Marcos 7:31-38; Mateus 15:29-38):

- A. Jesus retirou-se das regiões de Tiro e Sidom e foi para a Decápolis.**
- B. O povo trouxe-lhe um surdo que falava com dificuldade, e Jesus o curou.**
- C. Ao ouvir a notícia desse milagre maravilhoso, vieram-lhe grandes multidões, trazendo consigo coxos, aleijados, cegos, mudos, e muitos outros.**
 - 1. Jesus manifestou seu grande amor em cura-los, e todos ficaram admirados, vendo mudos falando, aleijados ficando sãos, coxos andando, cegos vendo, e glorificaram ao Deus de Israel.
- D. As multidões continuaram crescendo, até formar uma mui grande multidão.**
 - 1. Por três dias o povo continuou com Ele, dormindo ao relento, juntando-se ansiosamente em volta do Mestre durante o dia, para não perderem nenhuma palavra e nenhum milagre sequer.
 - 2. Depois vem a multiplicação que alimentou 4.000 homens, além de mulheres e crianças.

III. A CURTA VISITA A DALMANUTA (MAGDALA) NA GALILEIA, E O ATAQUE EM CONJUNTO DOS FARISEUS E SADUCEUS (Marcos 8:10-12; Mateus 15:39 – 16:4):

- A. Mais uma vez Jesus se despede da multidão, tão rápido**

quanto possível, após o milagre de alimentar os 4.000.

1. Havendo despedido a multidão, Jesus logo entrou no barco, com seus discípulos, e foi para os “confins de Magdala.”

B. Ao chegar o barco à costa do lado oeste do mar, aproximaram-se dEle os fariseus e os saduceus e começaram a tentá-lo, continuando a pedir dEle um sinal do céu.

1. O motivo deles era tentá-lo a fazer ou falar uma alguma coisa em que pudessem pegá-lo mas tarde.

2. Muitos entre o povo estavam crendo que Jesus era um grande profeta e, certamente, esperando que fosse o Messias.

3. Os inimigos de Jesus acharam que a melhor maneira de desacreditar Jesus perante o povo seria pedir dEle “um sinal dos céus.”

a. Jesus tinha dado sinais suficientes através de milagres, para convencer qualquer mente sincera, mas, para os fariseus e Saduceus, estes “sinais” foram realizados pelo poder do príncipe dos demônios, Belzebu.

C. Ele enfrentou o terceiro pedido por um sinal, dando uma recusa absoluta.

1. A razão de sua recusa em atender o pedido de um sinal foi que teria sido errado Ele fazer um milagre somente para agradar seus inimigos, e, ainda que Ele tivesse dado um sinal, eles o teriam atribuído mais uma vez a Satanás.

a. Veja Mateus 16:2, 3

b. Muitos sinais inconfundíveis foram dados em cumprimento das Escrituras, nos eventos diários, na pregação de João Batista, na pregação, vida e milagres de Jesus, todos apontando a Ele como o Messias.

c. Os fariseus eram aptos para discernir os aspectos dos céus, prevendo o tempo (chuva, bom tempo, etc.). Por que não podiam discernir os sinais dos tempos?

- d. Se assim tivessem feito, teriam visto que logo Jerusalém seria destruída e a nação dos judeus subvertida.

D. “Por que uma geração má e adúltera busca um sinal?” pergunta Ele.

1. “Em verdade vos digo que a esta geração não se lhe dará nenhum sinal, senão o do profeta Jonas.”
 - a. Ele já falara do sinal de Jonas, numa ocasião anterior (Mateus 12:39-41), mas a menção desse sinal agora é uma mera referência. “A recusa em dar qualquer sinal como agora exigiam.”

E. Era perigoso para Ele permanecer mais tempo nas proximidades de Cafarnaum e Tiberíades.

1. Ele é agora banido de sua própria cidade e de quase toda a Galileia.
2. Não podia obrigá-los a aceitarem a Sua misericórdia, pois já O haviam rejeitado.
3. Com o coração triste, Ele mais uma vez embarcou, junto com seus discípulos, e dirigiu-se ao nordeste, rumo a Bet-saida.

A GRANDE CONFISSÃO

Uma das coisas, que os inimigos de Jesus tentavam sem cessar, era afastá-lo de seus discípulos. Os doze deveriam estar precavidos contra a influência dos inimigos hipócritas que, sob o pretexto de zelo religioso, estavam tentando destruir o Senhor.

I. ATRAVESSANDO O MAR, JESUS REPREENDE OS DISCÍPULOS POR SEREM ELES TARDIOS EM OUVIR. EM BETSAIDA (TAMBÉM CHAMADA CIDADE DE PEDRO E BETSAIDA-JULIAS) CURA UM HOMEM CEGO (Marcos 8:13-26; Mateus 16: 5-12):

A. Ele adverte os discípulos com insistência: “Olhai, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes.”

1. Mas os discípulos eram tardios em entender. Interpretaram mal Suas palavras e pensaram que Ele estivesse falando do seu esquecimento de levar pão.
2. O erro deles, em pensar que Ele estivesse apenas falando de pão material, era absurdo e revelou o seu materialismo de pensamento e interesse, quando deviam ter estado pensando em coisas espirituais.
3. Voltou-se para eles com uma repreensão forte (Mateus 16:8-11)
 - a. Nestas perguntas, Jesus apontou o erro grave deles, chamando-lhes a atenção para o fato de que não estava falando sobre pães e fermento material, e repetiu sua advertência a respeito do fermento (Mateus 16:11).
4. Finalmente, entenderam que Ele estava falando sobre a doutrina dos fariseus e saduceus e não sobre pão.
 - a. Desse momento em diante, teriam conhecimento desse “fermento”, e a paciência do Senhor daria fruto.

- b. Comida e vestimenta não ocupariam um lugar tão importante no pensamento deles e não seriam tão cegos e surdos às coisas espirituais.
- c. Tentariam discernir entre a doutrina verdadeira e a falsa e teriam uma fé mais positiva na providência de Jesus sobre as vidas de seus obreiros, inculcando na memória deles as coisas que experimentaram com Ele no passado.

B. Chegando em Betsaida-Júlias, provavelmente passaram a noite lá.

- 1. Na manhã seguinte, bem cedo, o povo trouxe-lhe um cego, rogando que lhe tocasse.
- 2. Jesus, pois, tomou o cego pela mão e o levou para fora da aldeia, para curá-lo.
 - a. O primeiro toque – viu homens como árvores andando; segundo toque – viu nitidamente.

II. NAS REGIÕES DE CESAREIA DE FILIPE, JESUS PÕE À PROVA A FÉ DOS DOZE NA SUA DIVINDADE (Marcos 8:27-30; Mateus 16:13-20; Lucas 9:18-21)

A. De Betsaida-Júlias, Jesus saiu com os seus discípulos para as aldeias de Cessaria de Filipe, visitando e pregando em todas as aldeias.

- 1. A maioria do tempo foi reservada para palestras particulares com os doze.

B. Numa dessas horas, quando “Ele estava orando à parte, achavam-se com Ele somente seus discípulos” (Lucas 9:18) e, depois da oração, enquanto estava “no caminho”, Ele interrogou os discípulos acerca do que os homens estavam dizendo dEle: “Quem dizem os homens que sou eu?”

1. Esta pergunta foi projetada para preparar os corações para a pergunta a seguir.

C. Falaram-lhe francamente o que o povo dizia. O povo poderia tributar-lhe um lugar entre os profetas, mas ainda não chegara ao conhecimento do seu caráter verdadeiro – ainda não O conhecia como o Messias.

D. Depois, Ele formulou uma pergunta de suma importância: “Mas vós, quem dizeis que eu sou?”

1. “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”, exclamou Pedro.
2. Mateus 16:17-19 – As chaves do Reino e as condições para entrar no Reino.

III. JESUS PREDIZ CLARAMENTE A SUA MORTE E RESSURREIÇÃO (Marcos 8:31-37; Mateus 16:21-26; Lucas 9:22-25):

A. “Desde então”, Jesus entra numa nova fase de seu ministério. Ele agora é aceito como o Messias por um pequeno grupo de discípulos, plenamente convictos, e revela claramente que é o Messias.

B. O tempo era oportuno para a revelação aos seus discípulos, a respeito da tragédia de sua morte, que se daria mais ou menos seis meses depois.

1. Nenhuma das referências simbólicas que dera havia sido entendida pelos discípulos que tinham as mesmas ideias correntes dos judeus com respeito ao Messias.
2. Mas eles declararam sua crença nEle e sua lealdade para com ele e estavam preparados para receber o choque rude da revelação de sua morte iminente.

C. “Desde então”, começou Jesus a mostrar aos seus discípulos, aberta e claramente, a necessidade de sua morte, sofrimento e ressurreição.

1. Agora Ele podia falar claramente a eles sobre um assunto tão cheio de presságios sombrios
2. No meio da nuvem escura de sua morte trágica, Ele colocou o arco-íris da sua ressurreição.
 - a. Por enquanto, os discípulos apenas viram a nuvem e não o arco-íris da promessa.

D. Jesus revelou quatro coisas sobre a triste necessidade que enfrentou; havia uma obrigação na sua vida a qual precisava enfrentar.

1. Ele devia deixar Jerusalém por um pouco de tempo. Era impossível que um profeta percesse fora daquela cidade, a assassina de profetas.
2. Era necessário que “Ele sofresse muitas coisas, através dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas.”
 - a. Era completamente estranha à qualquer concepção dos judeus que o seu Messias sofresse.
3. Depois vem o claro, rude e chocante fato da sua morte.
4. Era apropriado que a mensagem sombria de sua morte fosse aliviada pela esperança gloriosa de sua ressurreição.
 - a. Era necessário que estas quatro coisas fossem repetidas vez após vez para os discípulos, a fim de que eles entendessem.

E. Pedro repreende o Senhor: “Tem compaixão de ti, Senhor, isso de modo algum te acontecerá.”

1. “Arreda Satanás!”
 - a. Pedro se colocou ao lado do grande adversário, pensando nas coisas dos homens e não nas de Deus.

F. Jesus começou então a ensinar-lhe o princípio de que, “negar-se a si mesmo e levar a sua cruz” é a lei fundamental do discipulado.

1. A essência do mais alto dever e a revelação de tudo que é mais valioso na vida se encontra na lei da abnegação própria. Jesus revela esta lei em palavras que têm penetrado

profundamente na consciência da humanidade (Mateus 16:24-26).

- a. O discípulo deve tomar a sua cruz diariamente para segui-lo, negando-se a si mesmo.

IV. A VINDA DO FILHO DO HOMEM NESTA GERAÇÃO (Marcos 8:39-9:1; Mateus 16:27-28; Lucas 9:26-27):

A. Jesus especifica uma razão para a sua filosofia de vida para os discípulos. O Filho do Homem há de ter a vitória final.

1. Com a crucificação, viria um aumento do poder e da glória do Reino de Crist.
2. A majestade de seu sacrificio seria como uma grande luz que haveria de brilhar do Calvário, espalhando seus raios, através das trevas do mundo, para longe e pelos séculos a seguir.
3. A ressurreição demonstraria o poder do reino sobre a sepultura.
4. O Pentecostes haveria de ilustrar o poder do Reino sobre os corações e as consciências dos homens.
5. Jesus tem se manifestado em juízo e glória pelos séculos, mas terá a vitória final quando aparecer nas nuvens, no segundo advento, quando virá para executar juízo.

A TRANSFIGURAÇÃO

A transfiguração se enquadrou exatamente no plano progressivo de instrução para os discípulos.

1. Havia de ser para eles uma predição da ressurreição de Jesus e, de igual modo, das suas próprias vidas além-túmulo.
2. Havia de abrir o seu entendimento acerca da gloriosa vitória do reino, através da morte expiatória, da ressurreição e do advento final do Messias.
3. Havia de proclamar que a Lei e os Profetas se cumpriram em Jesus.
4. Havia de proclamar que eles (e nós) havíamos de ouvir Jesus!
5. Também, mostrou que há “somente Jesus!” Colossenses 2:9 “Porquanto nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade.”)

I. A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS NUM MONTE, PROVAVELMENTE HERMOM, PERTO DE CESAREIA DE FILIPE (Marcos 9:2-8; Mateus 17:1-8; Lucas 9:28-36):

- A. Durante os seis ou oito dias que se seguiram à primeira lição acerca do princípio da cruz, Jesus repetiu aquela lição diversas vezes para seus discípulos, esforçando-se para que pudessem compreendê-la.**
1. Eram preparados para recebê-la, mas relutantes para aceitá-la.
- B. Jesus levou Pedro, Tiago e João a um alto monte, onde ficaram separados uns dos outros.**
1. Ao chegarem, os discípulos achavam-se possuídos de sono, mas conservaram-se acordados.

C. Jesus orou e, enquanto orava, a aparência do seu rosto se transfigurou e resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz.

1. A Sua divindade rompeu-se pelo véu da carne e resplandeceu até que suas próprias vestes brilharam como a luz do sol.
 - a. Ela continua a “romper-se” ao entendimento daqueles que querem vê-lo hoje em dia. De outro modo nunca veremos o Senhor Jesus como o verdadeiro Deus.
2. Despertados pelo resplendor, os discípulos foram tomados de grande medo. Então viram a Sua glória, e apareceram dois homens, Moisés e Elias, falando com Ele.
 - a. O assunto: A sua partida, que estava para cumprir-se em Jerusalém.
3. Aqui havia dois representantes da Velha Aliança:
 - a. Moisés, o seu fundador, representando a Lei, que conduziu o povo no êxodo da escravidão do Egito.
 - b. Elias, o seu profeta mais conhecido, que foi levado aos céus num carro de fogo, e que voltaria como precursor da nova dispensação (segundo a tradição popular do povo).
 - c. De certa maneira, podíamos dizer que a Lei e os Profetas estavam enchendo Jesus com a sua glória. (Tabernáculo – candelabro e as duas árvores de oliveira)
 - 1) Lucas 16:16, Jesus foi o cumprimento da Lei e dos Profetas, “A Lei e os Profetas vigoraram até João...”
4. Jesus havia de conduzir o seu povo num novo êxodo da escravidão do pecado e ser o profeta da nova dispensação, chamando o povo ao arrependimento e a uma nova vida em Deus!
 - a. Isto, Ele ia realizar pela sua morte expiatória.

D. Os discípulos ficaram confundidos e cheios de grande temor. Quando a visão começou a desaparecer, Pedro, sem

realmente entender o que estava dizendo, exclamou:

1. “Mestre, bom é estarmos aqui e que façamos três tendas; uma será tua, outra para Moisés e outra para Elias.”

a. O seu pensamento: “por que descermos à planície e retomar o conflito? Por que irmos a Jerusalém para morrer? Não seria melhor permanecermos no monte nesta comunhão celestial?

1) Mas nós não podemos ficar no cume da montanha! O fruto cresce no vale! E Jesus é o Lírio dos Vales!

E. Falava Pedro ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu.

1. De repente, veio uma voz que procedia da nuvem e que dizia: “Este é o meu Filho amado, EM quem me comprazo: a ele ouvi.”

a. Não mais acharíamos a salvação na lei e nos profetas, nos rituais, cerimônias e formas -a Ele ouvi!

b. Ouvi a sua mensagem a respeito da crucificação e ressurreição, ascensão e descida do Espírito Santo!

c. Ouvi as suas promessas e pretensões.

F. Por meio da transfiguração, os discípulos foram ensinados que o sofrimento vicário (substituto) e a morte não eram incompatíveis com a concepção do Antigo Testamento a respeito dum Messias Espiritual.

G. Eles receberam a confirmação, pela voz dos céus, acerca da sua confissão a respeito de Jesus como Messias e Filho de Deus (a manifestação de Deus em carne humana).

1. Anos depois, ao escrever a sua segunda epistola, Pedro lembrou-se vivamente desta voz (II Pedro 1:17, 18). “Fomos testemunhas oculares da sua majestade, pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela glória excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: ‘Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.’ Ora, esta

voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo.”

- H. Jesus já os tinha instruído a respeito da sua natureza divina e sobre a necessidade da sua morte vicária; o testemunho celestial agora está reforçando e confirmando as instruções que antes havia dado.**
- I. Estavam caídos de bruços, cheios de grande medo, quando Jesus tocou-lhes e disse: “Erguei-vos, e não temais!”**
 - 1. Quando levantaram os olhos, a ninguém viram senão só a Jesus!
- II. A DISCUSSÃO A RESPEITO DA RESSURREIÇÃO E PERGUNTAS A RESPEITO DE ELIAS, NA DESCIDA DO MONTE (Marcos 9:9-13; Mateus 17:9-13; Lucas 9:36):**
 - A. Jesus ordenou-lhe que a ninguém contassem a visão, até que Ele ressuscitasse dentre os mortos.**
 - 1. Esta experiência haveria de grandemente fortalecê-los acerca de tudo que logo ia acontecer; serviria especificamente para esclarecer o seu entendimento a respeito da ressurreição.
 - 2. Os discípulos continuaram perguntando uns aos outros sobre o que seria ressuscitar dentre os mortos.
 - B. Outra pergunta séria que surgiu foi a respeito de Elias. Viram Elias com Moisés e Jesus. Interrogaram Jesus, dizendo:**
 - 1. “Por que dizem os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?”
 - 2. A Sua resposta: “Elias, vindo primeiro, restaura todas as cousas; como, pois, está escrito sobre o Filho do homem que era preciso que sofresse muito e fosse aviltado

(desonrado)? Eu, porém, vos digo que Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram, como a seu respeito está escrito.”

- a. Então, por fim, entenderam claramente – Jesus lhes falara a respeito de João Batista, que foi decapitado.

A VOLTA PARA CAFARNAUM

O período de relativa tranquilidade estava agora chegando ao fim. Jesus tinha dirigido os seus discípulos através das experiências de quase seis meses, dando-lhes um entendimento mais íntimo da Sua própria natureza e do verdadeiro caráter de Seu Reino. Agora, volta pela Galiléia secretamente, para uma breve visita a Cafarnaum, antes de ir para a Judéia, Seu ministério final e última luta em Jerusalém.

I. JESUS CURA O JOVEM POSSESSO QUE OS DISCÍPULOS NÃO PUDEAM CURAR (Marcos 9:14-29; Mateus 17:14-20; Lucas 9:37-43):

A. Aqui, Jesus ensina a sua lição poderosa a respeito da necessidade do jejum e da oração.

B. Um homem traz seu filho a Jesus.

1. Os nove apóstolos, comissionados para fazer milagres semelhantes na campanha, tentaram, na ausência do Senhor, expulsar o demônio do menino.
 - a. Falharam! Nada puderam fazer em seu favor.
 - b. Antes, tinham o poder. (Qual é a nossa posição hoje?)
2. Quando Jesus apareceu onde estavam.
 - a. O homem disse: "Se tu podes."
 - 1) A falta de fé dos nove, refletiu em Jesus!
 - b. É claro que pode! Somente um mais poderoso do que o valente podia amarrar o demônio. Ele é Deus.
 - 1) Porém, a falta de poder entre os nove apóstolos afetou a fé desse homem.
 - c. Jesus coloca o "se" onde deve estar: "Se creres!"
 - 1) O pai aflito pôs toda responsabilidade da cura na habilidade de Jesus; mas Jesus devolve a responsabilidade a ele; a cura agora dependia somente da fé do pai.

- d. O homem confessa a fraqueza de sua fé e clama desesperadamente aquelas palavras que têm sido usadas desde então, para expressar a súplica de muitas almas angustiadas: “Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé.”
 - e. Jesus cura o menino.
3. Mais tarde, os discípulos perguntaram: “Por que não podemos nós expulsá-los?”
- a. “Esta casta não pode sair senão por meio de oração e jejum.” (Que grande lição para os dias de hoje! Omitir-se de orar é perder poder com Deus.)

Obs.: Com relação a esse episódio, na língua original (grego), somente o Evangelho de Marcos relaciona o fracasso com a falta de oração; a palavra “jejum” foi acrescentada pelos tradutores. Mateus diz que o fracasso deu-se pela falta de fé e o versículo 21 do capítulo 17 não se encontra no original.

II. JESUS, VOLTANDO SECRETAMENTE PARA GALILEIA, PREDIZ SUA MORTE E RESSURREIÇÃO (Marcos 9:30-32; Mateus 17:22-23; Lucas 9:43-45):

A. Jesus mais uma vez se volta para a Galiléia.

- 1. De novo, fala da sua morte, ressurreição e traição.
 - a. Mas a mente dos discípulos continua obscurecida, como sempre, sem compreender o significado das declarações.
 - b. E mais, continuaram numa timidez persistente, com medo de fazer perguntas a respeito do assunto.

III. JESUS, O MESSIAS E FILHO DE DEUS, O VERDADEIRO DEUS, PAGA O IMPOSTO DO TEMPLO (Mateus 17:24-27):

A. Esse imposto, um tipo de “taxa religiosa”, foi provido primeiramente por Moisés, por ocasião da edificação do Tabernáculo.

1. A princípio, era pago somente por ocasião do censo, mas após o cativoiro Babilônico passou a ser exigido anualmente de todo Israelita com mais de 20 anos.
2. Não era uma taxa compulsória – mas uma obrigação de todo cidadão com a idade acima referida.

B. Jesus, como Senhor do Santuário, declarou estar isento.

1. Essa taxa era o dinheiro para a redenção e resgate da alma de cada homem. Como poderia o Redentor de todo o homem pagar resgate?
2. Pagar sem declarar-se isento e sem a devida explicação poderia dar a entender que Ele era um simples súdito do Reino.
3. Por outro lado, se Ele se recusasse a pagar, o povo poderia pensar que Ele estava recusando a fazer o que todo judeu considerava uma obrigação religiosa que deveria ser cuidadosamente cumprida.
4. “Mas antes que façamos com que se escandalizem...”
Através de um milagre, o dinheiro foi encontrado na boca de um peixe.
 - a. O propósito desse milagre foi ensinar a Divindade de Cristo e demonstrar sua presciência e supremacia sobre toda a natureza.

IV. JESUS ENSINA AOS DISCÍPULOS AMBICIOSOS QUE OS SÚDITOS DO REINO DEVEM SER INOCENTES COMO CRIANÇAS (Marcos 9:33-37; Mateus 18:1-5; Lucas 9:46-48):

A. Surgiu uma controvérsia a respeito de quem seria o maior e seria honrado com o maior lugar no Reino, caso Jesus O estabelecesse.

1. Apesar de tanta instrução ao contrário, não podiam livrar-se das crenças tradicionais dum reino materialista.

B. Depois de sua chegada em Cafarnaum e de ter pago o imposto, Jesus os interrogou diretamente sobre o que estavam discutindo pelo caminho: “Sobre o que discorriéis pelo caminho?”

1. “Quem é, porventura, o maior no reino dos céus? Perguntaram.

C. Jesus reconhecia que a obra de disciplinar o temperamento e vontade deles era a fase mais difícil do seu treinamento. Ele os reuniu e iniciou o seu sermão, com um golpe direto às suas ambições egoístas e inveja.

1. “Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos.”
2. Então, querendo reforçar o ensino de uma maneira concreta e impressionante, chama uma criança e coloca-a no meio deles:
 - a. “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus.”
3. Assim, Jesus condena as suas ambições egoísticas com grande firmeza e severidade.
 - a. Estavam indo no sentido errado e tinham que dar meia volta.
 - b. A fase mais difícil no treinamento dos discípulos foi esta: treiná-los no reconhecimento das reivindicações da lei do amor e se despojarem de suas próprias ambições, ciúmes e inveja do coração, no relacionamento com a irmandade e os homens em geral.
 - 1) Muitas pessoas dadas a muita oração, grandes conhecedores da Palavra, e que já têm feito grandes coisas de serviço para com os outros, ainda falham aqui mesmo, como os discípulos falharam.

- 2) Quando o discípulo obreiro ambiciona posição, preferência e honra, trás para ele compromissos e muitas vezes, o desprezo.
4. Jesus mostrou a importância duma humildade infantil, sem pretensões:
 - a. A criança não tem orgulho de posição ou classe.
 - b. Igualmente, o discípulo deve colocar de lado o orgulho e a ambição egoísta, entregando-se sem reserva à obra, deixando a sua promoção inteiramente nas mãos do Senhor.
 - c. No Seu Reino, os galardões são dados aos humildes e mansos, que só procuram um lugar mais alto para que possam servir mais aos outros.
 - d. Há uma ambição santa em apresentar melhor o serviço no reino, mas esta ambição santa não ofende aos outros, nem mostra um espírito orgulhoso.
 - 1) Por este princípio, devem governar a sua conduta, se quiserem ser verdadeiros seguidores dEle.
5. Jesus sabia que a ambição e inveja seriam um câncer que corromperia o coração e estragaria a obra do evangelho.

V. O ANÔNIMO OPERADOR DE MARAVILHAS (Marcos 9:38-40; Mateus 18:6-14; Lucas 9:49-50):

- A. **Isto é uma lição de tolerância a todos os que trabalham para Jesus, em qualquer que seja a área, e gozam da sua aprovação manifestada nos seus esforços para com Ele.**
 1. Quando usamos de tolerância, não quer dizer que podemos desculpar erros, nem sancionar doutrinas falsas ou práticas erradas.
- B. **Jesus acrescenta: “E quem der a beber ainda que seja um copo...”**
 1. Eles estão protegidos por essas promessas, se eles assumem o papel de discípulos obreiros humildes, que procuram o melhor do reino e não os princípios de ambição egoístas.

C. Ele os convence da necessidade de humildade, a verdadeira marca da grandeza, e mostra-lhes a tragédia de conduzir qualquer um “destes pequeninos” ao pecado (Mateus 18:6).

1. Pendurasse uma grande pedra de moinho e fosse afogado na profundidade do mar.

D. Para acentuar a importância da lição, Jesus pronuncia o seguinte:

1. Escândalos virão, mas ai daqueles por quem vêm os escândalos.
 - a. Melhor é cortar a mão direita e entrar no céu mutilado, melhor é cortar o pé direito e entrar no céu manco, melhor arrancar seu olho direito e entrar no céu com um olho, do que permitir que a mão ou pé ou olho sejam ministros do pecado, e ser lançado no inferno, onde o verme não morre e o fogo não se extingue.
 - b. Nós não devemos permitir que qualquer membro do corpo seja um instrumento de tropeço para nós, ou para os “pequeninos”, porque desse modo sofreríamos o castigo eterno.
 - 1) Jesus ensinou que há um inferno eterno, do mesmo modo que há uma vida eterna.

E. Jesus termina a sua mensagem, dando outra admoestação sobre “os pequeninos” e também sobre a conduta dos discípulos, pelo fato de discutirem a respeito de quem seria o maior.

1. Eram o sal da terra: “mas se o sal vier a tornar-se insípido, como lhe restaurar o sabor?”
2. Se Deus ama tanto “o perdido”, tanto mais cuidará dos Seus.

VI. COMO DEVEMOS TRATAR UM IRMÃO QUE NOS TEM OFENDIDO OU PREJUDICADO, E O NOSSO DEVER EM PERDOAR TAL IRMÃO

(Mateus 18:15-35):

A. Jesus continua, com um assunto similar – o tratamento correto de um irmão que faz qualquer mal. O assunto é o das ambições pecaminosas, invejas etc., e as consequências danosas àquele que as têm sofrido.

1. Como se deve proceder com o irmão que o tem injuriado?

a. O mesmo princípio de amor, que Jesus acabou de ensinar, deve conduzir o irmão injuriado a procurar o bem do transgressor.

1) O problema deve ser tratado particularmente entre os dois.

2) Se for feito com amor e paciência, e não houver êxito, então deve chamar dois irmãos imparciais, para servirem como testemunhas e ajudantes, para que o transgressor possa sentir-se convicto e confessar a sua culpa.

3) Como último recurso; se recusar a ouvir e a confessar, o assunto terá que ser apresentado perante a igreja local, que tratará com o irmão, tentando conduzi-lo à atitude correta.

a) Não é a igreja que deve ouvi-lo! Ele é quem deve ouvir a igreja.

4) Se recusar ouvir a igreja – deve ser eliminado publicamente.

b. Jesus agora acrescenta que a aprovação dos céus será dada a qualquer ato de disciplina assim feita de acordo com o espírito dos seus ensinamentos.

c. Um pecado escandaloso, cometido por um indivíduo, pode contaminar a todos, se não for corretamente tratado.

B. Jesus acrescenta outro pensamento semelhante, na forma duma promessa (Mateus 18:19-20):

C. Jesus continua com o assunto do irmão que nos tem injuriado, usando a parábola do servo incompassivo.

1. Pedro perguntou até quantas vezes devemos perdoar ao irmão que nos injuria.
 - a. Devemos estar prontos para perdoar ofensas repetidas e grandes.
 - b. O perdão não é uma questão de “matemática”, mas sim, de amor.
 - c. A parábola tem o propósito de nos ensinar o caráter do perdão no Reino.

VII. JESUS PÔE À PROVA TRÊS CANDIDATOS AO DISCIPULADO, PARA QUE PENSASSEM NAS CONSEQÜÊNCIAS QUE SURGEM AO SEGUI-LO (Mateus 8:11-22; Lucas 9:57-62):

A. Jesus estava, provavelmente, ainda na Galileia; o seu ministério terreno havia terminado, e o dia em que Ele seria assunto ao céu estava se aproximando.

1. Manifestou em seu semblante a intrépida resolução de ir para Jerusalém.
2. O seu ministério na Galileia, se julgado pelos padrões mundanos, tinha falhado. Na Judeia, a porta tinha sido fechada para Ele.
3. Ele se esforçaria, durante estes últimos meses, na evangelização da Perea.

B. Só três voluntários para segui-lo.

VIII. OS DUVIDOSOS MEIO-IRMÃOS DE JESUS ACONSELHAM-NO A QUE FOSSE MOSTRAR-SE EM JERUSALÉM. ELE REJEITA O CONSELHO (João 7:1-9):

A. Estava próximo o dia da Festa dos Tabernáculos – a mai-

or e mais santa das festas dos judeus, que comemorava a peregrinação dos Israelitas no deserto.

1. Cerca de 2 milhões de judeus estariam em Jerusalém.

B. Os meio-irmãos de Jesus O aconselharam a assistir à festa e manifestar o seu poder Messiânico.

1. Disseram: “Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo” (Eles não acreditaram Nele).

C. Ele foi odiado em Jerusalém, desprezado por muitos na Galileia, “caçado” por seus inimigos, zombado e insultado. Agora, seus meio-irmãos, que tinham perdido a fé Nele, queriam forçá-lo a mostrar-se.

D. A Sua resposta – veja os versos 6 e 7.

1. Eles eram do mundo, por isso o mundo não os aborreceu. Jesus revelou a incredulidade deles, e por isso O odiaram.

E. Os seus irmãos subiram para a festa, mas Jesus subiu mais tarde, em oculto.

IX. JESUS ASSISTE SECRETAMENTE À FESTA, COM SEUS DISCÍPULOS, PASSANDO POR SAMARIA (Lucas 9:51-56; João 7:10):

A. Jesus tinha pleno conhecimento da aproximação de sua morte, da ressurreição e da ascensão. Ele, de propósito, com determinação de vontade, apesar dos perigos, caminhou para Jerusalém.

1. Enquanto viajava, havia tal expressão na sua face que os discípulos ficaram cheios de temor e maravilha.

B. Ele havia de passar por Samaria.

1. A aldeia Samaritana recusou aceitar sua passagem.
2. Tiago e João, “filhos do trovão”, ficaram profundamente ofendidos e aborrecidos com isto.

- a. Certamente era o bastante que Jesus fosse rejeitado pelos judeus, e era demais, que também fosse ofendido por estes “cães Samaritanos.”
3. “Queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?”
4. Jesus respondeu: “Vós não sabeis de que espírito sois. Pois o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las.”
 - a. O Desafio do Ministério.
 - 1) É para salvar – e não destruir! Qualquer pessoa pode destruir! Mas salvar é tarefa dos chamados e escolhidos.
5. E seguiram para outra aldeia.

O MINISTÉRIO EM JERUSALÉM

Os judeus procuraram Jesus na festa. Havia grande murmuração entre o povo a seu respeito. Uns diziam “Ele é bom”, e outros, “Não, antes, engana o povo.”

I. A PRESENÇA DE JESUS NA FESTA CRIA UM GRANDE ALVOROÇO A RESPEITO DO MESSIAS (João 7:11-52):

A. Os primeiros discursos “em meio à festa” (João 7:14-36).

1. Quando o alvoroço alcançou o seu auge, Jesus subiu ao templo e começou a ensinar.
 - a. Jesus encontrou três grupos de homens no primeiro dia, enquanto ensinava.
 - 1) Os líderes dos judeus;
 - 2) Os habitantes de Jerusalém;
 - 3) Os guardas mandados pelos principais sacerdotes.
 2. E os judeus se maravilhavam e diziam: “Como sabe este letras, sem ter estudado?” (v. 15).
 - a. Foi o Seu conhecimento dos livros sagrados – que deviam ser aprendidos – que confundiu os líderes dos judeus.
 - 1) Jesus se mostrou conhecedor das coisas que supunham serem conhecidas somente pelos escribas e mestres.
 - b. Pensavam que Jesus era apenas um entusiasta e autodidata.
 3. Jesus enfrentou a zombaria com uma declaração significativa: “O meu caminho não é meu, e, sim, daquele que me enviou” (verso 16).
 - a. Ele lhes disse o único modo como poderiam provar a verdade de Seu ensino (verso 17).
 - b. A razão porque não entenderam o Seu ensino: “não

queriam ser fiéis à verdade que já receberam.” (verso 19).

4. Outros continuam com o discurso (verso 20-30).
 - a. Muitos creram nele, por causa desse discurso.
5. Quando os fariseus souberam que havia muitos crendo na Palavra de Jesus, mandaram guardas para prendê-lo (verso 32-36).
 - a. Quando eles apareceram, Jesus, simplesmente declarou que, em pouco tempo, Ele iria sair de entre eles e voltar àquele que O enviou.
 - 1) “Haveis de procurar-me, e não me achareis; também onde eu estou, vós não podeis ir.” (verso 34) (Onde está Ele indo? Dispersão dos judeus? Gentios?) Mas ninguém compreendeu estas palavras.
 - a) Foi um mistério para todos.

B. O último dia da festa chamava-se o grande dia ou Hosana Rabba. Foi celebrado como um sábado, talvez em memória de Israel em Canã.

1. João 7:37-39, o Espírito aqui mencionado foi dado depois, no dia de Pentecostes.
2. A estrutura do cristianismo havia de edificar-se em quatro grandes pilares:
 - a. Na vida exemplar de Jesus, nos mostrando a verdadeira norma (padrão) de vida.
 - b. Na cruz, encontrando-se com o pecado, com o sofrimento e com a morte, numa vitória decisiva.
 - c. Na ressurreição, selando a vitória da cruz, e revelando a imortalidade e a vida eterna.
 - d. No Pentecostes, tornando disponível a vida eterna, na experiência humana terrestre.
 - 1) Enquanto Jesus estivesse aqui, em carne, a sua presença histórica tornava impossível a realização da sua presença duradoura, que se seguiu à ressurreição e foi realizada no dia de Pentecostes.

3. De novo, houve divisão entre a multidão (verso 40-43).
 Uns diziam:
 - a. “Este é verdadeiramente o profeta”
 - b. Ele é o Cristo (Messias)
 - c. Porventura o Cristo virá da Galileia?
4. Os soldados voltaram aos fariseus de mãos vazias. E confessaram: “Jamais alguém falou como este homem.”
 - a. “Será que também vós fostes enganados? Porventura creu nele alguém dentre as autoridades, ou algum dos fariseus?”
 - 1) Mas os fariseus, endurecidos, pensaram que só os ignorantes poderiam crer nele. (verso 48, 49).

II. A HISTÓRIA DE UMA ADÚLTERA, TRAZIDA A JESUS PARA JULGAMENTO (João 7:53 – 8:11):

- A. Fazem uma armadilha – Moisés, na Lei, diz que deve ser apedrejada – o que diria Jesus?
 1. Apedrejá-la – mas é proibido pelo governo Romano – fazendo isto criaria problemas.
 2. Soltá-la – mas, fazendo isto, quebrariam a Lei de Moisés.
- B. A resposta: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire pedra.”

III. DEPOIS DA FESTA DOS TABERNÁCULOS, AINDA NO TEMPLO, JESUS AFIRMA SER A LUZ DO MUNDO (João 8:12-20):

- A. Dissera, no dia anterior, que era a água da vida que satisfaz à necessidade individual de cada alma. Agora afirma ser a luz do mundo, derramando os seus benefícios sobre a raça humana inteira, igual à luz do Templo.
 1. João Batista chamara Jesus “a verdadeira luz.”

2. O Salmista chamou Deus “sua luz.”
3. Isaías referiu-se ao Messias como sendo a luz eterna.
4. “A Luz” foi um título judaico para o Messias.

B. Aqui, Jesus afirma ser a luz da raça humana inteira, judeu e gentio, uma reivindicação que assustou os fariseus e criou dentro deles um forte espírito de antagonismo.

1. A sua reivindicação foi a de ser a luz que produz vida.
2. Quem O seguisse não andaria nas trevas da ignorância, do pecado e da morte espiritual.

C. Os fariseus O desafiaram. “Tu dás testemunho de ti mesmo, logo o teu testemunho não é verdadeiro.”

1. Segundo as suas tradições, “nenhum homem podia dar testemunho de si mesmo.”

D. Jesus respondeu (verso 14), “posto que eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou; mas vós não sabeis de onde venho, nem para onde vou.”

1. Note os versos 17 e 18
 - a. Seu próprio testemunho, tanto nas Suas palavras quanto na Sua vida sem pecado, junto com o testemunho aprovado por Seu Pai (o grande poder de Deus por dentro, fazendo milagres) cumpriu todas as exigências da Lei.
 - 1) O testemunho de uma vida foi sempre o último apelo. A Sua vida perfeita e a aprovação do Pai (os milagres que fazia) confirmam a sua reivindicação de ser a luz do mundo.

E. Os Fariseus disseram: “Onde está teu Pai?” (O segundo testemunho)

1. Resposta: “Não me conheceis a mim nem a meu Pai; se conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai.”
 - a. Se tivessem sido homens espirituais, tendo uma justa

concepção de Jesus, seriam também capazes de conhecer o Pai.

- b. Deus só pode ser conhecido espiritualmente. A sua falha em conhecê-lo revelou a sua falta de espiritualidade.

IV. OS FARISEUS TENTAM APEDREJAR JESUS, QUANDO ELE REVELA A SUA TENDÊNCIA PARA O PECADO (João 8:21-39):

A. Mais tarde, possivelmente no dia seguinte, Jesus demonstra claramente a grande diferença entre Ele e seus inimigos; em destino e caráter.

1. De novo, falou-lhes da Sua partida. Disseram: “Irá suicidar-se?”
2. Respondeu: “Se não credes que eu sou (Ele) morrereis nos vossos pecados.” (João 8:24) (Estava falando do Pai, veja verso 27).
 - a. Não podiam compreender. Estavam profundamente preocupados acerca de um salvador terreno; por isso não podiam reconhecer Jesus como Deus.
3. “Quando levantardes o Filho do homem, então sabereis que eu sou e que nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou.” (verso 28).
 - a. Veja verso 29 “O Pai estava no Filho. Não O deixou só.”
4. Então disse-lhes Jesus (versos 31 e 32); “Se vós permanecerdes na minha Palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade e verdade vos libertará?”
 - a. Interpretaram mal as suas palavras (verso 33); no seu orgulho de raça, esses judeus foram ofendidos com a sugestão de serem escravos.
 - 1) Tinham esquecido o Egito, a Assíria, a Babilônia e, agora, Roma.
5. Jesus não estava falando num estado civil (político). E-

ram fisicamente filhos de Abraão, mas moralmente escravizados ao pecado, tanto quanto os outros.

6. Veja os versículos 35, 36 – “Se o Filho vos libertar...”
7. Note os versículos 37-59
 - a. Leia os versículos 56, 57
 - b. Versículo 58, “Antes que Abraão existisse, EU SOU!”
 - 1) Agora compreendiam a sua linguagem. Tinha usado o título que JEOVÁ usou quando se revelou a Israel no Egito.
 - 2) Não havia dúvida. Estava afirmando e reivindicando ser o eterno Deus manifestado na carne.
 - c. Pegaram em pedras para o apedrejar, mas Jesus se ocultou e saiu do templo.

V. A CURA E CONVERSÃO DE UM HOMEM CEGO DE NASCENÇA (João 9:1-41):

A. Pouco tempo depois, Jesus se apresenta de novo no templo.

1. Era ali que a batalha deve ser travada até o fim, contra o cerimonialismo do sistema dos rabis.

B. “Quem pecou?” perguntaram os discípulos.

1. A maior preocupação de Jesus não a de era culpar o homem ou seus pais pela sua condição lamentável, mas a de fazer algo para tira-lo do seu estado miserável e sem luz. (Esta deve ser a nossa preocupação maior).
2. Deviam aprender a ver tais casos, de uma humanidade enferma e aflita, como oportunidades para a manifestação das obras do grande amor redentor de Deus.
3. Ele lhes mostrou a necessidade e urgência de entregarem-se a esta atividade, enquanto tinham a oportunidade de fazerem boas obras.
4. Também lembra-lhes que os seus próprios dias de serviço são limitados e que devem trabalhar enquanto pudessem,

para iluminar o mundo.

C. A cura – barro e saliva – Jesus usou este método somente como uma ajuda à fé dos homens.

1. Lavou-se no tanque de Siloé e voltou vendo.

D. Os fariseus:

1. Começaram a perguntar-lhe a respeito de como o homem foi curado. No começo, não negaram nem o fato da cura, nem a identidade do homem.
2. Não podiam negar o milagre, mas queriam desacreditar o caráter de Cristo.
 - a. Quebrou a lei do sábado, tanto pela ação quanto pelas palavras. (Quebrava a lei do sábado “habitualmente.”)
 - b. Alguns diziam: “Esse homem não é de Deus porque não guarda o sábado.”
 - c. Outros diziam: “Como pode um homem pecador fazer tamanhos sinais?”
3. Chamaram os pais do que fora cego. Estes sentiram medo de serem expulsos do Templo. Disseram: “Ele idade tem – interrogai-o.”
 - a. Veja o poder que há no medo.
4. O homem é expulso do Templo.
 - a. Notemos isto – No momento em que a porta da sinagoga foi fechada para ele, a porta do reino abriu-se para recebê-lo.
 - b. Esse homem, que deu seu testemunho corajosamente perante o concílio, imediatamente se curvou diante de Jesus e o louvou, quando Jesus se revelou a ele.

E. Jesus disse: “Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos.”

1. Os fariseus responderam, “Acaso também nós somos cegos?”
 - a. Suspeitavam que Jesus insinuara que eles eram cegos,

mas pensavam que Ele não ousaria enfrentar sua autoridade, demonstrada ao expulsarem o homem do templo.

2. Jesus respondeu claramente: “Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum, mas, porque agora dizeis, “Nós vemos”, subsiste o vosso pecado.”

VI. COM A ALEGORIA DO BOM PASTOR, JESUS FAZ CONTRASTE ENTRE ELE E OS LÍDERES E FALSOS PROFESSORES (João 10:1-21):

A. Continuando, tendo ensinado sobre a cegueira dos fariseus, (que professavam ser os professores do povo) – Jesus explica, com uma alegoria óbvia, o contraste entre Ele e esses falsos professores.

1. Observamos que eles tinham acabado de expulsar o mendigo cego que Jesus curara.

B. Em relação ao redil do reino e da igreja, Jesus é a porta (João 10:1-6) e, em relação ao rebanho, Ele é o bom pastor (João 10:7-16).

1. “Eu sou a porta das ovelhas” – uma declaração que nos faz lembrar de outras declarações feitas recentemente a respeito da Sua natureza e da Sua missão, como o pão da vida e a água viva.
2. Jesus afirma ser a única porta do redil espiritual, pela qual os verdadeiros pastores entram.
 - a. Já havia muitos falsos messias e líderes que tinham feito destruição dentro do rebanho.
 - b. Os escribas e fariseus tinham acabado de dar perfeita ilustração disto em expulsar o pobre mendigo que Jesus curara.
3. Jesus, de novo diz, “Eu Sou a Porta”, “Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e achará pastagem.”
4. “Eu sou o bom Pastor”, declara Ele.
 - a. A Bíblia em hebraico: Eu sou Aquele Bom Pastor.

Referia-se ao capítulo 34 de Ezequiel 34:11.

- b. O bom pastor dá a sua vida, em sacrifício de si mesmo, pelas ovelhas. Por outro lado, o mercenário trabalha por lucro, e não é um verdadeiro pastor.
- c. Tal mercenário não sente que as ovelhas lhe pertencem, nem tem interesse verdadeiro nelas, como tem o pastor.

1) Ele, vendo o lobo, abandona as ovelhas e foge.

- 5. Jesus, olhando para adiante, vê a sua cruz e a universalidade do Seu Evangelho. Acrescenta: “Ainda tenho outras ovelhas, não deste (judaico) aprisco.”

- a. As do mundo gentio, Ele as conduzirá para dentro, ouvirão a sua voz, e, então, haverá um rebanho e um Pastor.

C. Mais uma vez, Seu discurso criou dissensão entre os judeus. Muitos diziam: “Ele tem demônio e enlouqueceu; por que o ouvis?”

- 1. Mas outros contradiziam e afirmavam firmemente: “Este modo de falar não é de endemoninhado; pode, porventura, um demônio abrir os olhos aos cegos?”

A CAMPANHA FINAL NA JUDÉIA

Começando a sua campanha em Jerusalém, Jesus dirigiu-se para todas as aldeias e distritos populosos ao redor dela.

I. A MISSÃO DOS SETENTA: O PRAZER DE CRISTO NO TRABALHO DELES (Lucas 10:1-24):

A. Ocorreu, alguns dias depois dos acontecimentos da jornada, quando desceram da Galileia (Lucas 9:46-62), que Jesus anunciou a escolha de 70 “outros discípulos”, para uma missão especial.

1. Já tinha escolhido 12, alguns meses atrás, e os mandara de dois em dois para realizar uma campanha evangelística na Galileia (Lucas 9:1-6).
2. Agora emprega o mesmo método, em uma escala maior, na Judeia.
3. Ele usa os 70 para fazerem o que os 70 do Sinédrio falharam em fazer na preparação do povo para a vinda do Messias.
 - a. Este número também fazia referência aos 70 anciãos no tempo de Moisés.
 - b. Havia 70 nações conhecidas no mundo, naquele tempo.
 - 1) Aqui estava uma implicação na obra universal do Reino, um missionário representante para cada nação.
4. Foram mandados de dois em dois por causa da vantagem da camaradagem e eficiência.

B. Jesus apresentou aos 70 certas considerações e instruções:

1. Declarou que a campanha devia ser realizada, porque “a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos.”
 - a. O método para aumentar o número de obreiros havia

de ser o da oração a Deus, pedindo que Ele aumentasse o número. Oração, o método mais eficaz para aumentar o número de obreiros.

2. Foram avisados dos perigos que haviam de enfrentar. Haviam de ser como cordeiros no meio de lobos. No meio destes perigos, haviam de comportar-se com inocência e conduta inofensiva.
 3. Haviam de depender dos outros, para quem ministravam, para o seu sustento. Não deviam levar bolsa, nem alforje (provisões), nem sandálias extras.
 4. Não deviam gastar tempo sem necessidade, em conversas superficiais.
 5. Deviam comportar-se bem em qualquer aldeia que entrassem. Se fossem recebidos de boa vontade, deviam aceitar com cortesia a hospitalidade, comendo do que eles tivessem.
 6. A missão havia de ser a de pregar e curar; e a mensagem – em poucas palavras – foi, “Está próximo o Reino de Deus.”
 7. Haviam de tratar com os adversários corajosamente. Quando não fossem recebidos, deviam sacudir o pó dos pés e deixar tais lugares.
 8. O Senhor acrescenta uma ilustração poderosa das consequências aos que o rejeitassem (Lucas 10:13-15).
 - a. As cidades que rejeitassem os Seus obreiros, sofreriam as mesmas consequências horríveis.
 9. O Senhor salienta-lhes o poder e autoridade de sua missão (verso 16).
- C. Os 70 regressam com alegria, dizendo: “Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome.”**
1. Jesus falou-lhes e disse associando este fato à queda de Satanás: Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago.
 2. Acrescenta o que Ele lhes deu (verso 19).
 3. Mas não obstante, não deviam se alegrar pelo poder que

tinham sobre os demônios, mas porque seus nomes estavam arrolados nos céus.

D. Notemos sua oração de regozijo (verso 21, 22); também notem os versículos 23 e 24.

II. A PERGUNTA DE UM DOUTOR DA LEI E A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO (Lucas 10:25-37):

A. Este é um ensino maravilhoso dado por Jesus – e uma das mais belas dentre as suas parábolas.

B. Um certo doutor da lei se levantou, dentre os sentados na sinagoga, e fez-lhe uma pergunta.

1. Queria pôr Jesus à prova, como mestre.
2. Talvez o seu motivo tenha sido apanhar Jesus em armadilha; ou, ainda, é possível, que tivesse um desejo sincero de conhecer um caminho melhor nesta vida.

C. A sua pergunta: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”

D. Jesus sabia que o homem tinha estudado a lei nos seus múltiplos detalhes e pelo menos conhecia “a letra da lei.” Por isso, perguntou-lhe, “Que está escrito na lei?”

E. A resposta: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo.”

F. Jesus tratou esta resposta como sendo sincera. “Respondeste corretamente; faze isto e viverás.”

1. A falha neste plano é que nunca houve homem que tives-

se obtido a vida eterna por ele; porque também nunca houve homem que tivesse cumprido toda a lei.

2. Nenhum homem, pudera viver uma vida sem culpa perante a Lei. Uma pequena falha traria o fracasso.

G. O doutor, envergonhado, tentou justificar-se: “Quem é o meu próximo?”

H. Jesus apresenta a parábola do Bom Samaritano.

1. O Sacerdote: viu o homem ferido, passou de largo, para evitar a contaminação cerimonial.
 - a. Aqui temos um quadro vivo da pureza cerimonial ao preço do dever e dos princípios morais.
2. O Levita: também o viu e passou de largo. Foi assim que tratou com uma pessoa em angústia.
 - a. Não houvera amor pelo próximo nem no sacerdote nem no levita.
3. Mas um certo Samaritano...
 - a. Um contraste tão severo entre o samaritano desprezado e os clérigos ortodoxos dos judeus, que supostamente ministravam nos assuntos religiosos para o bem-estar do povo.
 - b. A misericórdia do Samaritano não era da letra mas do espírito, não guiado por preconceitos raciais ou nacionais, mas universal, e não limitada por conveniência pessoal. Um ato sacrificial.

I. Quando o doutor fez a pergunta, “Quem é o meu próximo?”, estava limitando a sua concepção de “próximo” como sendo apenas os de perto dEle, que podiam retribuir os seus atos de bondade. Um ponto de vista completamente egoísta.

J. Jesus substituiu esta concepção por uma de um amor que se estende: “Para quem eu posso ser vizinho?” “Quem reivindica a minha ajuda de boa vizinhança?”

1. Exigiu que o doutor respondesse: “Qual destes três te parece ter sido o próximo ao homem?”
2. O doutor foi obrigado a admitir. “O que usou de misericórdia para com ele.”
3. “Vai e procede tu de igual modo.”
 - a. O meu próximo é qualquer homem, judeu ou gentio, preto ou branco, rico ou pobre, educado ou ignorante, que precise da minha ajuda e a quem eu tenha poder e oportunidade de ajudar.
 - b. Um amor que nos impulsiona a fazer algo por qualquer alma necessitada este é o tipo de amor que Deus revelou para com o homem necessitado, quando mandou o seu Filho para ser o nosso Salvador.
 - c. É aquele amor leal que devemos ter para com Deus e os homens, se quisermos obter a vida eterna.

III. JESUS, O CONVIDADO DE MARTA E MARIA, EM BETÂNIA (Lucas 10:38-42):

- A. Quando Jesus foi a Betânia com seus discípulos, recebeu um convite especial da família.**
- B. Parece que era uma família de certa riqueza e que gozava de alguma posição social em Betânia e Jerusalém.**
- C. O caráter das duas irmãs formava um grande contraste.**
 1. Maria: tomou o seu lugar no chão, bem na frente, aos pés de Jesus, assim se mostrando discípula dEle.
 - a. Tinha a atitude de um ouvinte desejoso de ouvir cada palavra do Messias.
 - b. Reconheceu Jesus como seu Senhor e queria saber a sua vontade para com ela.
 2. Marta: “agitava-se de um lado para outro,” muito distraída com as tarefas da casa.
 - a. Estava preocupada com a preparação de um jantar caprichado para Jesus.

- 1) Escolheu uma “boa parte”, ainda que Maria tivesse escolhido a melhor parte.
- b. Preocupação em demasia com tarefas domésticas pode tomar o lugar das coisas mais importantes, tal como as horas de meditação aos pés de Jesus.
 - 1) No seu “muito serviço” e demasiada preocupação, tornou-se cansada e nervosa e, por isso, deixou um pouco de inveja entrar no seu coração.
- c. Marta censura Jesus e Maria, por esquecê-la.
- d. Jesus a repreende ternamente, dizendo: “Marta, andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Pouco é necessário...”
 - 1) Há alguma coisa mais importante do que qualquer outra, aquela “coisa espiritual” que Maria escolheu.
- e. Jesus não repreendeu o serviço de Marta, mas a sua preocupação demasiada com as coisas materiais e sua distração, nervosismo, ansiedade, e raiva.

IV. DE NOVO JESUS ENSINA AOS DISCÍPULOS COMO DEVEM ORAR (Lucas 11:1-13):

- A. Um dos principais elementos em toda obra do Senhor, e agora, especialmente, nesta campanha intensa, foi a oração.**
 1. O exemplo de Jesus em oração, nesta campanha, inspirou os discípulos a desejarem saber como orar melhor.
 2. A oração era sistemática, no procedimento de sua campanha na Judeia, e habitual na vida de Jesus.
- B. Lucas registra um exemplo mais breve desta oração modelo, do que o usado no livro de Mateus. A razão: não queria que fosse usada como um ritual, rezada formalmente. Altera as frases e palavras, para ensinar que a verdadeira oração deve ser espontânea e do coração.**

C. A parábola do amigo importuno nos ensina perseverança na oração.

1. Devemos orar sem cessar e não nos tornarmos de corações tímidos quando há uma demora na resposta.
2. Jesus expõe nesta parábola uma das maiores condições da oração bem sucedida. Temos que esperar e persistir na oração se desejamos ver “os desejos de nossos corações” cumpridos.

D. Jesus conclui a lição a respeito da oração com uma explicação tríplice, uma promessa tríplice e uma declaração tríplice. Resume tudo com uma ilustração.

1. Exortação – “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.”
2. Ilustração – Lucas 11; 11-13. Deus dá, em resposta à oração zelosa e persistente, não alguma coisa sem valor, como uma pedra, nem coisa danosa como uma cobra ou escorpião, mas, sim, o Espírito Santo, o supremo objeto do verdadeiro discípulo.

V. JESUS EXPULSA UM DEMÔNIO E É ACUSADO DE ESTAR EM PACTO COM BELZEBU (Lucas 11:14-36):

A. Outra vez, os fariseus acusaram Jesus de estar em pacto com o diabo.

B. Jesus respondeu: “Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto e casa sobre casa cairá.”

1. O reino de Satanás, se fosse dividido contra si mesmo, como presumiam, não podia permanecer ...a divisão conduz à destruição!
2. Quem quisesse entrar e destruir a casa de um homem valente, deveria ser mais forte do que aquele que defende aquela casa e aquilo que estivesse dentro dela.

- a. Jesus facilmente, pela mão de Deus, tinha expulso os demônios. O reino de Deus, pois, certamente tinha chegado.
- b. Jesus foi o homem mais valente, que entrou na casa de Satanás e a destruiu.

VI. JESUS COME NA CASA DE UM FARISEU E CONDENA SEVERAMENTE OS FARISEUS E INTÉRPRETES DA LEI (Lucas 11:37-54)

- A. Um fariseu convidou Jesus para ir comer com ele. Esta refeição foi servida ao meio-dia, depois de voltar das orações na sinagoga.**
- B. Jesus recusou cumprir a lei cerimonial, do que admirou-se o fariseu.**
- C. Jesus os repreende: “Vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade. Insensatos! quem fez o exterior não é o mesmo que fez o interior?”**
 1. É loucura lavar as mãos, o copo e o prato e deixar a alma contaminada com avidez e excessos perversos.
- D. Jesus pronuncia três “ais” contra os fariseus; contra o seu ritualismo, contra o seu orgulho e contra a sua hipocrisia.**
- E. Então pronuncia três “ais” contra os intérpretes (ou doutores) da Lei.**
 1. Contra os fardos das tradições que punham sobre os outros – fardos pesados demais.
 2. Contra as perseguições que fizeram contra os profetas.
 3. Contra o fato de segurarem a chave da porta da ciência.
 - a. Eram mestres do povo, mas se recusaram até mesmo a entrar na “casa da ciência”, trancando a porta, tanto

contra eles como contra o povo. Impediam os que queriam procurar a verdade.

- b. O conhecimento do caminho da salvação é obtido pelas Escrituras. Os escribas tinham posto obstáculos ao acesso a este conhecimento, pelas interpretações falsas, o que provou-se fatal, tanto para eles como para o povo.

VII. JESUS FALA AOS SEUS DISCÍPULOS E A UMA GRANDE MULTIDÃO, A RESPEITO DA HIPOCRISIA, DA AVAREZA, DA ANSIOSA SOLICITUDE PELA VIDA, DA VIGILÂNCIA E, TAMBÉM, DA SUA PAIXÃO (Lucas 12):

VIII. JESUS ADVERTE AO ARREPENDIMENTO; A PARÁBOLA DA FIGUEIRA ESTÉRIL (Lucas 13:1-9):

- A. **Veja os versículos 1-5, esta profecia foi literalmente cumprida no ano 70 d. C.**
- B. **Jesus conclui, expondo a misericórdia e severidade de Deus, por meio da parábola da figueira estéril.**
 1. Havia duas razões para cortar a árvore:
 - a. Não produzia fruto.
 - b. Tomava o lugar onde podia estar uma árvore que poderia produzir.
 2. Esta história é uma ilustração perfeita da misericórdia e paciência de Deus para com os judeus.

IX. JESUS CURA UMA MULHER ALEIJADA, NO DIA DE SÁBADO E SE DEFENDE NO ATO. REPETE AS PARÁBOLAS DO GRÃO DE MOSTARDA E DO FERMENTO (Lucas 13:10-21):

X. NA FESTA DA DEDICAÇÃO, JESUS DÁ O TESTEMUNHO FINAL DE SI MESMO, ANTES DA SUA PAIXÃO (João 10:22-39):

A. Jesus, voltando para a festa em Jerusalém, termina o seu ministério na Judeia.

B. Enquanto no pórtico de Salomão, os seus inimigos vieram e o interrogaram:

1. “Se tu és o Cristo, dize-o francamente.”

a. Isto não foi uma pergunta sincera. Não tinham aceitado o Seu testemunho.

C. Jesus dá, meio de um testemunho mudo, porém poderoso, o testemunho das suas obras.

D. Declara que não creram porque não pertenciam ao Seu rebanho.

1. As suas ovelhas O seguem; Ele lhes dá a vida eterna.

2. Ninguém podia arrebatá-las das Suas mãos.

a. Pastor – “Nenhum inimigo poderia jamais arrebatá-las da mão do seu poder.”

3. “Eu e o Pai somos um!” (Note Colossenses 2:9).

E. Pegaram em pedras para lhe tirar.

1. “Por qual dessas obras quereis me apedrejar?”

a. Boas obras – Não! Pois sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo.

1) Não podiam compreender que Ele fosse mais do que mero homem.

2. “Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis; mas, se faço, e não me credes, crede ao menos nas obras; para que possais saber e compreender que o Pai está em mim, e eu estou no Pai.”

RESUMO CRONOLÓGICO DOS CAPÍTULOS 22 E 23

MINISTÉRIO ULTERIOR NA JUDÉIA

1. No Templo de Jerusalém, durante a Festa dos Tabernáculos do ano 28, ou 29, em meio à festa e num ambiente de expectativa, apresenta-se, repentinamente, para ensinar. No último dia da festa, apresenta-se como a Água da Vida e convida aos sedentos espirituais a dessedentarem-se nele; uma escolta não se atreve a prendê-lo, fato que motivou confusão entre as autoridades, ocasião em que Nicodemos o defende.
2. Jesus dirige-se para o Monte das Oliveiras, onde passa a noite.
3. Novamente, no Templo de Jerusalém, entre a Festa dos Tabernáculos e a Dedicção, dispersa um multidão enfurecida com a solução dada ao caso da mulher adúltera. Declara-se a Luz do Mundo e forte controvérsia se estabelece em consequência do seu discurso messiânico; nova tentativa de matá-lo. À saída do Templo cura um cego de nascença (este é interrogado pelos Fariseus e expulso); reencontra-se com o homem que fora cego; novo e rápido diálogo entre Cristo e os Fariseus.
4. Profere a Parábola do Bom Pastor e nova dissensão se estabelece em Jerusalém, entre a Festa dos Tabernáculos e da Dedicção, talvez no ano 28 ou 29 A. D.
5. Designa setenta discípulos, dá-lhes instrução (lança “ais” sobre três cidades impenitentes) e os envia em rápida campanha. Jesus ouve-lhes os relatórios, exorta-os e dá graças ao Pai. Na Judeia, fora de Jerusalém, ano 28 ou 29 A. D.

6. Profere a Parábola do Bom Samaritano, em resposta à pergunta de um doutor da Lei – Judéia, fora de Jerusalém, talvez no ano 28 ou 29 A. D.
7. Hospeda-se na casa de Marta e Maria, onde ensina sobre a mais alta importância dos valores espirituais. Em Betânia, talvez, no ano 28 ou 29 A. D.
8. Pela segunda vez, ensina aos discípulos a orarem, ocasião em que profere, também, a Parábola do Amigo Importuno. Judéia, ano 28 ou 29 A. D.
9. Cura um endemoninhado mudo; é acusado de estar associado com Satanás, ao que Jesus responde com a figura de uma casa dividida contra si mesma; uma mulher exalta-lhe a maternidade; Jesus fala da importância de se observar a Sua palavra – Judéia, ano 28 ou 29 A. D.
10. Jesus dá o sinal de Jonas e fala da candeia do corpo, da importância do bom uso dos conhecimentos e privilégios religiosos – Na Judéia, ano 28 ou 29 A. D., antes da Festa da Dedicção.
11. Estando à mesa de um fariseu, Jesus condena, com veementes “ais”, o legalismo formal e as distinções de classes e recorda o ultrajante tratamento dado aos profetas – Judéia, ano 28 ou 29 A. D.
12. Profere um poderoso discurso de admoestação contra o espírito farisaico; fala do rico insensato; das aves do céu e dos lírios do campo; do reino de Deus; do pequeno rebanho; do tesouro no céu; do servo vigilante; da surpresa do ladrão; do fogo e da dissensão na terra e dos sinais dos tempos – Judéia, antes da Festa da Dedicção, ano 28 ou 29 A. D.
13. A menção da morticínio dos galileus e da queda da Torre de

Siloé motiva o ensino de Jesus sobre a urgente necessidade de arrependimento e a Parábola da Figueira – Judéia, ano 28 ou 29 A. D.

14. Cura uma mulher encurvada e profere a Parábola do Grão de Mostarda e a do Fermento – num sábado, em alguma sinagoga da Judéia, no ano 28 ou 29 A. D.
15. Jesus fala, francamente, das relações pessoais e da segurança eterna das ovelhas do Bom Pastor; fala sobre sua divindade e missão messiânica, verifica-se nova tentativa de apedrejá-lo e de aprisioná-lo. Jesus retira-se, novamente, para Betânia, além-Jordão – Pórtico de Salomão, no Templo de Jerusalém, por ocasião da Festa da Dedicção do ano 29 A. D.

INICIANDO O MINISTÉRIO NA PEREIA

Provavelmente, o ministério na Pereia tenha ocupado três meses e meio, desde a Festa da Dedicção, 29 d. C. até a última jornada para Jerusalém, na primavera de 30 d. C.

I. A RETIRADA DE JERUSALÉM PARA BETÂNIA, ALÉM DO JORDÃO (João 10:40-42):

A. Tendo as portas do seu ministério na Judeia sido agora fechadas, Jesus foi para a Pereia e fez de Betânia, o centro do seu trabalho.

1. Foi ali que Ele encontrou e ganhou os Seus primeiros discípulos.
2. Ele foi recebido devido ao fato de João ter pregado muito nesta área.
 - a. “João não fez nenhum sinal, porém tudo quanto disse a respeito deste era verdade.”
3. Muitos ali creram nEle.

II. ENSINANDO NA PEREIA, NUMA JORNADA PARA JERUSALÉM, JESUS É ADVERTIDO A RESPEITO DE HERODES (Lucas 13:22-35):

A. Aparentemente, Jesus fez uma breve visita a Jerusalém, depois da Festa da Dedicção e antes da Páscoa, 3 meses e meio mais tarde.

B. Em algum lugar, alguém lhe perguntou, “São poucos os que são salvos?”

1. A Sua resposta: “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita (da salvação), pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão. Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta, e vós, do lado de fora, começardes a bater, dizendo: Senhor, abre-nos a porta, ele vos

responderá: Não sei donde sois.”

a. Então direis: “Comíamos e bebíamos na tua presença, e ensinavas em nossas ruas.”

b. Mas, por rejeitarem a Sua mensagem de salvação, no último dia, ouviriam a terrível declaração: “Não sei donde vós sois, apartai-vos de mim, vós todos os que praticais iniquidades.”

2. Devemos nos esforçar com todo o nosso ser para entrarmos no caminho da salvação.

a. Esta deve ser nossa suprema preocupação. A insinuação é a de que poucos acertarão.

C. Os fariseus avisam-no de que Herodes quer matá-lo (da mesma forma que ele fez com João).

1. Veja a resposta em Lucas 13:32-33.

a. Herodes tinha sido astuto, manhoso e cruel no seu tratamento para com João, traindo-o secretamente, defendendo a sua ação com falsificações.

b. Gostaria de dispor de Jesus da mesma maneira, mas Jesus não o temia (verso 33-35).

III. COMENDO NA CASA COM UM DOS PRINCIPAIS SACERDOTES, JESUS DE NOVO CURA NO SÁBADO E SE DEFENDE, CONTANDO TRÊS PARÁBOLAS SUGERIDAS PELA SITUAÇÃO (Lucas 14:1-24):

A. Nesta ocasião, o Senhor deu uma lição de humildade (versículo 7:11), diretamente a todos e, mais especialmente, aos seus convidados; sobre a hospitalidade, ao convidar as pessoas mais humildes, Ele pretendeu mais especialmente falar com os anfitriões, mas também com todos; e, então, concluiu com a parábola da Grande Ceia ou a Festa do Evangelho aberta a todos.

B. A cura de um Hidrópico (Lucas 14:1-6).

1. Quando Jesus estava comendo, entrou um homem hidrópico, que ficou diante dEle.
2. Jesus perguntou: “É ou não é lícito curar no sábado?”
3. Nada disseram, e Jesus o curou. A sua defesa: “Qual de vós, se o filho ou o boi cair num poço, não o tirará logo, mesmo no dia de sábado?”
 - a. Esta poderosa pergunta colocou-os em posição de defesa. Como você age quando os seus próprios interesses são postos em questão?
 - b. Sem pensar nas leis do sábado, fariam o que fosse necessário.
 - c. Não havia resposta! Ficaram sem saber o que dizer e como se defender, por causa dos seus próprios costumes.
 - d. Os fariseus não tinham escrúpulos em socorrer um boi no sábado (nem fazer uma festa!) – mas curar enfermos era simplesmente imperdoável para eles.

C. Aviso aos convidados (versículos 7-11).

1. Jesus insistia em que a pessoa que procurava impor-se não conseguiria atingir o alvo visado. Melhor é ser humilde; isso leva a pessoa a ser promovida de fato. São os “mansos” que herdarão a terra (Mateus 5:5).

D. Bondade para com os infelizes (Lucas 14:12-14).

1. Não há virtude em recepcionar aqueles de quem esperamos que façam o mesmo conosco. Vale, antes, o esforço e o benefício feito por aqueles que nada podem fazer por nós.
2. Assim recebemos a recompensa celestial.

E. A Parábola da Grande Ceia (Lucas 15-24) (Note: Não devemos identificar esta parábola com a das bodas, em Mateus 22:1-14).

1. É uma parábola de advertência, Jesus prediz a rejeição

dos judeus e a chamada dos gentios. Mostrou-lhes os privilégios que gozavam e o perigo em rejeitarem o evangelho.

- a. Os fariseus precisavam sentir estas duas coisas e saber que, por rejeitarem a mensagem do evangelho, seriam considerados menos dignos do que os homens mais pobres, ignorantes e desprezados, porque esses entrariam na Grande Ceia.
- b. A Grande Ceia é uma ceia de perdão, remissão, paz, alegria e mil outras bênçãos.
- c. Jesus não mantinha ilusões quanto à recepção geral do Seu Reino. Sabia que, desde os líderes religiosos de sua nação, a própria nação e até os gentios distantes zombariam dEle e de sua oferta de redenção eterna, apresentando as mais triviais escusas, preferindo para si as ninharias do mundo.

IV. GRANDES MULTIDÕES O SEGUEM; ELE OS ADVERTE A RESPEITO DO ALTO PREÇO EM QUE IMPLICA O DISCIPULADO (Lucas 14:25-35):

A. Ele revela as condições de um discipulado eficaz. Ele apresentou as condições do discipulado nos cinco aspectos abaixo:

1. Uma escolha de lealdade deve ser feita (verso 26).
 - a. Cristo deve ter o primeiro lugar no coração do discípulo. Jesus não quis dizer que devemos odiar nossos pais ou filhos (verso 26). Dedicção fiel aos que são nossa carne e nosso sangue é um dos ensinamentos principais das Escrituras. O que Ele quer dizer é que, se for necessário ter de escolher entre Ele e os parentes, não deve haver a menor hesitação.
2. Uma cruz para ser levada (verso 27).
 - a. O conceito de carregar uma cruz era familiar ao povo.

- b. Não era tarefa fácil tornar-se discípulo dEle.
 - c. Devia negar a si mesmo e levar a sua cruz diariamente.
3. Um preço a ser calculado, ilustrado pelo construtor e rei imprudente.
4. Todos os bens devem ser renunciados (verso 33).
- a. A principal condição é que nós O desejemos e o amemos mais do que outra coisa qualquer.
 - b. Jesus requer e deve ter o primeiro lugar em nosso coração. Se Ele alcança esse lugar, Sua misericórdia será infinita. Mas se O quisermos subordiná-lo ao favor dos nossos caprichos e O tratarmos como coisa secundária, Ele nos vomitará de Sua boca.
5. O espírito de sacrifício e serviço havia de ser mantido (verso 34).
- a. Discípulos sem um espírito de abnegação são parecidos com sal insípido, sem força. Não presta nem mesmo como adubo.

V. JESUS, É CRITICADO PELOS FARISEUS E ESCRIBAS POR TER RECEBIDO PECADORES; SE DEFENDE COM TRÊS PARÁBOLAS (Lucas 15:1-32):

- A.** “Este”, disseram com desprezo, “recebe pecadores e come com eles.” Insinuaram que Jesus preferia esses rejeitados em vez da classe respeitável, por ser Ele igual a eles em caráter e interesses, até mesmo como as prostitutas.
- B.** A este ataque vil e baixo, respondeu com três parábolas de encorajamento ao pecador penitente, apresentando o amor que Deus tem para o homem no seu estado perdido.
- 1. A ovelha perdida, a moeda perdida e o filho pródigo (verso 3-32):

- a. Nestas parábolas, apresenta três quadros do pecador: como ele tornou-se perdido e como havia de ser salvo.
- b. Três quadros de Deus, mostrando a sua atitude para com o pecador, antes do arrependimento.
- c. Mostra aos fariseus e escribas qual é a Sua atitude para com os pecadores e qual devia ser a atitude deles e justifica esta atitude, mostrando qual é a atitude de Deus para com os perdidos.
- d. Ele encerra este mais belo dos discursos parabólicos (em forma de parábola) com um quadro vivo da verdadeira atitude dos fariseus e escribas, representada pelo “Filho mais velho”. Jesus severamente condena a sua atitude de se justificarem em si mesmos e a sua exclusividade em relação aos perdidos.
- e. O caráter destas três parábolas é descrito de tal maneira que representa todos os aspectos da relação entre um Deus amoroso e um homem perdido.
 - 1) A primeira enfatiza “A posseção de Deus e sua dedicação”; a segunda, “A propriedade de Deus e o valor intrínseco do homem”; e a terceira, “A semelhança de Deus e a Sua suprema afeição.”
 - 2) A primeira acentua a perda, a segunda a procura, e a terceira, a restauração.
 - 3) As três formam um clímax: o campo, a casa, o pai, a ovelha, o tesouro, o filho amado.
 - 4) Ensinam os sentimentos de Deus na sua perda e Sua alegria em recuperar o perdido.
 - 5) As duas primeiras têm seu início no coração de Deus e a última, no coração do pecador.
 - 6) A verdade completa a respeito da conversão de qualquer pecador é conseguida através da combinação dessas três parábolas.

VI. DUAS PARÁBOLAS E UMA HISTÓRIA VERDADEIRA (Lucas 16:1 - 17:10):

A. Entre os discípulos de Jesus havia publicanos e pecadores convertidos.

1. Esses homens, por anos a fio, fizeram das riquezas ganhas de forma desonesta o principal alvo de suas vidas.
2. Precisavam aprender como usar corretamente os seus bens e riquezas, e Jesus ensinou esta importante lição numa parábola e o registro verdadeiro do homem rico e Lázaro.
3. Jesus ensinou que riqueza nem sempre implica em pecado, mas ela traz responsabilidades e é acompanhada de certo perigo.

B. A Parábola do Administrador Infiel (verso 1-13)

1. Jesus elogia a previsão dele, não a sua desonestidade; a sua previsão para o futuro, e não o método tortuoso, adotado para isso. O crente deve ser prudente a respeito da sua segurança imediata.

C. O registro verdadeiro (não é parábola) do rico e Lázaro (verso 14-31).

1. Jesus disse: "Havia um certo homem rico..."
2. O rico não foi condenado por ter sido rico. Não há sugestão de que ele ganhou suas riquezas desonestamente. Mas vivia de uma maneira egoísta, sem ter misericórdia dos outros.
 - a. Tal pessoa nunca pode se sentir "em casa" com Deus.
3. A história também nos ensina que:
 - a. Os perdidos ficam em tormento (verso 23)
 - b. Há um abismo intransponível entre o Paraíso e o Hades, dando a entender que terminam na morte todas as nossas oportunidades de salvação.
 - c. E que as Escrituras são de todo suficientes para levar os homens ao arrependimento (verso 31).
 - d. Muitos dos que aqui são primeiros, lá serão últimos.

D. Uma instrução sobre o perdão e a fé (Lucas 17:1-16).

1. Pedro perguntou quantas vezes deveríamos perdoar. Jesus respondeu: “setenta vezes sete.”
2. Os discípulos exclamaram: “Senhor, aumenta-nos a fé.” Para termos tamanho espírito de perdão, precisamos de mais fé.

E. Ele concluiu seu discurso com a Parábola do Servo Obediente (verso 7-10).

1. Para lhes ajudar a fé, Jesus falou do poder ilimitado dessa mesma fé; e em seguida, pela Parábola do Servo Obediente, mostra-lhes que a humildade é a base fundamental da fé.
2. Devemos servir a Deus como servos obedientes, humildemente e sem espírito de orgulho ou avidez.
3. Os fariseus serviam a Deus esperando receberem um recompensa. Este não deve ser o nosso alvo, mas sim, servi-lo por amor.

JESUS RESSUSCITA A LÁZARO – SUA RETIRADA PARA EFRAIM

A ressurreição de Lázaro é o último sinal registrado por João. Segundo o testemunho de João, na organização do seu evangelho, este ato constituiu o clímax da maravilhosa manifestação da personalidade divino-humana de Jesus Cristo. Por um lado fez com que muitos cressem em Jesus, mas, por outro lado, levou os fariseus a dizerem, “Se o deixarmos assim, todos crerão nele.” Por conseguinte, começaram a fazer planos definidos para matá-lo.

Esta atitude de alguns judeus contribuiu para que cada nova revelação de Jesus os endurecesse mais e os tornasse ainda mais hostis. Quando se manifestou como O que dá a vida, recusaram a Sua oferta. Quando se declarou o Pão da Vida, não manifestaram fome por Ele. Quando se mostrou como o Bom Pastor das ovelhas, não escutaram a Sua voz, nem O seguiram. Quando se proclamou a Luz do Mundo, escolheram andar nas trevas.

Quando ressuscitou a Lázaro e revelou-se como A Ressurreição e a Vida, planejaram matá-lo.

I. LÁZARO RESSUSCITADO (João 11):

A. Chegou até Jesus uma mensagem vinda de Betânia (Note: Não foi de Betânia da Pereia, mas da Betânia que ficava perto de Jerusalém).

1. Lázaro estava morrendo. Mas Jesus demorou-se mais dois dias e, então, partiu para Betânia.
2. Os discípulos recesaram ir, temendo a morte (verso 8).
 - a. Jesus disse: “Não são doze as horas do dia? ...quem anda de dia não tropeça...”

B. A tristeza de Marta (verso 21, 22).

1. Quando Jesus aproximou-se de Betânia, Marta o encontrou, revelando uma leve censura, expressando assim, o seu profundo desapontamento,

2. A sua fé tinha sido severamente provada pela morte do irmão. Pensando que Jesus iria curá-lo, não podia entender a Sua demora.
 - a. Lembremos que Ele não é obrigado a agir da maneira que queremos. E não importa qual seja o tamanho da fé que tivermos.
3. Por que Jesus demorou?
 - a. Queria fazer um milagre muito maior do que o que teria feito, se tivesse vindo antes.
 - b. Queria aumentar e inspirar a fé dos discípulos.
 - c. Queria mostrar o Seu amor; não somente um amor carinhoso, mas um amor muito maior! Um amor tal que mais tarde o conduziria à cruz.
4. Maria sabia que Jesus veio, arriscando a sua própria vida. Isto criou um desejo em seu coração para vê-lo fazer algo (verso 22)
 - a. Embora fraca, essa expressão de fé abriu oportunidade para Jesus fazer-lhe algo maior.

C. Jesus assegura (verso 23-27).

1. A afirmação do Senhor é mal interpretada (verso 23, 24, “Teu irmão há de ressurgir.”)
 - a. Por que Marta não se regozijou quando Jesus disse que Lázaro havia de ressurgir?
 - b. Porque teve fé no passado e no futuro, mas não no presente.
 - c. Há muitos que lhe são semelhantes, hoje! Não compreendem que existe o mesmo poder hoje, ao nosso alcance.
2. A segurança aceita (verso 25, 27); O entendimento de Marta a respeito da promessa.
 - a. Jesus conduziu a sua fé numa geral e distante ressurreição, para, por meio disto, trazê-la a uma realidade presente e específica.
 - b. Procurou ligar esta fé de Marta a si mesmo. Em virtude da sua divindade, disse “EU SOU”. Que quer dizer nesse caso, “Hoje sou a ressurreição para seu irmão.”

D. A ressurreição de Lázaro (versos 38-44).

1. Jesus ordenou que a pedra fosse tirada.
 - a. Bem poderia ter tirado, pelo seu próprio poder milagroso, mas queria provar a sua fé, pedindo-lhes para fazerem alguma coisa que parecesse tola ao homem natural.
 - 1) Numa maneira semelhante pedira aos 5.000 para assentarem-se quando havia somente 5 pães e 2 peixes para comer.
2. A prova foi demais para Marta, esta moça prática. Imediatamente protestou.
 - a. E, imediatamente, Jesus censura com firmeza, mas com amor, a sua falta de fé.
 - 1) Queria desafiar e restaurá-la a um lugar de fé.
 - 2) Queria que ela tirasse seus olhos das circunstâncias, para colocá-los nEle.
 - 3) Queria que ela olhasse para Ele a fim de que pudesse destruir o poder da morte e livrá-la do seu aguilhão.
3. A sua oração estava dizendo ao povo: “Se Deus não agir por mim agora, então rejeitem-me como impostor; mas se agir, aceitem-me como o Messias.”
4. Clamou: “Lázaro, vem para fora...” e saiu, ressuscitado ... “Desatai-o e deixai-o ir.”

II. OS EFEITOS DO MILAGRE NO POVO E NO SINÉDRIO (João 11:45-54):**A. Muitos creram nEle. (A alegria das irmãs não está descrita)****B. Os principais sacerdotes convocaram o Sinédrio para uma reunião especial. Na sua excitação disseram:**

1. “Que estamos fazendo, uma vez que este homem opera muitos sinais? Se o deixarmos assim, todos crerão nele; depois virão os romanos e tomarão não só o nosso lugar, mas a própria nação.”

- a. O povo O proclamaria o seu Messias político: e por causa disto os romanos viriam e os destruiriam

C. O Sumo-Sacerdote, Caifás, declarou o que os outros temiam dizer:

1. “Vós nada sabeis, nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação.” (verso 50).
2. Caifás, sem perceber o que dizia, profetizou e falou uma verdade muito maior do que pensou.
 - a. Era homem egoísta e cruel, querendo apenas expressar a decisão sanguinolenta do Sinédrio.
 - b. Nunca imaginou que estava profetizando a queda do Sacerdócio e a destruição do povo que pretendia estar salvando, com a decisão contra Jesus.
 - c. Nunca raciocinou que uma decisão injusta sempre traz maldição àquele que a pronuncia.
 - d. Esta foi a última profecia do Sumo-Sacerdócio em Israel, pronunciando a sentença de si mesmo.
 - e. Verdadeiramente Jesus morreria “pelo povo” num sentido mais profundo do que Caifás jamais compreenderia.
 - 1) Caifás, devido ao seu ofício divino, como Sumo-Sacerdote, anunciou, sem perceber, o grande plano de Deus... “Que Jesus estava para morrer pela nação e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos.”
3. Agora “os dados foram” Jesus tinha feito o último e imperdoável ato de ressuscitar Lázaro dentre os mortos.
 - a. Desde aquele dia resolveram matá-lo.

III. JESUS RETIROU-SE PARA UMA REGIÃO VIZINHA DO DESERTO, PARA UMA CIDADE CHAMADA EFRAIM.

A ÚLTIMA JORNADA PARA JERUSALÉM

Esta última jornada de Jesus para Jerusalém havia de terminar em sua morte na cruz.

I. JESUS CURA DEZ LEPROSOS (Lucas 17:11-19):

A. A caminho de Jerusalém, Jesus passava pelo meio de Samaria e da Galiléia.

1. Ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos, que lhe rogaram, “Jesus, Mestre, compadece-te de nós!”
 - a. Como é fácil para nós O chamarmos de “Mestre”, quando precisamos de alguma coisa.
2. “Ide e mostrai-vos aos sacerdotes.” (Ainda estavam na dispensação da Lei).
3. “Onde estão os nove?” (Somente um voltou para dar glória a Deus).
 - a. Os nove apressaram-se para por fim ao isolamento social, pensando somente em si mesmos e na reunião alegre que iriam fazer com a família e amigos.
 - 1) Dez receberam a bênção; somente um voltou para dar graças, uma percentagem que é, infelizmente, muito comum na história humana.
4. Isto era característico da ingratidão judaica.
 - a. Jesus não achou gratidão onde esperava; mas, ainda assim, foi agradável para ele achá-la, mesmo onde não esperava (nove entre os 10 leprosos eram judeus e somente o samaritano voltou).
 - b. A Lição: Os fariseus O rejeitaram, mas os publicanos e pecadores entrariam no reino.

II. JESUS EXPLICA AOS FARISEUS E AOS DISCÍPULOS A RESPEITO DA NATUREZA DO REINO E DA VINDA DO FILHO DO HOMEM (Lucas 17:20-37):

A. Os fariseus queriam saber quando esse Jesus, o peregrino, agora um fugitivo, estabeleceria o Seu Reino.

1. A sua resposta à pergunta insincera e sem percepção, a resposta da natureza do Reino, foi clara e cortante.
 - a. “Não vem o reino de Deus com visível aparência. Nem dirão: Ei-lo aqui! ou: Lá está! porque o reino de Deus está dentro em vós.”
 - 1) Que golpe à exterioridade dos fariseus.
2. A segunda parte do discurso dirige-se principalmente aos discípulos e revela a verdadeira natureza da sua segunda vinda.
 - a. Não deviam ser enganados, nem correr atrás de falsos profetas e sinais.
 - b. A sua segunda vinda seria súbita e universalmente visível.
 - c. Viria de repente e inesperadamente, como relâmpago, rasgando o céu, de uma à outra extremidade.
3. Agora, revela que a segunda vinda, por ser súbita, encontraria o mundo despreparado.
 - a. Cita os tempos de Noé e de Ló, como ilustração do mundanismo e dos vãos prazeres que prevaleceriam no tempo da segunda vinda.
4. Jesus encerra o Seu discurso aos discípulos, apontando para a iminente separação entre Ele (Jesus) e eles (os seus discípulos) (verso 34-37).

III. AS PARÁBOLAS A RESPEITO DA ORAÇÃO; A VIÚVA IMPORTUNA; O FARISEU E O PUBLICANO (Lucas 18:1-14):

- A. A segunda vinda, ainda futura, do Filho de Deus, seria uma prova da fé dos discípulos maltratados. Por isso, Jesus acrescenta um lição sobre a necessidade de persistência e humildade na oração, para que pudessem ser libertos.**

1. A necessidade da persistência na oração é ilustrada no caso do juiz iníquo.
 - a. Foi apresentada para mostrar a necessidade de orar sempre e não desanimar, em meio a circunstâncias difíceis.
 - 1) Os judeus disseram que o homem devia orar três vezes ao dia e não encher a paciência de Deus com oração incessante.
 - b. Jesus nos ensina que devemos orar sempre e acima de tudo, não desanimando, nem nos tornando covardes, nem nos entregando ao mal, mas sim, persistindo até recebermos a resposta.
 - 1) Há um perigo em “desistir” e abandonar a oração, se não temos a resposta quando achamos que devemos tê-la. A parábola nos adverte contra isto.
2. O caso é que os discípulos não deviam tentar forçar Deus a responder, nem confiar em sua persistência, mas, sim, ter fé na fidelidade de Deus, que sempre responde, ainda que possa parecer tardio.
 - a. Ensina que, às vezes, Deus demora, mas devemos ser fiéis, persistentes e cheios de fé na oração.
 - b. Nós temos que orar sempre, em todas as circunstâncias, nunca desvanecer e nem dar lugar para o mal.
 - 1) Quando Jesus voltar, achará porventura tamanha fé como essa sobre a terra? Isto é um desafio!
3. Lucas liga a parábola do fariseu e do publicano (verso 9-14) com essa parábola, porque queria ensinar tanto aos discípulos, quanto aos fariseus, uma lição muito importante a respeito do caráter da verdadeira oração.
 - a. A oração eficaz depende do caráter daquele que ora, da natureza da petição e do espírito em que foi oferecida a oração.

IV. DEIXANDO A GALILEIA E PASSANDO PELA PEREIA, A CAMINHO PARA A JUDEIA, JE-

SUS ENSINA A RESPEITO DO DIVÓRCIO (Marcos 10:12; Mateus 19:1-12):

A. Esta popularidade de Jesus foi mais do que Seus inimigos puderam suportar. Oxalá pudessem fazer uma pergunta que O fizesse perder a popularidade. Procuraram tal pergunta e a acharam. O divórcio era uma assunto muito disputado.

1. É lícito ao marido repudiar a sua mulher por “qualquer motivo?”
 - a. A Escola de Hillel dizia que era lícito por “qualquer motivo”, até a menor ofensa, (os liberais).
 - b. A Escola Shamai era mais exigente nestes assuntos, (os conservadores).
2. A resposta de Jesus; “Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher?”
 - a. Deus fez, no princípio, um só homem para uma só mulher.
 - b. Pela mesma razão, foi declarado que qualquer outra relação humana, até mesmo as mais íntimas, (como as que existem entre pais e filhos), deveriam ser secundárias em relação àquela entre o homem e a mulher.
 - c. Portanto, este jugo de Deus, pelo qual Ele junta duas almas, “não separe o homem.”
 - d. Ao findar, pronuncia estas palavras: “Quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra, comete adultério (e o que casar com a repudiada comete adultério).”

V. JESUS RECEBE E ABENÇO A AS CRIANÇAS, ASSIM ILUSTRANDO PARA OS SEUS DISCÍPULOS A VERDADEIRA NATUREZA DO REINO (Marcos 10:13-16; Mateus 19:13-15; Lucas 18:15-17):

- A. Os discípulos tentaram mandar as crianças embora, pensando que estavam fazendo um favor para Jesus. Assim também, algumas pessoas hoje em dia pensam que não devemos levar os pequenos à igreja.**
1. Eles não entenderam nem as crianças nem Jesus!
 2. O pastor que não gosta de crianças nos cultos tem algo mais para aprender a respeito de Jesus.
- B. Jesus, porém, disse: “Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus.”**
1. O Reino dos céus pertence às pessoas que são inocentes como crianças.
- C. Jesus abraça as crianças e as abençoa.**
1. Aqui Jesus está se apresentando como o maior amigo de todas as crianças.

VI. JESUS ENSINA AO JOVEM RICO, O CAMINHO DA VIDA; AOS DISCÍPULOS, A GRANDEZA DE SEU GALARDÃO. TAMBÉM ENSINA A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES NA VINHA (Marcos 10:17-31; Mateus 19:16-21; 20:1-16; Lucas 18:18-30):

- A. Enquanto Jesus saía do lugar onde tinha abençoado as crianças, veio o jovem rico, possivelmente de uma sinagoga próxima. Veio correndo, ajoelhou-se e perguntou a Jesus: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”**
1. Ele veio na maneira certa (correndo e ajoelhando-se).
 2. Ele veio à pessoa certa. (Enquanto outros líderes não acreditavam na divindade de Jesus, este chamou Jesus, Deus!)
 - a. “Bom Mestre” – um dos títulos dados a Deus nos escritos era “O Sumo Bem do Mundo.”

- b. “Por que me chamas bom? Não há bom senão um só que é Deus.”
 - 1) O jovem rico entendeu que estava diante do “sumo bem do mundo”, mas estava por demais apegado às coisas terrenas, para segui-lo.
- 3. Fez a pergunta certa (Que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?).
 - a. Desejava algo maior do que a experiência comum de um religioso satisfeito consigo mesmo.
 - b. Tinha tentado viver um modo de vida que o povo considerava “bom” e o achou, porém, incapaz de dar a satisfação interior.
 - c. Observava a Lei desde a sua juventude – era de alta moralidade, mas sentiu um vácuo por dentro que não entendeu.
 - d. “Que falta ainda?” queria saber, confessando o seu descontentamento.
- 4. Recebeu a resposta certa. (Mas não foi a resposta que esperava receber.)
 - a. “Vai, vende os teus bens e dá aos pobres.”
 - b. “Toma a tua cruz e segue-me.”
- 5. Fez a decisão errada. (Retirou-se triste – era dono de muitas propriedades.)
 - a. Foi possuído por suas posses.

B. Jesus aponta a moral da história (Mateus 19:23-27).

- 1. “Quão difícil é (para os que confiam nas riquezas) entrar no reino de Deus!”
 - a. “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.”
- 2. Falou Pedro, “Eis que nós tudo deixamos e te seguimos: que será, pois, de nós?”
 - a. Estavam esperando o Reino vindouro com expectativas ambiciosas, para que, quando viesse, aproveitassem grandemente das coisas materiais.
- b. Jesus respondeu: Mateus 19:28, 29.

C. Jesus agora acrescenta a parábola dos trabalhadores na vinha, para reforçar o ensino do caráter, do espírito e dos verdadeiros motivos do obreiro de Deus (Mateus 20:1-6).

1. Esta história ensina que Deus está mais interessado no espírito e no caráter do obreiro, do que naquilo que faz.

VII. JESUS AINDA, OUTRA VEZ, PREDIZ A SUA MORTE E RESSURREIÇÃO E CONDENA AS AMBIÇÕES EGOÍSTAS DE TIAGO E JOÃO (Marcos 10:32-45; Mateus 20:17-28; Lucas 18:31-34):

A. De novo, Jesus chamou os doze e começou explicar, desta vez mais detalhadamente, as coisas que havia de sofrer em Jerusalém.

B. Em tal hora, a mãe de Tiago e João veio e pediu-lhe: “Manda que, no teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita e o outro a tua esquerda.” (Mateus 20:21).

1. O pedido é repetido por Tiago e João (Marcos 10:35-45).
2. Jesus responde, “Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu bebo, ou receber o batismo com que eu sou batizado?”
 - a. “Podemos”, responderam (E assim aconteceu, mais tarde).
 - b. Ainda entenderam muito pouco a verdadeira natureza do Reino. Precisavam aprender que era um reino espiritual, que exigiria gente espiritual, sem ambições mundanas, livre de invejas, e que não tivesse um espírito mercenário; o que tinham acabado de revelar.

C. Jesus chamou-os à parte, porque todos estavam errados na atitude e tentou ilustrar-lhes claramente qual era a verdadeira natureza do Reino (Mateus 20:25-28)

VIII. A CURA DE DOIS CEGOS DE JERICÓ (Marcos 10:46-52; Mateus 20:39-34; Lucas 18:35-43):

- A. Observe: Quanto à aparente discrepância entre os evangelistas, no tocante ao local, há duas interpretações:**
1. Os suplicantes começaram a clamar a Jesus quando este entrava em Jericó, e Ele somente atendeu quando saía da cidade.
 2. Eles clamaram quando Jesus saía da velha cidade e foram atendidos quando ele entrava na nova, que distava, daquela, mais ou menos uns três quilômetros.
- B. Quanto ao número de cegos curados, Mateus menciona dois, enquanto Marcos e Lucas falam de um só, talvez, por ser este um caso notável, dada a gravidade, ou por qualquer outra razão.**
- C. O episódio ensina-nos:**
1. Quão importante é empregarmos, diligentemente, os meios lícitos que estão ao nosso alcance para atingirmos um fim.
 2. O que o cego fez para obter alívio do sofrimento é o que devem fazer os pedidos para obter a salvação de suas almas.
 3. O exemplo consolador da bondade e da compaixão de Cristo para os que o buscam como fonte de vida e de alívio para os sofrimentos.

IX. JESUS VISITA ZAQUEU E O SALVA, JUNTA- MENTE COM A SUA CASA. A PARÁBOLA DAS DEZ MINAS (Lucas 19:1-28):

- A. Jesus tomou a iniciativa, para visitar a casa de Zaqueu, antecipando, assim, o convite que este lhe faria.**

B. Aquele que reivindicou ser o Messias ia ao lar de um publicano proeminente e grande pecador, a fim de ser hospedado.

1. Isto comoveu o coração de Zaqueu, pelo que arrependeu-se e fez a Jesus uma confissão plena dos seus pecados.
2. Zaqueu foi além dos requisitos do código Mosaico, que exigia 1/5, ou seja, 20% para os pobres (ele prometeu 1/2, ou seja 50% dos seus bens) e, casos de fraude, o código Mosaico exigia uma quantia igual à roubada, mais 1/5 (ele prometeu restituir quatro vezes mais).
3. Jesus disse-lhe numa voz que todos puderam ouvir: “Hoje houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão.”
 - a. Apesar da incompatibilidade social, Zaqueu era filho de Abraão.

C. Jesus resumiu o assunto para eles e para nós, na maravilhosa conclusão: “Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido.”

1. Ele veio a este mundo com um missão – e a sua missão era a de buscar, até achar, os perdidos e de salvar os que tinha achado.
2. Que belo quadro nós temos aqui: o pecador procurando o Salvador e o Salvador procurando o pecador!

D. A Parábola das dez minas (Lucas 19:12-27).

1. É semelhante, mas diferente em muitos detalhes, da parábola dos talentos (Mateus 25:14). O propósito é diferente.
2. É um tipo de profecia (em forma de parábola), a respeito do futuro dos discípulos, do reino messiânico e também a respeito das atitudes dos homens para com Ele.
 - a. Ilustra a mui breve saída de Jesus para “uma terra distante”, uma jornada que exigiria muito tempo.
 - b. Os discípulos, como escravos procurando fazer a vontade do Seu Senhor, são incumbidos de levar a

- palavra do Reino. A “mina” de cada um é a responsabilidade de pregar o Evangelho, fiel e lealmente, até que Jesus volte.
- c. O nobre volta:
 - 1) Os servos, a quem ele confiou cada talento, se apresentaram para prestar conta do que fizeram.
 - 2) Ganharam! Perderam! Conforme o que tinham feito com o seu encargo. (Eu sei que és homem rigoroso, etc.)
 - a) Por tua própria boca te condenarei.
 3. Jesus queria esclarecer que nem glória, nem riqueza material, nem poder, seria a sorte dos servos do Senhor ausente, que haveria de partir; mas, em vez disso, trabalho e responsabilidade.
 - a. Sabia que nem todos os seus discípulos aproveitaram igualmente o encargo de que foram incumbidos.
 - b. Alguns seriam fidelíssimos com aquilo que lhes seria dado, outros menos; e, infelizmente, alguns não fariam nada.
 4. Em conclusão, Ele dirige algumas palavras aos inimigos judeus, que em poucos dias levariam a nação contra Ele e o crucificariam:
 - a. “Quanto, porém, a esses meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trouxe-os aqui e executai-os na minha presença.”
 - b. Aqui, havia uma profecia da breve destruição da nação de Israel.

RESUMO CRONOLÓGICO DOS CAPÍTULOS 24 - 26

MINISTÉRIO NA PEREIA

1. Jesus retira-se de Jerusalém para Betânia do além Jordão e passa a percorrer a Pereia. Perguntam-lhe sobre o número de salvos, e, na sua resposta, Ele condena a hipocrisia – entre a Festa da Dedicção do ano 28 ou 29 e a da Páscoa do ano 29 ou 30 A.D.
2. Fariseus informaram-no do plano homicida de Herodes Antipas; Jesus responde, com santa altivez, e lança lamentações sobre Jerusalém – Pereia, entre o ano 28 ou 29 ao ano 29 ou 30 A.D.
3. Interroga doutores e fariseus sobre a prática de boas obras no sábado, cura um homem hidrópico e profere a Parábola dos Primeiros Assentos e a da Grande Ceia – em casa de um fariseu, num sábado, provavelmente, na Pereia, ainda antes da Páscoa do ano 29 ou 30 A.D.
4. Ensina sobre o custo de ser seu discípulo e profere a parábola sobre a providência – viajando em direção a Jerusalém, provavelmente, ainda na Pereia e antes da Páscoa do ano 29, ou 30 A.D.
5. Criticado por suas relações com os pescadores, Jesus profere as parábolas da Ovelha Perdida, da Moeda Perdida – provavelmente na Pereia, ainda antes da Páscoa do ano 29, ou 30 A.D.
6. Profere a Parábola do Administrador Infiel, fala sobre o servir a Deus e profere a Parábola do rico e Lázaro – provavelmente na Pereia, ainda antes da Páscoa do ano 29, ou 30 A.D.

7. Ensina a respeito dos escândalos, do perdão, do poder da fé e dos servos inúteis; recomenda a magnanimidade, a fé e a modéstia como virtudes cristãs – Pereia, provavelmente, antes da Páscoa do ano 29, ou 30 A.D.
8. Jesus e seus discípulos dirigem-se à Judeia, a fim de ressuscitar Lázaro – Betânia, antes da Páscoa do ano 29, ou 30 A.D.
9. O fato é comunicado aos fariseus, o que provoca reunião do Sinédrio, ocasião em que Caifás profere uma declaração profética sobre Cristo, mas os líderes pactuam para matar Jesus.
10. Jesus retira-se, com os discípulos, de Betânia para a região deserta de Efraim – antes da Páscoa do ano 29, ou 30 A.D.
11. Cura dez leprosos e ensina sobre o valor da prática da gratidão – enquanto se dirige de Efraim a Jerusalém, via Galileia e Pereia, antes da Páscoa.
12. Responde à pergunta dos fariseus sobre o evento do reino, quando fala das características e condições do reino e de sua Segunda Vinda – viajando para Jerusalém, antes da Páscoa.
13. Profere a Parábola do Juiz Iníquo, ou da Viúva Importuna, e a do Fariseu e o Publicano – viajando para Jerusalém, antes da Páscoa.
14. Nova pergunta dos fariseus motiva importantes lições, de Jesus sobre o divórcio – viajando, agora, além do Jordão, em direção à Jerusalém, no ano 29, ou 30 A. D.
15. Jesus abençoa as crianças, repreende os discípulos que as interpretaram e as apresenta como modelo àqueles que desejam entrar no Reino – viajando para Jerusalém, antes da Páscoa.
16. Encontro com o jovem rico e nobre, ocasião em que ensina

sobre o perigo do apego às riquezas e profere a Parábola dos Trabalhadores na Vinda – viajando para Jerusalém, antes da Páscoa.

17. Pela terceira vez, prediz sua paixão – perto de Jericó, na Judeia, antes da última Páscoa do seu ministério público.
18. A ambição descabida de Tiago e João provoca ensinamentos sobre como ser “primeiro” no reino de Deus – perto de Jericó, antes da Páscoa.
19. Cura dois cegos – perto de Jericó, antes da Páscoa.
20. Encontra com Zaqueu, o publicano – Jericó, uma semana antes da Páscoa.
21. Profere a Parábola dos Dez Servos e das Dez Minas – Jericó, uma semana antes da Páscoa do ano 29, ou 30 A.D.

O MESSIAS DOS JUDEUS, E O SALVADOR DO MUNDO

Por ocasião da Festa da Páscoa do ano 29, ou 30 A. D. Em Jerusalém, a expectativa era intensa e, em Betânia, procuravam-no e a Lázaro para os matar.

De dia ensinava no templo e, à noite, saindo, pousava no monte chamado das Oliveiras (Lucas 21:37).

I. A CHEGADA EM BETÂNIA (João 11:55 – 12:1, 9-11):

A. De Jericó, Jesus foi para Betânia, para a casa de Marta, Maria e Lázaro, que tinha sido ressuscitado seis semanas antes.

B. O povo judeu reuniu-se em Jerusalém para a festa da Páscoa que haveria de ser celebrada dentro de poucos dias.

1. O povo queria ver Jesus e Lázaro, a quem Ele ressuscitara dos mortos – sabendo que Jesus estava em Betânia, multidões se congregaram lá.

2. Os principais sacerdotes estavam enfurecidos e resolveram matar Lázaro.

a. Razão: Porque sabiam que, enquanto ele vivesse, nada poderiam fazer contra Jesus. Por causa de Lázaro, muitos creram em Jesus.

b. Poderia outro, que não o Messias, fazer tal milagre?

II. A ENTRADA TRIUNFAL DE JESUS EM JERUSALÉM, COMO MESSIAS (Marcos 11:1-11; Mateus 21:1-11; Lucas 19:29-44):

A. Jesus agora se oferece a si mesmo aos judeus, como Messias-Rei prometido.

1. Não foi o tipo de rei que esperavam, mas o tipo que os profetas predisseram; nem haveria de ser um reino de poder, com manifestação de grandeza nem de força.
2. Entrou em Jerusalém como o Príncipe da Paz, montado em jumento, segundo as profecias messiânicas de Isaías e Zacarias.
 - a. A jumenta simbolizava realeza e paz, para os judeus.

B. Jesus envia dois discípulos para a cidade, para que buscassem o animal em que ele haveria de montar e entrar em Jerusalém.

1. Sentado no jumento, precedido pela multidão, e seguido pelos discípulos e outros peregrinos, o Messias caminhava para a Santa Cidade (cumprindo Isaías 62:11; Zacarias 9:9).
2. A maior parte da multidão estendeu as suas vestes pelo caminho; outros cortavam ramos de árvores, espalhando-os pela estrada.
3. O alvoroço foi enorme: “Hosana ao Filho de Davi!”
4. Sentiram que por fim o seu Messias tinha vindo.
5. Os Fariseus ficaram desesperados! Tinham falhado! Disseram-lhe: “Mestre, repreende os teus discípulos.”
 - a. Jesus conhecia os corações: Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão.”

C. Quando se aproximaram das portas, e Jesus viu a cidade, Ele começou a chorar.

1. E dizia: “Ah! Se conheceras por ti mesmo ainda hoje o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos.”
 - a. Ele, o Príncipe da Paz, poderia ter trazido a paz e a salvação, se o aceitassem; mas, porque o rejeitaram, ficaram cegos espiritualmente.
2. Em pranto, prediz a desolação que haveria de acontecer 30 anos mais tarde (Lucas 19:44).

D. Oferecera-se a si mesmo como o Rei da Paz, sentado no jumento como predito por Zacarias.

1. Mas parece que nem os discípulos, nem o povo, entenderam o significado deste ato.
2. Em vez de abraçarem a ideia de um Reino espiritual, insistiram em ter um reino material que os livraria do jugo de Roma.
3. O ideal de um reino material, nutrido nos corações de um grupo de sacerdotes mundanos e arrogantes, logo traria o inevitável choque com o Império Romano.

E. Outra vez, seguiram; e entrando em Jerusalém, chegaram ao Templo.

1. Deixando o animal, entrou no Templo.
2. Por um instante, foi o “herói do momento”, Mestre do Templo.
3. O propósito da declaração messiânica foi cumprido. Declarar para o mundo inteiro que era o Messias.
4. O cordeiro pascal foi escolhido neste dia. Ele se consagrara a si mesmo para a morte.

III. O PODER MESSIÂNICO DEMONSTRADO NA MALDIÇÃO DA FIGUEIRA; A SEGUNDA PURIFICAÇÃO DO TEMPLO (Marcos 11:12-18; Mateus 21:18, 19, 12, 13, Lucas 19:45-48):

A. Ao fim do dia, Jesus, com os doze, partiu para a amada casa de Lázaro.

1. Na manhã seguinte, prosseguiu de novo para o Templo. Sentindo fome, viu uma figueira à beira da estrada.
2. Sobressaiu-se por causa da folhagem abundante; parecia uma árvore com fruto.
3. Jesus aproximou-se da árvore – mas não achou nada, senão folhas.
 - a. Foi uma ilustração perfeita daquele que “professa mas não produz.”

- b. Nesta árvore, tão bem situada e abundante em promessas, mas ainda sem fruto, Ele viu um emblema de Israel. E a amaldiçoou.

B. Chega ao templo. Desta vez Ele não veio para reformar o culto; veio para declarar o começo do julgamento messiânico.

1. O Templo corrupto, os sacerdotes hipócritas, a cerimônia vã e vazia, tendo sido julgados, certamente haveriam de passar.
2. Esta limpeza haveria de ser o julgamento final do Reino Messiânico. (Leia Mateus 21:12, 13).
3. As autoridades do Templo se enfureceram e procuravam eliminá-lo.

IV. ALGUNS GREGOS (GENTIOS) PROSÉLITOS DESEJAM VER A JESUS, E ELE REVELA-SE COMO SALVADOR DO MUNDO (João 12:20-50):

A. Esses homens não eram simplesmente – Helenistas, mas verdadeiramente gregos, trazendo em contato com Jesus o mundo gentio, ao fim do Seu ministério, assim como os Magos tinham feito por ocasião do Seu nascimento.

1. Dirigindo-se a Filipe, disseram-lhe, “Senhor, queremos ver a Jesus.”

B. Jesus viu nesses gregos os precursores de uma multidão vasta no mundo gentio que viria para Ele, de toda nação, tribo e povo.

1. “É chegada a hora de ser glorificado o Filho do homem.”, disse Ele.
2. “Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica só, mas se morrer, produz muito fruto.”
 - a. O mundo estava em um estado de crise e logo seria

condenado, porque condenava a Jesus.

- b. Satanás, o príncipe deste mundo, seria expulso de seu trono de supremo poder, e Jesus, ao ser levantado na cruz, atrairia a todos a si mesmo.
- c. A cruz seria o ímã central do universo.
- d. A vinda dos gregos nesta hora serviu como prenúncio da futura conquista da humanidade, pelo Salvador.
- e. Satanás iria ser derrotado na cruz.

C. Aqui João termina o seu registro Evangélico do ministério público de Jesus.

- 1. João dá um resumo do ensino de Jesus, nos versículos 44 – 50.

V. A LIÇÃO DA FIGUEIRA MURCHA (Marcos 11:9-14, 20-26; Mateus 21:19-22; Lucas 21:37, 38):

- A. Aconteceu que, na manhã seguinte, viram a figueira seca desde a raiz.**
- B. Usando a figueira como ilustração, Jesus ensinou-lhes que poderiam fazer coisas “impossíveis”, se tivessem fé em Deus.**
- C. Um fé simples, que não vacila, traz honra para Deus, e bênçãos para nós.**

O MINISTÉRIO DOS ÚLTIMOS DIAS

- I. A AUTORIDADE DE CRISTO DESAFIADA E DEFINIDA (Marcos 11:27 – 12:12; Mateus 21:23 – 22:14; Lucas 20:1-19):**
- A. Na manhã seguinte, depois da lição da figueira murcha, Jesus começou a ensinar no átrio do Templo.**
 - B. Veio uma delegação do Sinédrio e interrompeu os seus ensinamentos com uma pergunta tríplice, ordenando-o declarar os seus motivos e a fonte de sua autoridade.**
 - 1. “Com que autoridade fazes estas cousas?”
 - 2. Será que Ele recebeu autoridade dos rabis, ou do Sinédrio?
 - 3. Será que Ele ousaria declarar que tinha autoridade divina para purificar o Templo?
 - C. Ele não caiu na cilada, mas tomou a defensiva. Condicionando sua resposta ao pronunciamento dos seus arguidores, sobre a procedência do batismo de João.**
 - 1. “De onde era o batismo de João, do céu ou dos homens?”
 - D. Ele forçou seus inimigos a enfrentarem o dilema, qualquer lado do qual os colocaria no mesmo tipo de armadilha que tinha planejado para Ele.**
 - 1. Se denunciassem João, corriam grande risco por causa da popularidade do mesmo; se admitissem que João fora um enviado de Deus, também admitiriam a autoridade de Jesus.
 - E. Ante a fingida ignorância dos interrogadores, Jesus profere três parábolas. Por meio da parábola dos dois filhos, revela a insinceridade dos fariseus no seu tratamento a**

respeito de João (Mateus 21:28-32).

1. Não havia pecado que Jesus odiasse mais do que a hipocrisia.
 - a. Mostrando essa atitude insincera e fraudulenta contra João, Jesus preparou o caminho para o golpe final contra a falsa liderança daqueles líderes do povo.
2. Nesta parábola, O Mestre demonstra que é má coisa não escolher o bem, logo de início, mas é pior não mudar, mesmo depois de conhecê-lo.

F. Agora Ele acrescenta a parábola da vinha, que visa advertir a própria nação Judaica que o rejeitou. Frisa especialmente o estado de corrupção humana; a paciência e longanimidade com que Deus trata o homem; e quão severa é a justiça de Deus para com aqueles que, percebendo isto (à semelhança destes sacerdotes e escribas), orgulhosamente permanecem na impiedade.

1. O povo não percebeu que estava pronunciando seu próprio destino.
2. Jesus solenemente repetia a sentença da morte ao povo que rejeitara os profetas, e agora preparava-se para matá-lo também.
3. Com um olhar cortante, perguntou-lhes: “Nunca lestes... a pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra angular...” (Mateus 21:42), cumprimento do Salmo 118:22, 23.
 - a. É lamentável que os edificadores o tenham rejeitado!

G. A parábola das Bodas (Mateus 22:1-14) – outra ilustração do mesmo fato; a nação eleita do Senhor, pelo vergonhoso tratamento dispensado aos mensageiros de Deus, estava agora para ser lançada fora, sua capital queimada, e outras nações seriam admitidas.

1. A parábola é um drama de três partes.
 - a. O Rei mandou os servos chamarem aqueles que, já há algum tempo, haviam recebido o primeiro convite. Eles não viriam.

- 1) O primeiro convite foi dado aos judeus, pelos profetas; depois, pelos apóstolos; e finalmente, pelo Seu próprio Filho. Estes foram assassinados.
- b. O Rei mandou os servos, “Ide para as encruzilhadas dos caminhos e convidai...” convite aos gentios.
- c. A condição para assistir ao casamento, seja gentio, seja judeu... ser estar vestido com a veste nupcial.

II. O TRIBUTO A CÉSAR (Marcos 12:13-17; Mateus 22:15-22; Lucas 20:20-26):

A. Os líderes tinham sido superados em astúcia, por Jesus, nas questões pertencentes à autoridade dEle. Agora queriam apanhar Jesus numa declaração que pudesse servir de base à acusação de ser Ele desleal ao governo romano, e assim ser entregue a Pilatos.

1. “É lícito pagar tributo a César?”
 - a. Este foi um truque astuto para apanhar Jesus numa armadilha. A pergunta foi direta, franca e simples, e requeria uma resposta.
 - b. Podiam imaginar as suas respostas possíveis. Qualquer das duas implicaria em circunstâncias sérias e até fatais.
 - 1) Se declarasse o tributo ilegal, seria chamado pelo tribunal romano como revolucionário.
 - 2) Se declarasse o tributo legal, perderia as simpatias do povo, que era patriótico.
2. Mas Jesus viu a malícia deles e pediu uma moeda. Vendo-a, perguntou: “De quem é este retrato e este título na moeda?” Eles responderam: “Do imperador (César)”. Disse Jesus, “Se é dele, dêem-na a ele. Mas tudo o que é de Deus deve ser dado a Deus.” E eles coçaram a cabeça, desorientados com a resposta dEle!

III. A PERGUNTA SOBRE A RESSURREIÇÃO (Marcos 12:18-27; Mateus 22:27-40):

- A. Tanto as perguntas dos saduceus, como dos fariseus e herodianos, foram feitas com a intenção de destruir a influência de Jesus entre o povo.**
1. A pergunta dos fariseus, a respeito de sua autoridade, tinha o propósito de criar desconfiança entre o povo.
 2. A pergunta a respeito do tributo tinha o propósito de criar problemas entre Jesus e o governo Romano.
 3. Esta pergunta, feita pelos saduceus, tinha o propósito de criar problemas e escárnio entre o povo.
- B. Os saduceus eram os materialistas da época. Não eram numerosos, mas eram instruídos, ricos e influentes. Não criam na ressurreição. A pergunta com que procuraram enredar Jesus sugeria a poligamia no céu.**
1. Eles trouxeram à tona o caso imaginário de uma mulher que teve sete maridos.
 - a. Na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa?
- C. Jesus mostrou a ignorância deles a respeito das escrituras e o poder de Deus.**
1. Ele citou a Escritura para mostrar que há uma ressurreição. A Lei foi aceita por todos e Jesus demonstrou que a imortalidade da alma, a ressurreição e a existência de anjos (que os saduceus negavam), são assuntos claros nas Escrituras. Mas a cegueira dos saduceus os impedia de enxergá-los.
 2. Eles tinham citado a Lei de Moisés – Jesus disse-lhes “não tendes lido” onde Deus disse a Moisés, “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó?”
 - a. Ele não Deus dos mortos, e, sim, de vivos.
- D. Jesus resolveu a questão num instante, dizendo que no céu não haverá casamento; são, porém, como os anjos no céu.**
- E. Ele lhes abriu a porta dos céus para que todos pudessem**

ver o bem aventurado estado na vida futura. O povo ficou admirado com seus ensinamentos!

IV. UM ADVOGADO VERSADO PROVA JESUS COM UMA PERGUNTA DIFÍCIL (Marcos 12:28-34; Mateus 22:34-40):

A. Derrotados de novo, ainda continuaram a procurar meios de apanhar Jesus em armadilha. Escolheram um advogado (escriba) versado, que pensaram ser capaz de derrubar Jesus.

1. Eles selecionaram o advogado mais experimentado para representá-los no seu encontro. O advogado perguntou-lhe: "Qual é o principal de todos os mandamentos?"
 - a. Havia 638 leis e mandamentos da lei; havia uma grande discussão a respeito de quais eram os mais importantes.
 - b. Jesus admite a diferença na importância dos mandamentos.

B. A resposta de Jesus foi ao encontro da raiz da questão (Marcos 12:29-32).

1. Jesus responde completamente a pergunta ao declarar ao advogado: "Não há outro mandamento maior do que estes."
2. O amor de Deus deve ser preeminente na vida e deve permear toda a personalidade (pensamentos, vontade e emoções).
3. À semelhança entre o segundo e o primeiro mandamento é quanto à natureza comum de ambos: AMOR.
4. Não há amor inteligente e ardoroso para com Deus, sem que haja amor para com o nosso próximo; e o amor para com o nosso próximo provém necessária e fundamentalmente do amor de Deus.

- C. O escriba instruído, compreendeu o espírito da resposta e acrescentou: “Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele; e que amar a Deus de todo coração, de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos e sacrifícios.”**
1. Declarou Jesus: “Não estás longe do reino de Deus.” Mas ainda, ficou fora!
- D. Jesus tinha passado com sucesso por todas as suas armadilhas, afirmando a supremacia do amor ao único Deus.**
1. Declarou a sua crença monoteísta da verdade. Ele não era “outro”, mas sim o único Deus vestido em carne humana.
- V. JESUS CALA OS SEUS INIMIGOS COM UMA CONTRA PERGUNTA A RESPEITO À LINHAGEM DO MESSIAS (O ÚLTIMO DISCURSO PÚBLICO DE JESUS) (Marcos 12:35-37; Mateus 22:41-46; Lucas 22:41-44):**
- A. Todos os inimigos de Jesus, neste Seu último dia de ministério público, empenharam todos os seus esforços em tentar derrubá-lo.**
1. Quando esgotaram os seus recursos, tendo sido vencidos por Ele, retiraram-se humilhados, mas com mais determinação do que nunca de pôr fim a Ele.
- B. Enquanto Jesus ensinava no Templo, em vez de defender-se, atacou um erro doutrinal deles, indagando aos fariseus reunidos ali.**
1. “Que pensais vós do Cristo? D
 2. De quem é filho?” (Mateus 22:41).
 - a. Eles responderam: “De Davi.”
 3. “Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor, di-

zendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?"

3. Os escribas insistiam em ensinar sobre um Rei temporal, que seria sucessor de Davi, num esplêndido governo material.
4. Eles compreendiam que Ele era filho de Davi por descendência humana; mas não compreendiam que o Messias era também o Senhor.
 - a. O relacionamento do Messias com Davi era duplo:
 - 1) Eles não podiam perceber a grande verdade de que o Messias seria Deus e, ao mesmo tempo, homem, e que, como homem, seria filho de Davi e, como Deus, seria Senhor de Davi.
 - a) "A raiz e a geração de Davi". (Apocalipse 22:16).

VI. O ÚLTIMO DISCURSO PÚBLICO DE JESUS, UMA GRANDE ACUSAÇÃO DOS ESCRIBAS E FARISEUS (Marcos 12:38-40; Mateus 23:1-39; Lucas 20:45-47):

- A. No seu último discurso no Templo, foi conveniente que Ele advertisse aos Seus discípulos a respeito da hipocrisia destes homens corruptos e perversos.
- B. Os sete "Ais" (Mateus 23:13-19) que Cristo pronunciou deviam ser interpretados não somente como advertências contra a vaidade, egoísmo e falta de religião, mas também para abrirem os olhos deles e convertê-los dos seus caminhos errados.
 1. O primeiro "Ai" foi pronunciado contra aqueles hipócritas, religiosos fingidos, que estavam fechando a porta do Reino dos Céus, na face do povo.

- a. A sua hipocrisia consistia no fato que diziam que estavam abrindo o caminho do Reino, mas, na realidade cobrindo a Palavra, assim impedindo o caminho dos sinceros que queriam entrar.
2. O segundo “Ai” foi um golpe mortífero contra o seu proselitismo, que “rodeava o mar e a terra para fazer um prosélito” para seu farisaísmo.
3. O terceiro “Ai” foi uma acusação por terem eles feito confusão a respeito das coisas morais.
 - a. Disseram que jurar pelo templo não constituía um verdadeiro juramento, mas jurar pelo ouro no Templo tinha valor; e jurar pelo altar não era nada, mas, se alguém jurasse pela oferta sobre o altar, ficava obrigado pelo que jurara
 - 1) Eram cegos demais; por isso não entenderam que o altar era maior do que a oferta e que o que jurou pelo Templo, jurou tanto por ele quanto por Aquele que nele habitava.
 - b. Jesus ensinou contra o juramento – a palavra de um súdito do Reino deve valer tanto quanto seu juramento.
4. O quarto “Ai” referiu-se ao pagamento dos dízimos, observado escrupulosamente pelos escribas e fariseus, enquanto negligenciavam os preceitos mais importantes da Lei.
5. O quinto “Ai” foi um “frasco de ira” derramado sobre a exterioridade e formalismo dos fariseus e a sua rapina e intemperança.
 - a. Limpavam o exterior do copo e do prato, mas por dentro estavam cheios de rapina e intemperança.
6. O sexto “Ai” não se refere a qualquer vício em particular, mas dá um retrato gráfico de sua hipocrisia em geral. “Semelhantes ao sepulcros caiados...”
7. O sétimo e último “Ai” tratou da decepção e inconstância deles, que reclamavam contra o tratamento dos profetas antigos.

- a. Jesus disse, continuem: “Enchei vós, pois a medida de vossos pais.” Corroboem seus crimes, com o assassinato do profeta que Deus lhes mandou! Façam, finalmente, o que tem estado nos seus corações há muito tempo!

C. Jesus conclui a sua acusação medonha com o lamento memorável sobre a cidade amada (Mateus 23:37-39):

D. Então, sai e se assenta diante do gazofilácio (Marcos 12:41-44).

1. As moedinhas da viúva: foi a última coisa que fez no Templo, depois de um dia de grande controvérsia. Tirou do seu tempo para prestar este brilhante tributo à sempre lembrada viúva que deu tudo quanto tinha.
2. A lição da oferta da viúva pobre é uma das mais essenciais das Escrituras. Muitos milhares de crentes não conhecem sua obrigação perante Deus, de contribuir liberalmente.
 - a. A nossa contribuição deve ser uma das partes mais sagradas do culto.
3. É consolador que até as pequenas coisas que fazemos para Deus são notadas e que aquelas coisas que para uns são triviais Ele as valoriza, se são motivadas por sentimentos puros, cristãos. A verdadeira generosidade não está condicionada à quantidade, mas à possibilidade de cada ofertante.

Ficaremos grandemente surpreendidos quando soubermos os nomes dos maiores no céu.

O GRANDE DISCURSO PROFÉTICO DE CRISTO

Ao deixar o templo, pela última vez, os discípulos, levados por sentimentos muito naturais nos judeus, chamaram a atenção do Senhor para a sua soberba arquitetura e um deles disse: “Mestre! Que pedras, que construções!” Com grande surpresa, porém, ouviram o Mestre dizer: “Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derrubada.”

1. Jesus tinha predito a destruição do Templo, seis meses antes, enquanto ministrava na Pereia (Lucas 13:34); novamente, por ocasião da entrada triunfal (Lucas 19:41-44), e, por fim, neste seu último discurso ao povo, lá no Templo.
 - a. Os líderes esperavam a destruição dos romanos com o seu falso conceito de um Messias Rei Temporal.
 - b. Os discípulos precisavam desligar-se da ideia corrente de um reinado temporal.
2. Quando Jesus mencionou a destruição de Jerusalém, também mencionou a iminência da segunda vinda e o fim do século, ou do mundo.
3. Estas palavras produziram, certamente, uma profunda impressão nos seus discípulos. Então, eles se aproximaram dEle e lhe perguntaram: “Dize-nos quando sucederão estas cousas, e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século.”
4. Jesus ali pronunciou um dos seus mais notáveis sermões proféticos sobre o tríplice assunto da indagação deles: destruição de Jerusalém, segunda vinda, e o fim do século.
 - a. O sermão trata de três assuntos difíceis, que estão de tal modo associados, em algumas partes do capítulo, que são impossíveis de serem separados.

- b. Uma das coisas que nos ajudam em nossa interpretação do discurso é o fato de que Jesus, em todos os seus sermões, tinha uma visão prática muito bem definida. Ele era o Mestre na fina arte de pregar e ensinar.

A narrativa de Mateus, que nos dá o esboço mais completo do sermão, pode ser dividida em três partes, ou seções:

1. Mateus 24:1-36 trata de todos os três assuntos.
2. Mateus 24:37 – 25:13 é uma transição entre a primeira e a segunda parte.
3. Mateus 25:13-46 trata exclusivamente com a segunda vinda e o fim do Mundo.

O seu tema era um: que o futuro do Reino Messiânico e a vinda do Reino, que estaria em seus corações através do poder do Espírito Santo, traria um grande avanço na queda do antigo regime rabínico, na destruição de Jerusalém, na sua grande vitória final e na realização do segundo advento do Messias.

I. A CRISE NO REINO (Mateus 24:4 – 25:13; Lucas 21:8-36; Marcos 13:3-37):

- A. Ele primeiramente os adverte contra certos sinais enganadores: Vede que ninguém vos engane; falsos Cristos hão de vir; guerras e rumores de guerras hão de vir (Mateus 24:4-5; Marcos 13:5-7; Lucas 21:8-9).
- B. Ele lhes dá os sinais da sua segunda vinda (Mateus 24:7-14).
 1. O mundo internacionalmente (24:7a) (Reino contra reino).
 2. O mundo fisicamente (24:7b) (terremotos, etc.)
 - a. Note o versículo 8 – o princípio das dores – um novo mundo começa a nascer!

3. O mundo moralmente (verso 24:10).
 4. O mundo religiosamente (verso 24:11) (enganarão a muitos).
 5. O mundo espiritualmente (verso 24:12-14).
 - a. O primeiro amor esfriará – a nova verdade não anulará a verdade existente!
 - b. Iniquidade – rebelião contra a autoridade divina.
 - c. Este evangelho terá que ser pregado.
 6. O Mundo Semítico (o mundo Judaico) Mateus 24:32-34; Lucas 21:29.
 - a. Oseias 6:2 – depois de dois dias; Isaías 66:7-8 – a nação nasceria em um só dia - 14 de Maio de 1948.
 - 1) Lucas 21:32; Mateus 24:34 – não passará esta geração.
 - b. Reajuntamento – Ezequiel 36:24; Jeremias 30:3; 31:10.
 - c. A terra desolada ficou como o Jardim do Éden (Ezequiel 36:34-35; Deuteronômio 33:19).
 - d. A reedificação do Templo (II Tessalonicenses 2:4; Apocalipse 11 – Israel já detém a posse sobre o Monte Moriá!) (Lucas 21:24, até que os tempos dos gentios se completem) Amós 9:11.
 - e. Este evangelho terá que primeiramente ser pregado (verso 14).
- C. Jesus continua falando sobre o grande sinal em Jerusalém que seria a iminente destruição daquela cidade (Mateus 24:15).**
1. Adverte-os sobre o que devem fazer (verso 16-18).
 2. Haverá grande tribulação naqueles dias (verso 19-22).
 3. Mas que não pensem que é a segunda vinda e não se deixem enganar pelos falsos messias.
- D. A seguir, Ele fala da maneira e da hora em que se dará o fim (Mateus 24:29-36; Marcos 13:24-32; Lucas 21:28-33)**

1. Haverá sinais visíveis e incontestáveis nos céus.
2. Estes sinais serão suficientes para indicar a consumação dos séculos.

E. O assunto da destruição de Jerusalém vai gradualmente saindo de vista na segunda principal divisão do discurso (Mateus 24:37 – 25:13; Marcos 13:3-37; Lucas 21:34-36).

1. A vigilância é ordenada, com paciência e oração em quatro maravilhosas ilustrações parabólicas. A necessidade de vigilância está baseada em nossa ignorância a respeito da hora exata e do fato de que será súbita e inesperada
 - a. O fato é a próxima insistente recomendação feita através desta série de parábolas.
 - 1) Marcos dá a Parábola do Porteiro – o dever da vigilância.
 - a. A segunda vinda encontrará muitas pessoas despreparadas em toda parte da terra “Mantenha-se alerta!” é o que Jesus adverte.
 - 2) A Parábola do Pai de Família ilustra a necessidade de vigilância e prontidão (Mateus 24:43-45).
 - a) Os servos são advertidos a estarem prontos “em cada vigília da noite”.
 - 3) A Parábola do Servo Infiel (Mateus 24:46-51).
 - a) Jesus adverte que um discípulo pode ser apontado com os hipócritas no castigo do inferno.
 - b) Virá um severo julgamento sobre aqueles que ocupam posições de grande privilégio no reino, mas caem na infidelidade, através das armadilhas do diabo.
 - 4) A Parábola das Dez Virgens (Mateus 25:1-13).
 - a) Esta parábola, juntamente com as próximas duas, formam uma história. Elas precisam estar juntas, apesar desta parábola não estar na mesma seção que as outras duas.
 - b) Constitui uma transição do primeiro para o

segundo assunto (a passagem de uma à outra condição).

- c) Dirigida a todos – devemos estar prontos para atender o seu chamado! (Óleo – Espírito Santo; Lâmpada – a Palavra).
- d) A maravilhosa alegoria apresenta o fato de que a verdadeira preparação está baseada na condição interna do caráter e no Espírito Santo, não na aparência externa e nem naquilo que se professa.
- e) Outro ensinamento distinto é o de que a crise revela preparação ou falta de preparação.
- f) Outra lição – o Óleo (o Espírito Santo) não pode ser transferido de uma pessoa para outra pessoa.

II. NA TERCEIRA PRINCIPAL DIVISÃO DESTE DISCURSO, NADA MAIS É TRATADO, ALÉM DA VINDA FINAL DO SENHOR PARA JULGAR (Mateus 25:14-46):

A. A Parábola dos Talentos – que devemos estar prontos para prestar contas a Ele.

- 1. Obediência ou inatividade.
 - a. Dirigida aos seus discípulos (a igreja) para exortá-los a estarem preparados, e que terão que prestar contas ao Senhor por ocasião da Sua segunda vinda.
- 2. Jesus claramente revela que os homens não são iguais em seus talentos naturais, capacidades, habilidades, nem em oportunidades e vantagens hereditárias; mas a todos é dada a oportunidade de usar e desenvolver seus talentos e a responsabilidade de usá-los corretamente para o bem do reino...e – que chegará a hora do ajuste de contas
 - a. O servo mau e negligente – que manteve o seu conhecimento de Deus, mas falhou em usar aquilo que

Deus lhe deu. Não investindo os seus talentos, mas enterrando-os!

B. A cena do julgamento – nós devemos estar prontos para receber dEle a nossa sentença final.

1. Para mostrar que haverá uma separação! Que haverá um julgamento!
 - a. O reino preparado – ovelhas; fogo preparado – cabritos.
2. O inferno é uma realidade. Preparado não para o homem, mas para o diabo e seus anjos.
 - a. Há um inferno tão eterno quanto os céus.

A ÚLTIMA CEIA PASCAL E A PRIMEIRA CEIA DO SENHOR

Foi apenas dois dias agora, até que Jesus celebraria com seus apóstolos a última ceia pascal, e instituiria a Ceia do Senhor.

I. JESUS REVELA CLARAMENTE AOS DISCÍPULOS QUE ELE SERÁ ENTREGUE AOS INIMIGOS PARA SER CRUCIFICADO (Marcos 14:1, 2; Mateus 26:1-5; Lucas 22:1, 2):

A. Neste mesma hora, o Sinédrio, junto com Caifás, o sumo sacerdote, estava conspirando a sua morte.

1. Temiam o povo. Receavam tocar em Jesus durante a festa, caso houvesse um tumulto entre o povo.

II. NA CASA DE SIMÃO, O LEPROSO, MARIA DE BETÂNIA UNGE OS PÉS DE JESUS, COMO PREPARATIVO PARA SEU SEPULTAMENTO (Marcos 14:3-9; Mateus 26:6-13; João 12:2-8):

A. Assim, Maria mostrou o grande amor que tinha por Jesus.

1. Maria veio com um vaso de alabastro cheio de bálsamo, muito precioso. (Tinha o valor do salário de um ano inteiro.)
2. Com desprendimento, derramou-o na cabeça e nos pés de Jesus, e depois os enxugou com os seus cabelos.
 - a. O cheiro do perfume encheu a casa e o mundo todo com o aroma do seu amor.
 - b. Foi um presente semelhante aos dados somente a um Rei! Mas somente tal presente seria uma expressão digna de seu profundo amor e devoção para Jesus.

B. Maria foi severamente censurada por este ato de amor sincero e profundo.

1. Judas liderou na crítica. Perdeu. Outros se juntaram a ele.

a. Mais tarde, João e outros viram a crítica de Judas à luz da sua traição de Jesus e a interpretaram assim. (João 12:4).

C. Judas censurado por Jesus! Então a elogiou em voz alta e disse: “Deixai-a; por que a moléstias? ... Ela fez o que pôde: antecipou-se a ungir-me para a sepultura. Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua.”

III. JUDAS, MACHUCADO PELA CENSURA, FAZ UM PACTO DA TRAIÇÃO COM OS JUDEUS, PARA ENTREGAR-LHES JESUS (Marcos 14:10-11, Mateus 26:14-16; Lucas 22:3-6):

A. O elogio à Maria, feito por Jesus, e a censura dele, doeu-lhe no coração.

1. Agora Satanás começa a entrar e tomar completa posse de seu coração, com sentimentos vis, maus desejos, e sugestões. Logo Judas foi ter com os principais dos sacerdotes, para fazer o pacto de trair o Senhor.

a. Trinta moedas de prata – o preço de um escravo.

2. Mal imaginava as consequências horríveis deste pacto terrível, para consigo mesmo, dois dias após.

IV. A PREPARAÇÃO PARA A CEIA PASCAL (Marcos 14:12-16; Mateus 26:17-19; Lucas 22:7-13):

A. No primeiro dia da festa dos pães ázimos, quando se fazia

o sacrifício do cordeiro pascal, disseram seus discípulos: “Onde queres que vamos fazer os preparativos para comer a Páscoa?”

1. Jesus instruiu Pedro e João – ir até Jerusalém – ao entrardes na cidade encontrareis um homem com um cântaro de água.
 - a. Foi um sinal sobrenatural; geralmente eram somente mulheres que levavam água.
2. Jesus instruiu para dizer ao dono da casa: “O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meu discípulos. Onde é o aposento no qual hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?”
3. Achando tudo como Jesus lhes havia dito, prepararam a Páscoa.
 - a. É provável que Judas houvesse comprado, no dia anterior, o cordeiro e o vinho. Pedro e João, à uma e meia da tarde, subiram ao Templo. Antes de queimar o incenso, os cordeiros pascais era imolados. Cada israelita, ao ouvir soar a trombeta, matava seu próprio cordeiro. Um sacerdote, com vasilha de ouro, apanhou o sangue do cordeiro de Pedro e João e o derramou ao pé do altar. O cordeiro era levado nos ombros de Pedro e João perante o altar, onde era tirada a parte para queimar. Em seguida, carregando o cordeiro, saíram do Templo.
 - b. “E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta Páscoa...” Cristo desejava ansiosamente comer com eles esta Páscoa, porque os amava muito, e anelava essa comunhão à sombra do Getsêmani e da cruz. Desejava muito inaugurar esta nova festa comemorativa e tinha muitas coisas a lhes dizer. A morte de Cristo seria o cumprimento da Páscoa. Ele era o verdadeiro Cordeiro, que todos os cordeiros pascais, durante 1500 anos, prefiguravam.

V. JESUS PARTICIPA DA CEIA PASCAL COM OS DOZE, E CENSURA ÀS SUAS CONTEN-DAS AMBICIOSAS (Marcos 14:17; Mateus 26:20; Lucas 22:14-16; 24-30):

A. Entrando em Jerusalém, acharam o cenáculo mobiliado e pronto, com tudo que era necessário para celebrarem a Páscoa.

1. Na sua ansiedade para ocuparem os lugares mais próximos do Senhor, esqueceram tudo o que havia aprendido a respeito desta atitude.
2. Com repreensão carinhosa, condena essa atitude.
3. Queria ensinar que a grandeza está no servir e não na posição ou classe social da pessoa.
4. Jesus então disse: “Assim como meu Pai me confiou, eu vo-lo confio, para que comais e bebais à minha mesa no seu reino; e vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel.”

VI. A LIÇÃO EM HUMILDE SERVIÇO É REFORÇADA E EXEMPLIFICADA QUANDO. JESUS LAVA OS PÉS AOS DISCÍPULOS (João 13:1-20): João começa, com esta história, uma das partes mais cativantes da Bíblia.

A. “Era chegada a sua hora...” A vida de Jesus seguia o programa divino. Antes de chegar “a Sua hora” não podia morrer. Mas, agora, dentro de vinte e quatro horas Seu corpo haveria de estar no sepulcro.

B. “Amou-os até o fim...” A palavra “fim” no grego significa não somente até Sua existência na terra, mas, muito mais profundo – para todo o sempre.

- C. **“Levantou-se da ceia...” Nenhum dos apóstolos queria fazer este serviço aos outros. Discutiram pelo caminho qual era o maior dentre eles e não queriam humilhar-se. Não havia criado presente, só o Senhor Jesus e os doze, e estes, muito orgulhosos, sentaram-se à mesa com os pés sujos e o coração carnal.**
- D. **“Tomando uma toalha, cingiu-se...” Fez como se fosse um escravo. Não havia obra demasiadamente servil para o Filho de Deus.**
1. Este ato somente simboliza um ato muito maior. Ele que era tão alto humilhou-se tanto!
 2. Sabendo que, logo, Ele voltaria para os céus, anunciado pelos anjos, ser glorificado além dos limites deste mundo, além da glória de qualquer rei ou imperador neste mundo – o que Ele fez? Mostrou Sua majestade? Demandou o serviço que era a obrigação dos doze? Não! Ele tomou uma toalha e lavou os pés dos discípulos! Assim, Ele mostrou, humildemente, como deve ser a vida cristã.
 3. Verdadeiramente, vemos uma ilustração de um ato muito maior! Ele mostrou como, sendo o Deus Forte do universo, o regente supremo de tudo, Ele levantou-se da mesa magnífica dos céus, onde os anjos O louvam dia e noite. Ele cingiu-se com uma toalha, o símbolo dum escravo.
 - a. Ele veio à terra e cingiu-se com a carne fraca humana. Ele foi ao calvário e lá encheu a bacia, gota por gota, com seu precioso sangue, e, agora, Ele se rebaixa para lavar nossos pecados.

VII. JESUS INDICA O TRAIADOR (Marcos 14:18-21; Mateus 26:21-25; Lucas 22:21-23; João 13:21-38):

- A. **Tão astutamente Judas guardara seu segredo que nenhum dos discípulos suspeitava dele. Judas sabia que Je-**

sus estava a par do seu segredo. Mas com um coração de aço prosseguiu no seu crime covarde.

VIII. DEPOIS DA SAÍDA DE JUDAS, JESUS INDICA O SEU DISCURSO FINAL, AVISA-LHES QUE VÃO ABANDONÁ-LO, ENQUANTO TODOS PROTESTAM SUA LEALDADE (Marcos 14:27-31; Mateus 26:31-35; Lucas 22:31-38; João 13:3-38):

A. O novo mandamento – Cristo não somente recomenda o amor, não apenas nos aconselha a amar uns aos outros, como sendo excelente e de grande proveito, mas Ele nos manda: é um dos mandamentos básicos do Seu reino, ao lado de crer nEle.

1. Foi o segundo mandamento da Lei de Moisés, mas feito novo, como uma nova edição de um livro velho. Tornara-se velho e sem sentido com a corrupção dos escribas e fariseus, mas Cristo o renovou, como se vê no Seu ministério e no ato de lavar os pés aos apóstolos.

B. Pedro é avisado. Pedro foi avisado de que trairia o Senhor, mas também que Jesus orara por ele.

IX. JESUS INSTITUI A CEIA DO SENHOR (Marcos 14:22-25; Mateus 26:26-29; Lucas 22:17-20):

A. A Ceia era uma nova instituição, um anti-tipo correspondente à Páscoa.

1. Comemorando a morte expiatória de Jesus Cristo, mas, ao mesmo tempo, simbolizando a vida – carne e sangue – que devem ser comidos pelos discípulos, para o sustento de sua vida espiritual.

2. A Ceia é um memorial da morte redentora que soma e

consuma a vida sacrificial de Jesus.

- a. O Testador do novo pacto ou testamento morreu; em seu sangue pode ser encontrado o novo pacto.
- b. É pelo poder redentor do sangue que nós temos a remissão dos pecados.

B. O antigo pacto foi ratificado com o sangue de animais; o novo, no sangue de Jesus Cristo.

X. DEPOIS DA SANTA CEIA, JESUS CONTINUA SEU DISCURSO NO CENÁCULO (João 14):

A. Ele explica o alvo e propósito de sua partida (verso 1-4).

B. As perguntas de Tomé a respeito dEle, “O caminho” (versos 5-7).

1. Jesus declara, em resposta, que eles já têm conhecido o Pai e têm sido vistos por Ele.

C. Isto nos traz à mente a pergunta de Filipe: “Mostra-nos o Pai...”

1. “Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tendes conhecido?...”

D. Jesus continuou a discutir o lugar do crente em seu grande trabalho e plano (verso 12-21).

1. “E tudo o que pedirdes em meu nome...”
2. Declara que Ele mesmo é, não somente o Pai, mas também o Espírito Santo.

E. Judas (Não o Iscariotes) foi o terceiro a interromper o sermão com uma pergunta (verso 22-24).

1. “Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-se a nós, e não ao mundo?”

- F. Novamente menciona a vinda do Espírito Santo (versos 25-26).**
- G. Ele promete deixar-lhes a paz – não como o mundo a dá.**
- H. Então, saíram para o jardim.**

AS ÚLTIMAS ORDENS AOS DISCÍPULOS

Jesus, caminhando para a porta oriental da cidade, perto do Templo, indo para o Getsêmani, começou de novo o assunto do grande movimento mundial de Seu reino e a relação dos discípulos para com Ele. Ensinando por meio de figuras, ilustra seus pontos através da videira e dos ramos (João 15), continuando com uma exposição de seu trabalho através do Espírito Santo, na grande campanha do Reino (João 16).

No seu discurso no cenáculo, Jesus ensinou:

1. A necessidade de sua separação deles e os resultados (João 13:31-38).
2. O fato de Ele ser o grande Deus vestido em carne (João 14:1-11).
3. A relação íntima e contínua entre Ele e os discípulos nas maiores obras que haveria de realizar, uma vez batizados com o Espírito Santo (João 14:12-21).
4. A maneira de Ele revelar-se a eles, fazendo-os eficazes nessas maiores obras e dando-lhes paz no meio das perseguições e lutas (João 14:22-31).

I. A VIDEIRA VERDADEIRA, A VIDEIRA MESSIÂNICA, E OS RAMOS (João 15):

Nesta lição, aprendemos que o Cristo vivo é a essência do cristianismo: o maometismo pode prosperar com Maomé morto e, portanto, ausente. O budismo não perde coisa alguma, apesar de Buda afirmar aos seus discípulos, na sua morte, que nunca jamais o veriam de novo. Apesar de Confúcio estar reduzido a pó, no túmulo, o confucionismo pode existir e avançar. Mas a coisa essencial no cristianismo é o Cristo vivo. “Porque eu vivo, vós vivereis.” (João 14:19)

- A. **Jesus apresentou-se como a verdadeira, genuína Videira Messiânica, mesmo quando tinha-se referido a si mesmo como a luz (João 8:12), a porta (João 10:7), e o Bom Pas-**

tor (João 10:11).

1. A necessidade e consequências, de uma união vital entre Jesus e seus discípulos (verso 1 e 2).
 - a. O ponto principal da ilustração desta parábola é a necessidade de uma união vital entre Cristo e cada discípulo, que, como o ramo, deveria produzir fruto, que é o meio principal de trazer glória a Deus. É o alvo principal da vida.
 - b. Jesus salienta que a vitalidade espiritual, a vida real está nEle, e que temos que ter uma conexão vital com Ele para podermos cumprir a vontade de Deus.
 - c. Jesus chama à necessidade de provas difíceis, como meio de limpeza do ramo, para que continue produzindo mais e mais fruto.
 - 1) Quando a videira dá fruto, Ele a limpa para produzir fruto mais abundante, isto é, Ele a disciplina (Hebreus 12:5-11).
 - 2) O ramo existe para produzir fruto e, se não produzir, Ele o corta e o lança fora.
 - d. Jesus aplica essa doutrina aos próprios apóstolos (verso 3-6).
 - 1) São orientados a permanecerem, e continuarem na esfera de Seu exemplo, vida e doutrina.
 - a) Se não permanecerem nEle, não podem produzir fruto.
 - 2) Podemos aprender uma lição muito prática de certo ramo que passou por cima da cerca e ligou-se com os espinhos. Quando o vinhateiro notou tal ligação, puxou-o para tirá-lo dentre os espinhos, mas o ramo partiu-se e lá ficou. Assim é o perigo de nos ligarmos ao mundanismo, à política, ou qualquer outra coisa fora de Cristo. Ficamos ligados com o mundo, partimo-nos da Videira e ficamos entre os espinhos.
 - e. Jesus aponta a maneira de colocar a realidade da conexão espiritual sob teste (versos 7 e 8).

- 1) A prova absoluta e a melhor evidência de seu amor era a obediência deles às Suas ordens.
2. Na segunda parte de Seu discurso da viva união dos discípulos com Seu Senhor, Jesus aponta os dois resultados dessa união (versos 11-16).
 - a. A produção da alegria Cristã na vida deles.
 - 1) Ele queria que o gozo deles fosse completo, produzindo fruto e firmados no único objetivo verdadeiro, na vida – a glória de Deus.
 - b. A relação que deve existir entre o Mestre e o discípulo, é uma relação de amor e amizade. “Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando.”
 - c. Como amigos de Cristo, nós participamos:
 - 1) Dos seus segredos (Salmos 25:14). Andamos nas sombras do mundo de pecado, com segredos de vida, paz e glória eterna na alma.
 - 2) Dos seus sentimentos, como a esposa dedicada participa da alegria e da tristeza do seu marido. Amamos tudo que Ele ama e odiamos tudo que Ele odeia. Somos participantes do grande desejo de salvar almas.
 - 3) Dos Seus sofrimentos (versos 18, 19). Quanto mais estamos conformados como o Pai, tanto mais sentimos a oposição daqueles que estão contra Ele.
 - 4) Das suas consolações (II Coríntios 1:5).
3. Jesus conclui Seu discurso a respeito da união entre Ele e Seus discípulos, mostrando qual é o efeito desta união para com sua relação com “o mundo” (versos 17-27).
 - a. A dança, o cinema e outros prazeres mundanos pertencem, sim, ao mundo que nos aborrece. Mas o mundo que nos aborrece é um reino espiritual, governado pelo adversário de Deus, Satanás.
 - 1) A esfera desse reino é o mundo, e seu súditos são os homens não regenerados.
 - b. Cristo dá duas razões porque esses homens nos odeiam:

- 1) Não somos do mundo.
- 2) Cristo nos escolheu do mundo. Os filhos de Deus estão na terra como em país estrangeiro, mesmo como um país inimigo.
- c. Eles seriam odiados pelo mundo e precisariam de um grande estímulo para amarem uns aos outros.
 - 1) Odiados “por causa de Seu nome.”
- d. Haveriam de proceder corajosamente, testificando no poder do Espírito Santo.

II. A OBRA DO ESPÍRITO SANTO (João 16):

Nestes versículos introdutórios do capítulo, há três pontos que merecem assinalada atenção:

1. Notamos aí, primeiro, uma profecia singular, em que Jesus predisse aos seus discípulos que seriam excomungados e perseguidos até à morte.
2. Em segundo lugar, Jesus deu a razão porque anunciava a referida profecia. “Eu tenho dito estas coisas para que vos não escandalizeis.”
3. Finalmente, Jesus manifesta a razão que tornava vantajosa para os discípulos a sua separação. “Se eu não for, não virá a vós o Consolador.”

A. A revelação do Espírito Santo ao mundo de homens pecaminosos (versos 1-11).

1. Ele ia sair e eles sofreriam: “Convém-nos que eu vá.”
 - a. É melhor para o crente cheio do Espírito Santo viver hoje, do que nos dias em que Jesus andava entre Seu povo.
 - 1) É melhor, porque da terra, podem ir a Cristo a qualquer momento. Mas o Espírito Santo habita realmente em todos os crentes e todos podem ir, ao mesmo tempo, ter comunhão com Ele.
 - 2) É ainda melhor, porque com o Espírito Santo em nós, conhecemos Cristo melhor do que com a

Sua presença corporal. Vê-se isso nos apóstolos Apesar da presença de Cristo constantemente entre eles, os apóstolos não O conheciam verdadeiramente (cap. 14:9). Mas quando o Espírito Santo desceu sobre eles no Pentecostes, conheceram-no, no sentido prático e verdadeiro.

2. O Espírito haveria de operar através deles.
3. Ele lhes fala claramente como o Espírito Santo haveria de operar nos corações dos descrentes. Ele convencerá o mundo de homens ímpios a respeito de três coisas.
 - a. A respeito do pecado, convencerá da realidade do pecado e como isto é oposto a Deus.
 - b. Ele os convencerá a respeito da justiça de Cristo.
 - c. Ele os convencerá a respeito do juízo, porque o príncipe deste mundo já está condenado.
4. O Espírito de Deus focaliza estas coisas através de Sua luz, para os homens do mundo.

B. O ofício do Espírito Santo com respeito aos discípulos é plenamente esclarecido (versos 12-15).

C. A sua tristeza se converterá em alegria (versos 16-24).

1. Jesus revela-lhes mais claramente como era necessário que Ele fosse, para o bem deles

D. Em conclusão, tudo que falara tinha o propósito de conduzi-los à Sua Paz. Ele aponta-lhes o caminho.

1. No mundo passareis tribulações, confusões, ódio e contendas.
2. Sua palavra – “tende bom ânimo.”
 - a. Há perigos na frente e precisarão de coragem para enfrentá-los. Mas Ele passou por todas as tentações humanas, e saiu vitorioso. Ele, como representante deles, já conquistara o pecado e toda sorte de tentações.
 - b. Eles também venceriam em seu nome, e conquistari-

am a tudo o que Ele lhes assegurara.

3. “Eu venci o mundo!”

a. Um fato já realizado por Ele; assegurado por eles.

III. A ORAÇÃO SACERDOTAL DE CRISTO, OFERECIDA AO FIM DE SEU ÚLTIMO DISCURSO E COMANDO AOS APÓSTOLOS (João 17:1-26):

Jesus, o Filho de Deus, no fim e no maior grau do Seu ministério terrestre, na véspera de Seu próprio sacrifício, levantou os olhos e falou com Seu Pai. É um dos acontecimentos mais maravilhosos da Bíblia. Nesta oração, o Senhor apresentou ao Pai a Sua obra completa, e orou acerca dos acontecimentos futuros: a segurança e o destino glorioso dos Seus. Sua oração abrange a luta e as necessidades dos remidos na vida de hoje.

A. Esta oração não foi oferecida “mentalmente”; mas pelo benefício dos apóstolos. Refletiu muitos dos pensamentos e necessidades referidas no discurso que a precedeu.

B. Jesus orou por três coisas, nesta oração sacerdotal:

1. Jesus ora por si; que o Filho seja glorificado; que pudesse selar sua obra bem sucedida com tal testemunho através de Sua morte, que traria a salvação à humanidade (versos 1-8).

2. Jesus ora pelos discípulos íntimos, ao redor dEle (versos 9-19).

a. Que fossem protegidos no meio das grandes tribulações que haviam de passar, e santificados pela Sua palavra, tornando-se força positiva na obra do Reino.

b. Há duas coisas que Ele deseja mais para eles:

1) Que conservem um caráter piedoso e santo, e que sejam separados do mundo.

- 2) Unidade espiritual entre a igreja.
 - c. Convém que os discípulos fiquem no mundo hostil a corrupto, em contato com uma sociedade mundana, para que sejam instrumentos de purificação. Hão de estar no mundo, mas não são do mundo. Jesus não quer que os crentes sejam tirados do mundo, mas afastados do mal.
3. Jesus ora por sua igreja. Finalmente, pelos discípulos de gerações futuras (versos 20-26).
Notemos as três importantíssimas petições que Nosso Senhor fez pelos seus discípulos.
- a. Que o Seu povo fosse santificado: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.”
 - 1) É uma petição para que o Pai torne os crentes mais santos, mais espirituais e mais puros de pensamento, palavras e obras, de caráter e de procedimento.
 - 2) Maior santidade é precisamente o que cada servo de Jesus Cristo deve anelar.
 - 3) É pela graça divina – não pelas nossas obras que seremos recebidos na glória; mas o céu não seria sequer para nós um lugar de bem-aventuranças, se lá entrássemos não santificados.
 - b. Que o seu povo vivesse unido, formando um todo. “Para que eles todos sejam um só...”
 - 1) Aquilo que Ele deseja mais, para as futuras gerações de obreiros e alunos do Reino, é que sejam de um propósito e um espírito.
 - 2) Ele deseja que continuem unificados e crendo na origem divina e na missão divina do Seu Senhor.
 - c. Que o Seu povo estivesse sempre com Ele e contemplatesse a sua glória. “Ele disse: Pai que onde eu estou, estejam comigo os que me deste.”
 - 1) Havemos de ver, finalmente, Jesus Cristo tal como Ele é e de conhecê-lo assim como nós mesmos temos sido conhecidos.

A PRISÃO E JULGAMENTO DE JESUS

I. JESUS SOFRE AGONIA NO GETSÊMANI (Marcos 14:26, 32-42; Mateus 26:30, 36-46; Lucas 22:39-46; João 18:1):

A. A menos de um quilômetro de caminhada, no silêncio do portão de Estêvão, eles pararam à entrada do jardim.

1. Ele falou a oito de seus discípulos: “Assentai-vos aqui, enquanto eu vou orar.”
2. Então, tomando consigo Pedro, Tiago e João, foram mais adiante no jardim.
3. “A minha alma está profundamente triste até à morte, ficai aqui, e velai comigo”, Ele pediu aos três.
4. E, adiantando-se um pouco, prostrou-se em terra e orou.
 - a. “Se é possível, passe de mim este cálice.”
5. Ele volta para os três e encontra-os adormecidos. “Nem uma hora pudeste vós vigiar comigo?” O Espírito está pronto, mas a carne é fraca.
 - a. A carne não queria morrer; Ele não queria que o pecado a tocasse! Ainda assim, o Espírito sabia que a carne precisava morrer.
6. Ele voltou a segunda vez, depois a terceira vez.
 - a. Um anjo apareceu do céu e fortaleceu-o (Onde estava o Pai?)
 - b. Ele orou mais intensamente; seu suor se tornou como gotas de sangue, caindo sobre a terra.
 - c. “Não seja como eu quero, mas como Tu queres.”
 - 1) Como no deserto Ele venceu Satanás, assim no jardim, Ele venceu a carne.
 - 2) “Não como eu quero (vontade da carne), mas como Tu queres (vontade do Espírito).”
7. Vencendo, Ele foi para os discípulos que dormiam e disse: “Eis que o Filho do homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos; eis que o traidor se aproxima.”

II. JESUS É TRAÍDO, PRESO E ABANDONADO (Marcos 14:43-52; Mateus 26:47-56; Lucas 22:47-53; João 18:2-12):

- A. A prisão de Jesus foi efetuada pelo Sinédrio, através dos guardas do templo, acompanhados possivelmente por um grupo de soldados romanos da Torre Antônia. Em torno de 800 soldados, ao todo, foram para prender Jesus.**
1. Judas primeiro guiou-os para a casa da mãe de João Marcos, onde talvez a última ceia foi servida. (Provavelmente João Marcos seguiu-os de lá.)
 2. Judas então guiou-os para Getsêmani, sabendo que era onde Jesus frequentemente passava o seu tempo com os discípulos.
 3. O sinal pelo qual eles iam identificar Jesus seria a amigável saudação de um beijo dado por Judas.
- B. Judas beijou Jesus – Jesus disse: “Judas, com um beijo traís o Filho do homem?”**
1. Ele então passou adiante e perguntou ao capitão do Templo: “A quem buscais?” Ele respondeu: “Jesus de Nazaré.”
 2. Jesus disse: “SOU EU!” (a palavra “ele” é acrescentada).
 - a. Aqui está verificada outra grande prova que Jesus é o Deus poderoso – Quando Ele disse “SOU EU”, estes soldados judeus recuaram e caíram por terra! Eles tinham ouvido o nome do Deus de Abraão, Isaque e Jacó.
- C. Pedro puxou sua espada, cortou a orelha de Malco, pronto para lutar até a morte!**
1. Jesus disse: “Mete no seu lugar a tua espada, porque todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão.” Ele então cura a orelha de Malco.
 - a. Ele tinha mostrado, por seu pronto uso da cura, em benefício de um inimigo, que Ele não estava despoja-

do daquele poder que eles temeram

- b. Ele lembra-lhes, ao mesmo tempo, que Ele devia seguir o plano divino para sua vida, o de beber o cálice de sofrimentos e morte até o fim.

III. O EXAME PRELIMINAR POR ANÁS, O EX-SUMO SACERDOTE (João 18:12-14, 19-23):

A. Eles prenderam Jesus e amarraram Suas mãos às costas; então conduziram-no, primeiramente a Anás, que tinha servido com sumo-sacerdote de 6 a 15 A. D., e, através de políticos astutos, conseguira, com o apoio dos romanos, a sucessão deste ofício para seus cinco filhos, e agora seu genro, Caifás, era o atual ocupante do sumo sacerdócio.

1. Ele é conduzido ante este astuto inimigo para uma audiência preliminar, em preparação para o falso julgamento a seguir, assim que o Sinédrio possa ser despertado e reunido.
2. Anás inquiriu a Jesus sobre dois pontos: quanto aos seus discípulos e quanto à doutrina.
 - a. Seu desejo era descobrir a extensão do número dos seguidores de Jesus.
3. Jesus não prestou qualquer informação sobre seus discípulos.
 - a. Todo o procedimento deste interrogatório eram ilegais, tanto com referência ao horário, quanto ao lugar.
4. Anás, percebendo a impossibilidade de ir adiante nesta questão, tornou ao exame das doutrinas de Jesus.
5. Jesus respondeu que não tinha doutrina oculta. "Eu falei abertamente ao mundo, eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto."
 - a. Estes fatos estavam fora de qualquer discussão e eram conhecidos por todos.
6. Jesus continuou: "Por que me interrogas? Pergunta aos

que ouviram o que lhes falei; bem sabem eles o que eu disse.”

- a. Então um guarda bateu em Jesus, um golpe insultante na face com suas mãos, dizendo: “É assim que falas ao sumo sacerdote?” (Anãs, o pior de todos)
- b. Numa sala de julgamento, cada ato de violência era um ultraje à decência comum.
- c. Jesus respondeu: “Se falei mal, dá testemunho do mal; e, se bem, por que me feres?”
- d. Tal resposta, calma e grave, terminou o interrogatório. Jesus foi mandado amarrado a Caifás, que há pouco tinha convocado aqueles sinedristas que melhor serviriam a seus objetivos.

IV. O PRIMEIRO JULGAMENTO ANTE CAIFÁS E O SINÉDRIO (Marcos 14:53; 55-65; Mateus 26:57, 59-68; Lucas 22:54, 63-65; João 18:24):

- A. **O lugar habitual para a reunião do Sinédrio era no Templo, mas eles conduziram Jesus para a casa do sumo sacerdote, Caifás, situada num lugar fora do muro da cidade, onde todos os líderes dos sacerdotes e anciãos e escribas tinham sido convocados para se reunir.**
 1. A hora também não legal para uma reunião de julgamento, pois era noite.
 2. Outros traços na ilegalidade praticada no julgamento de Jesus foram: a precipitação indevida, buscar ou subornar testemunhas solenemente, antes que dessem depoimento, forçar o acusado a testificar contra si mesmo, uso judicial da confissão do prisioneiro, e falha em libertar o prisioneiro quando havia falta de conformidade entre as testemunhas.
- B. **Caifás preparou cuidadosa investigação para garantir falsos testemunhos, para testificarem contra Jesus, com o expresso propósito de conseguir-lhe a morte.**

1. Muitas falsas testemunhas vieram e deram seus depoimentos, mas não correspondiam à verdade.
2. De acordo com o código dos judeus, o depoimento de pelo menos duas testemunhas deve ser idêntico ou estar em harmonia (Deuteronômio 19:15). Eles tiveram muita dificuldade, tentando encontrar dois que fossem iguais.
3. Finalmente dois se levantaram e fizeram uma tentativa para manter falsos testemunhos contra Ele, dizendo: "Nós o ouvimos declarar: Eu destruirei este santuário edificado por mãos humanas e em três dias construirei outro, não por mãos humanas."
 - a. Mas estes testemunhos não concordaram e eles não estabeleceram acusação suficiente para apontar diante das autoridades romanas, para assegurar uma sentença de morte.

C. Uma vez que Caifás não pôde encontrar testemunhas que concordassem, ele lançou mão de um truque injusto e ilegal: "Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus."

1. Ao declarar-se deste modo, Ele estaria reivindicando ser o único Deus. Seria blasfêmia e estaria sujeito e pena de morte.
2. Ele poderia ter evitado a discussão, mas escolheu deliberadamente não fazer assim.
3. Suas palavras, pronunciadas com majestosa calma, em tom de evidente convicção, soa através dos séculos até o dia de hoje: "Tu o disseste; digo-vos, porém, que vereis em breve o Filho do homem assentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu."
 - a. Foi como se tivesse dito: "Eu permaneço como prisioneiro diante da corte agora,... então serei juiz sobre o tribunal."

D. Jesus não era o tipo de Messias que esperavam! Ele não visava um trono terrestre.

1. Mas ele declarou ser o Messias, e eles fariam uso de Sua confissão para assegurar sua condenação de traição diante da corte romana.
 - a. Diante dos judeus, Ele deveria ser condenado por blasfêmia.
 - b. Ter permanecido em silêncio significaria negar Suas reivindicações messiânicas.

E. Assim Caifás teria ganho, pensou ele, seu objetivo, por um esperto truque da lei. Na realidade Jesus tinha escolhido encontrar aí mesmo a razão de Sua morte expiatória.

1. Com uma grande mostra de espanto, o sumo-sacerdote rasgou seus vestidos, dizendo: “Blasfemou! Que necessidade mais temos de testemunhas? Eis que ouvistes agora a blasfêmia! Que vos parece?” Resposta – é réu de morte.

F. Então cuspiram em Sua face, golpearam-no o pescoço, com seus punhos, bateram-no na face com as palmas de suas mãos, dando escape ao ódio e aversão. Eles venderam-no e, açoitando-O com varas, diziam: “Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que te bateu?”

1. Esta era a hora deles, a hora do poder das trevas.

V. PEDRO NEGA SEU SENHOR TRÊS VEZES (Marcos 14:54, 66-72; Mateus 26:58, 69-75; Lucas 22:54-62; João 18:15-27):

Foi a oração e o olhar amoroso de Jesus que salvou Simão naquela hora e deu Pedro ao mundo, nos anos vindouros.

VI. AO AMANHECER, JESUS É FORMALMENTE CONDENADO PELO SINÉDRIO (Marcos 15:1; Mateus 27:1; Lucas 22:66-71):

O julgamento perante Caifás durante a noite acabou de forma a dar uma aprovação legal para um procedimento ilegal; os anciãos do povo estavam reunidos imediatamente ao amanhecer do dia, incluindo tanto saduceus, chefes dos sacerdotes, quanto fariseus e escribas, para conferenciar contra Jesus, com o expresso propósito de levá-lo à morte. Este julgamento foi para mera ratificação do que já tinham decidido durante a noite.

VII. O REMORSO E SUICÍDIO DE JUDAS, O TRAIADOR (Mateus 27:3-10; Atos 1:18-19):

VIII. PRIMEIRO COMPARECIMENTO DIANTE DE PILATOS (Marcos 15:1-5; Mateus 27:2,11-14; Lucas 23:1-5; João 18:28-38):

A. Apresentado diante de Pilatos, este os surpreende com uma ordem pela qual exporiam os termos e motivos de acusação: “Que acusação trazeis contra este homem?”

1. Eles não queriam que Pilatos reabrisse o caso. A resposta deles: “Se este não fosse malfeitor, não to entregariamos.”
 - a. Eles tinham previsto que não obteriam aprovação de Pilatos pela acusação de blasfêmia, assim eles apresentaram uma acusação de traição em três considerações:
 - 1) Eles acusaram-no de incitar conspiração.
 - 2) Eles acusaram-no de proibir dar o tributo a César.
 - 3) Eles acusaram-no de haver declarado ser Cristo, o Rei.

B. Pilatos então fez um exame pessoal de Jesus.

1. Ele disse respeitosamente: “Tu és o rei dos judeus?”
2. Jesus sabia que Pilatos não estava endurecido. Assim, em resposta, Ele disse: “Vem de ti mesmo esta pergunta,

- ou te disseram outros a meu respeito?”
3. “Logo tu és rei?”
 - a. Jesus explicou que Seu reino não era deste mundo, mas espiritual, um reino não de aparência exterior, terreno, de lei e de ordem, mas de convicção e sentimentos interiores, um Reino do coração, um Reino de verdade.
 - b. Convencido de que não haveria perigo de tal pessoa para o governo romano, ele perguntou: “Que é a verdade?” Mas não pode aguardar resposta.
 - c. Tornou aos judeus à espera e disse: “Não acho nele crime algum.”
 4. Os sacerdotes irados disseram: “Ele incitou o povo, ensinando por toda a Judeia, começando da Galileia até este lugar.”
 - a. Pilatos ouvindo a palavra Galileia, enviou Jesus a Herodes, que governava sobre a província da Galileia.

IX. JESUS PERANTE HERODES ANTIPAS, O TETRARCA (Lucas 23:6-12):

- A. Assim, ele O enviou a Herodes, que estava em Jerusalém naquele tempo. Ele não desejava condenar Jesus à morte, sua experiência com João tinha-lhe ensinado o castigo por tal morte. Assim, ele obrigou alguns de seus soldados a vestirem Jesus em um manto resplandecente de escárnio, e O enviou, possivelmente com uma carta de bajulação, a Pilatos.

X. JESUS, PELA SEGUNDA VEZ, PERANTE PILATOS (Marcos 15:6-15; Mateus 27:15-26; Lucas 23:13-25; João 18:39 - 19:16):

- A. Procurando um modo de livrar Jesus, ele propôs libertar um dos prisioneiros, como era o costume deles.

1. Ele escolheu o homem mais desprezível na prisão, que aguardava execução – Barrabás. Cristo ou Barrabás!
- B. A resposta deles – Barrabás! Tal foi a escolha da multidão!**
- C. Pilatos, tentando ganhar a simpatia do povo através de Jesus, decidiu açoitá-lo.**
1. Deste modo ele revelou novamente sua fraqueza, num caso que exigia poder e firmeza de decisão.
- D. Os soldados tomaram Jesus e O açoitaram (frequentemente isto resultava em morte).**
- E. Sobre Seu corpo lacerado eles jogaram um manto cor de púrpura, e puseram sobre Sua cabeça uma coroa tecida de espinhos.**
1. Em Sua mão direita eles colocaram uma cana em lugar de um cetro, e submeteram-no a zombaria; bateram-lhe insultantemente com varas sobre Sua cabeça coroada de espinhos, e com as palmas de suas mãos em sua face e sobre Seu corpo lacerado.
 2. Ajoelhando-se a Ele, exclamavam em zombaria: “Salve, Rei dos judeus!”
 3. O mais repugnante de todos os tratamentos insultantes: eles repetidamente cuspiram em Sua face.
- F. Pilatos tinha um objetivo ao permitir isto – uma olhada no aspecto pálido e sangrento, quase desmaiado de esgotamento, vestido numa rude roupa, como um falso rei, convenceria a multidão da total loucura da acusação de traição e dissiparia qualquer suspeita de intenção de usurpação do trono romano por tal pessoa.**
1. “Eis aqui o homem!” Ele disse. Eles continuam a clamar, “Crucifica-O!”

G. Pilatos interrogou mais Jesus, renovando seus esforços para livrá-lo.

1. “Tentou novamente: “Eis aqui vosso Rei!” Resposta: “Tira, tira, crucifica-O”.
2. “Hei de crucificar o vosso Rei?” Resposta: “Não temos rei, senão a César.”
 - a. A primeira vez que os judeus admitiram isso! “O cetro não se arredará de Judá, até que venha Siló.” (Gênesis 49:10).

H. Pilatos finalmente O entregou. Tomou uma bacia de água: “Estou inocente do sangue deste justo; fique o caso convosco!”

1. A trágica resposta: “O Seu sangue caia sobre nós e nossos filhos.”
 - a. 40 anos mais tarde, neste mesmo lugar, um julgamento era pronunciado contra alguns principais cidadãos de Jerusalém.
2. Judas morreu num repugnante suicídio, a casa de Anás foi destruída alguns anos mais tarde; Caifás foi deposto um ano depois da crucificação; Pilatos foi logo banido para Gália e lá morreu em suicídio.
3. Quando Jerusalém caiu, seus infames cidadãos foram crucificados até ao redor de seus muros, até, na rígida linguagem dos historiadores, “o espaço era insuficiente para as cruzes e as cruzes para as pessoas.”
 - a. Os horrores do sítio de Jerusalém são incomparáveis na história.

I. Assim Pilatos, querendo contentar o povo, libertou para eles Barrabás, e entregou-lhes Jesus para ser crucificado.

A CRUCIFICAÇÃO

- I. JESUS NO CAMINHO PARA A CRUZ NO GÓLGOTA (Marcos 15:20-23; Mateus 27:31-34; Lucas 23:26-32):**
- A. Três vezes Jesus passou pelas provas de zombaria.**
1. Pelo Sinédrio e seus oficiais.
 2. Pelos guardas e Herodes.
 3. Finalmente pelos soldados romanos.
- B. O manto militar púrpura escarlata foi agora retirado e seus próprios vestidos colocados sobre Ele.**
- C. Eles conduziram-no para crucificá-lo, obrigando-O a carregar Sua própria cruz, de acordo como o costume para os criminosos que eram crucificados.**
- D. O destino era o Gólgota, o lugar chamado Caveira, um monte situado fora dos muros, para o norte da cidade.**
- E. Quando eles estavam saindo, conduzindo Jesus fora, para o lugar da execução, Ele encontrava-se incapacitado para carregar Sua cruz, devido ao completo esgotamento, depois da brutalidade dos açoites.**
1. Ele caiu sob a carga da pesada cruz, a qual Ele carregou sobre os ombros lacerados pelo terrível açoite.
 2. Os soldados constrangeram um homem de Cirene, Simão, e lhe submeteram o trabalho de carregar a cruz de Jesus.
 - a. Este era o pai de Alexandre e Rufo da subseqüente história apostólica.
- F. Duas Interpretações de Lucas 23:31:**
1. Se os romanos procederam com Jesus assim, a quem

consideravam inocente, quanto mais com todos os culpados e rebeldes, no tempo da guerra futura. (Naquela guerra futura mais de um milhão de judeus pereceram em Jerusalém dentro de poucos dias.)

2. Se os líderes de Israel agora fazem estas coisas, como abandonar seu Reino Divino, nos períodos primordiais da história de Israel, colocando, assim, uma chama em sua árvore verde, quão terrível virá a ser o julgamento de Deus na madeira seca de um povo apóstata e rebelde em anos futuros.

G. Junto com Jesus, dois malfeitores estavam sendo conduzidos pelo laço da morte.

II. AS PRIMEIRAS TRÊS HORAS SOBRE A CRUZ (Marcos 15:24-32; Mateus 27:35-44; Lucas 23:33-43; João 19:18-27):

A. Durante as primeiras três horas sobre a cruz, das 9 da manhã até meio-dia, muitas coisas aconteceram:

1. Três ditos de Jesus.
2. Os soldados disputando as vestes do Senhor.
3. A inscrição pregada na cruz.
4. O escárnio da multidão e dos membros do Sinédrio.
5. O menosprezo dos soldados e de um dos dois ladrões.
6. O arrependimento e salvação do penitente.

B. A cruz foi o mais vergonhoso e um dos mais cruéis instrumentos de morte já inventados.

1. Os romanos, que copiaram-na dos Cartagineses, não permitiam que um cidadão romano fosse crucificado; reservado isto apenas para escravos e estrangeiros.
2. Os judeus habitualmente usavam apedrejamento e nunca crucificação.
 - a. Não foi apenas a morte de maior desonra, mas da mais extrema angústia e sofrimentos.

- C. Era a terceira hora do dia, pelo tempo judaico (9h da manhã), quando eles pregaram Jesus na cruz, colocando sobre Ele o sobrescrito: “Este é Jesus de Nazaré, o Rei dos Judeus.”**
1. Os sacerdotes reclamaram a Pilatos para mudar a inscrição “Sou Rei dos Judeus.”
 2. Pilatos respondeu: “O que escrevi, escrevi.”
- D. Seu primeiro brado: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.”**
1. Seu grande coração de amor acolheu na multidão os soldados e sinedristas.
 2. Esta foi a grande vitória da cruz, onde o amor venceu o ódio e abriu uma porta de redenção para a raça escravizada pelo pecado.
- E. Os soldados repartiram seus vestidos e lançaram sortes sobre o manto.**
- F. Os líderes dos judeus combinaram com a multidão, incitando-a a escarnecimentos e zombaria.**
1. Eles diziam: “Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar.”
 - a. Involuntariamente, eles pronunciaram uma grande verdade, fundamental do plano conjunto de redenção vicária.
 2. Eles acrescentaram: “Desça agora da cruz o Cristo, o Rei de Israel, para que vejamos e creiamos.”
 - a. Assim eles procurariam enganar o povo e fazê-lo crer em sua própria sinceridade, como seus líderes.
 3. Foram seguidos em sua zombaria:
 - a. Pela multidão irrefletida – os líderes foram os responsáveis, na direção do povo, em todos estes escárnios e detestáveis zombarias.
 - b. Pelos soldados – ergueram seus copos de vinho, oferecendo a Ele vinagre; brindaram a Ele em seu impi-

edoso júbilo, dizendo palavras blasfemas.

- c. Por um dos dois ladrões: “Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós.”

G. O outro, dos dois ladrões, disse: “Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez.”

1. Estendendo sua mão, tateando em fé, na escuridão da noite de sua total desolação, ele tornou a Jesus e disse: “Senhor, lembra-te de mim, quando entrardes no teu reino!”
 - a. De onde ele obteve a ideia do Reino Espiritual e eterno, que não é este mundo?
2. Jesus respondeu: “Hoje estarás comigo no paraíso.”
3. Exigia grande fé para crer em alguém que estava crucificado com ele, e um grande salto de imaginação de uma cruz para uma cova, de uma morte criminal para a vida eterna.

H. Então Jesus entregou Sua mãe a João.

III. AS TRÊS HORAS DE TREVAS, DO MEIO DIA ÀS TRÊS HORAS DA TARDE (Marcos 15:33-37; Mateus 27:45-50; Lucas 23:44-46; João 19:28-30):

- A. Foi ao meio dia, no entanto o sol começou a enfraquecer, umas peculiares trevas sobrenaturais vieram sobre toda a terra até a hora nona, ou 3 horas da tarde.**
1. Durante três agourentas horas de trevas, Jesus pendia na cruz em silêncio.
- B. A crescente e desconhecida agonia da crucificação foi aprofundando-se mais e mais, a cada momento, para a morte.**

1. Ele foi quase totalmente abandonado pelos homens, e sentiu uma assoladora isolação e solidão.

C. Quase ao término das três horas de trevas, sentindo-se em Si mesmo também desamparado por Deus, Ele clamou palavras de angústia, no terrível silêncio da escuridão; palavras que têm ecoado através da eternidade e, repercutido no correr dos séculos: “Eloi, Eloi, lamá sabactani?” “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

1. Foi um doloroso clamor que ressoou de seus lábios pelo profundo sofrimento, maior que aquele mero tormento físico causado pela crucificação.
2. Uma aflição esmagadora, até mesmo maior que aquela que Ele sentiu no Getsêmani, foi expressa nestas palavras de desolação.
3. Aquele não era seu clamor, mas nosso clamor! Ele não estava desamparado, nós estávamos!
 - a. Aqui Ele tomou para si os excrementos do cálice de tristeza, aflição e sofrimento em nosso favor.
 - b. Na cruz, Cristo tornou-se “maldição por nós”, e assim redimiu-nos da maldição da lei.
 - c. Jesus foi nosso precursor em todo tipo de experiência, até mesmo no sentimento de desaprovação de Deus sobre o pecado, para que Ele pudesse tornar-se nosso Sumo-Sacerdote, entendendo todas as nossas fraquezas e sendo tentado em todos os pontos, tanto como nós somos, ainda que sem pecado.
 - d. Ele sentiu o modo como um perdido pecador se sente, mesmo sem Ele próprio haver pecado!

D. Jesus então disse: “Tenho sede.”

1. Até o cruel coração do soldado foi movido por um sentimento de simpatia, e imediatamente correu e tomou uma esponja, pondo-a numa cana, embebeu-a em vinagre e deu-lhe a beber.

E. Jesus então pronunciou as palavras redentoras finais: “Está consumado!”

1. O trabalho de redenção, que era o objeto de sua vida terrestre, tinha sido completado.
2. A profecia com referência ao Messias tinha sido cumprida, e Ele tinha aturado o último sofrimento pelo pecado. Nada foi deixado incompleto ou para ser cumprido.
3. Foi um grito de triunfo! Ele clamou com uma alta voz não com a débil expressão de um agonizante com esgotamento físico, mas como um vencedor na plena euforia de força e vitória. Sua tarefa foi completa!

F. “Pai,” Ele disse levantando Sua face em gloriosa contemplação para os céus, “nas tuas mãos entrego o meu espírito.” E, dito isto, expirou.

IV. OS FENÔMENOS QUE ACOMPANHARAM A MORTE DE CRISTO (Marcos 15:38-41; Mateus 27:51-55; Lucas 23:45, 47-49):

A. Um número de prodígios sobrenaturais seguiu imediatamente a morte de Jesus.

1. O rasgar do véu no Templo de alto a baixo.
 - a. Media aproximadamente 4cm de espessura por 18m de comprimento, por 9m de largura, e separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo.
 - b. Rasgou-se de alto abaixo, abrindo o Lugar Santíssimo a todos os homens!
 - 1) Até aquele momento, somente o Sumo-Sacerdote entrava ali, uma vez por ano no dia da expiação.
 - c. O caminho está aberto agora para todos os homens virem corajosamente ao trono da graça, através da morte expiatória de Jesus.
2. Seguindo o rasgar do véu veio o terremoto sobrenatural.
 - a. As rochas fenderam-se e os sepulcros abriram-se, na hora da Sua morte.

- b. Alguns santos saíram dos sepulcros e foram vistos pelo povo.
3. O centurião, profundamente impressionado, enquanto vigiava por seis horas, finalmente exclamou: “Verdadeiramente este era o Filho de Deus.”

B. Havia literalmente multidões de pessoas que testemunharam a crucificação.

1. Quando eles observaram todas estas coisas: a crueldade dos soldados; as coisas vingativas e odiosas feitas pelos inimigos; as palavras da cruz, eles voltaram para a cidade cheios de remorso, batendo em seus peitos, em sinal de sua tristeza e pavor.

V. O SIGNIFICADO DA MENSAGEM DA CRUZ:

A. Na cruz, o pecado e Satanás foram revelados como nunca antes em toda a escuridão de seus caracteres reais.

1. O pecado dos homens foi compreendido nos julgamentos, açoites, e ao pé da cruz, quando Ele foi zombado, escarnecido e crucificado.

B. A cruz revelou Deus como Ele nunca tinha sido revelado antes – em toda a Sua exata santidade e justiça, por um lado, e, por outro lado, na plenitude de Seu maravilhoso amor redentor.

1. Nós entendemos agora, desde que Jesus inclinou-se sobre a cruz, como Deus odeia o pecado! Ele sujeitou Seu próprio Filho a ser desprezado e rejeitado pelos homens, e declinou sobre a cruz de humilhação e sofrimento; mais ainda, Ele mesmo “fez-se pecado” para que pudesse exterminar para sempre o pecado da raça humana.
2. No fundo da nuvem negra do ódio de Deus pelo pecado, brilha o arco-íris de Seu amor e graça redentores.

- C. A cruz é fundamental na redenção. Foi o propósito eterno e plano de Deus, redimir o gênero humano, e a cruz foi o método que Ele escolheu para fazê-lo.**
- D. A cruz marcou a vitória decisiva de Cristo sobre Satanás e o pecado.**
1. Na cruz, foi decidida para sempre a batalha entre as forças da luz e as forças das trevas.
 2. Ele quebrou o poder de Satanás, que manejava o poder do pecado e da morte.
- E. Na cruz, Jesus pagou o preço de nossa redenção e “livrou-nos” da escravidão do pecado, para colocar-nos em liberdade. Ele nos fez livres.**
1. A cruz é o motivo principal do arrependimento, que é a tristeza pelo pecado e mudança de mente e propósito, em relação ao pecado.

A RESSURREIÇÃO

A ressurreição de Jesus é a chave para a arca do cristianismo. É o selo de Suas reivindicações. Sem a ressurreição, Jesus não poderia ser o Salvador do gênero humano. Através de sua ressurreição, Ele alcançou a realidade da vida além túmulo e confirmou sua reivindicação de ser o doador da vida e o juiz da humanidade. Pela Sua ressurreição, Ele tornou-se os primeiros frutos da vida eterna, que Ele prometeu a todos que vêm a Ele.

A ressurreição do corpo de Jesus é o fato mais afirmado dos registros evangélicos.

1. No princípio fundamental de sua validade histórica, baseia-se a total autenticidade de Seu nascimento sobrenatural, vida sem pecado, milagres, e morte vicária.
2. Toda Sua vida, desde a infância até o túmulo, é unificada pela gloriosa ressurreição dos mortos.
3. A história do cristianismo encontra sua origem, autoridade final e poder na ressurreição.

I. O TERREMOTO, A REMOÇÃO DA PEDRA PELO ANJO E O ASSOMBRO DOS GUARDAS ROMANOS (Mateus 28:2-4):

A. O sobrenatural foi tanto uma qualidade da ressurreição, quanto tinha sido do nascimento e infância de Jesus.

1. Antes do raiar do sol, no domingo, houve um grande terremoto, e, com ele, o aparecimento do anjo no túmulo; este removeu a pedra da boca do sepulcro e sentou-se sobre ela.
 - a. Os guardas (em número de 60), tremeram com medo e caíram em terra como homens mortos diante desta terrível visão.

II. A VISITA DAS MULHERES AO SEPULCRO, AO NASCER DO SOL, NA MANHÃ DE DOMINGO (Marcos 16:1-8; Mateus 28:1, 5-8; Lucas 24:1-8; João 20:1-8):

A. A ordem dos eventos deste memorável domingo, o dia da ressurreição, é, provavelmente, como segue:

1. A ressurreição.
2. O terremoto.
3. A descida do anjo.
4. A abertura do sepulcro.

B. O grupo de mulheres veio junto; saíram para o sepulcro “muito cedo” hora de “profundo alvorecer”, embora estivesse ainda escuro.

1. Maria Madalena, ansiosamente, correu à frente e veio primeiro ao sepulcro, encontrando-o aberto.
 - a. Imediatamente, ela voltou pelo caminho mais próximo, para informar a Pedro e João sobre este fato (João 20:1).
2. As outras mulheres completaram sua caminhada de duas milhas de Betânia ao sepulcro, chegando um pouco depois do nascer do sol (Marcos 16:2).
 - a. De repente um anjo apareceu a elas e deu-lhes uma urgente mensagem para os discípulos (Mateus 28:5; Marcos 16:6).
3. Outro grupo de mulheres veio, um pouco mais tarde, e viram “dois varões” vestidos de branco junto ao sepulcro e receberam palavras de conforto e instrução (Lucas 24:4).
4. Por volta das 6:30 da manhã, Pedro e João chegaram, João correndo adiante (João 20:3-10).
5. Maria Madalena, vindo um pouco mais tarde, viu dois anjos (João 20:11-13).
6. As outras mulheres tinham voltado para levar a mensagem aos outros apóstolos (Lucas 24:10).

7. Por volta das 7:00 horas da manhã, Jesus apareceu, primeiramente, a Maria Madalena (João 20:14-18; Marcos 16:9).
8. Um pouco mais tarde, Ele apareceu ao grupo de mulheres, que voltavam ao sepulcro, e enviou-as com a ordem para os irmãos irem à Galileia (Mateus 28:9).
9. Por volta das 4:00 horas da tarde, Ele apareceu a Simão Pedro (Lucas 24:34; I Coríntios 15:5).
10. De 4:00 às 6:00 horas, Ele apareceu a Cléofas e seu companheiro, no caminho de Emaús (Lucas 24:13-31).
11. Finalmente, ao anoitecer, provavelmente por volta das 8:00 horas, Ele apareceu aos onze (dez), no aposento com portas trancadas (Lucas 24:36; Marcos 16:14; João 20:19).

C. Certamente este foi um dia que nunca seria esquecido pelos discípulos. Criou um novo mundo para eles e para os Seus discípulos de todos os tempos subseqüentes.

D. As outras mulheres vieram no caminho, discutindo quem revolveria a pedra do sepulcro para elas.

1. Aproximando-se do lugar, elas viram que a grande pedra já tinha sido removida.
2. Elas entraram no sepulcro e descobriram que o corpo de Seu Senhor tinha desaparecido.
3. Repentinamente, duas figuras resplandcentes, em vestes deslumbrantes, pararam diante delas, e as mulheres, excessivamente assombradas e terrivelmente atemorizadas, caíram ao chão. "Por que buscais o vivente entre os mortos? Ele não está aqui, mas ressuscitou. Vinde, vede o lugar onde o Senhor jazia! Ide, pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dos mortos. E eis que Ele vai adiante de vós para a Galileia. Ali o vereis. Eis que eu vo-lo tenho dito."
4. Elas saíram do sepulcro, tão rapidamente quanto possível, e fugiram com temor e grande alegria, para levar sua maravilhosa mensagem aos discípulos.

III. MARIA MADALENA E AS OUTRAS MULHERES RELATAM AOS APÓSTOLOS, E PEDRO E JOÃO VISITAM O SEPULCRO VAZIO (Lucas 24:9-12; João 20:2-10):

- A. Maria Madalena tinha voltado primeiro, depois da visita ao sepulcro vazio, para contar-lhes, e, agora, as outras mulheres tinham voltado e, com grande alegria, narraram a experiência que tiveram em sua chegada antecipada ao sepulcro.**
1. Os apóstolos receberam esta notícia como sendo desvariado daquelas que estavam um tanto nervosas. Eles não creeram.

IV. O APARECIMENTO A MARIA MADALENA E A MENSAGEM AOS DISCÍPULOS (João 20:18):

- A. Cinco aparecimentos são registrados pelos evangelhos, como ocorrendo durante o dia da ressurreição, e mais cinco durante os 40 dias que Jesus permaneceu na terra. Os cinco durante o domingo da ressurreição foram:**
1. A Maria Madalena (Marcos 16:9-11; João 20:11-18).
 2. Às outras mulheres (Mateus 28:9, 10).
 3. As dois discípulos indo para Emaús (Marcos 16:12, 13; Lucas 24:13-32).
 4. A Simão Pedro (Lucas 24:34).
 5. Finalmente, aos dez apóstolos (Marcos 16:14; Lucas 24:36-44; João 20:19-25).
- B. A honra de ser a primeira a ver Jesus, depois de Sua ressurreição, foi dada a Maria Madalena, da qual Jesus tinha expulsado sete demônios.**
1. Pedro e João tinham visitado o sepulcro e saíram antes que Maria voltasse.

2. Quando ela chegou, pôs-se a chorar no lado de fora do sepulcro e viu dois anjos.
 - a. Eles perguntaram: “Mulher, por que choras?” “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.”
3. Ela voltou-se e viu Jesus, mas não O reconheceu. Ele perguntou: “Mulher, por que choras?” “Senhor, se tu o levaste, dize-me onde puseste,...”
4. Jesus disse: “Maria!” Ela chorou e abraçou Seus pés. Ela tinha Seu Senhor de volta!
5. Jesus disse: “Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai...”
 - a. Ele lembrou-a que Ele não tinha voltado para recomençar a mesma relação que Ele tinha mantido com os discípulos antes de Sua morte.
 - b. A anterior comunhão de vista, impressão e contato não existia mais, e Sua condição final de glória ainda não havia começado.
 - c. A condição presente era um intervalo entre o período da encarnação e a expansão futura do Espírito Santo.
6. Maria apressou-se para contar aos discípulos; depois que Jesus desapareceu, mas eles não creram nela.

V. O APARECIMENTO DE JESUS ÀS OUTRAS MULHERES (Mateus 28:9, 10):

- A. No caminho de volta para o sepulcro, elas estavam discutindo sua experiência anterior, quando, de repente, ficaram face a face com Jesus.
 1. Ele disse que elas fossem anunciar aos discípulos.

VI. ALGUNS DOS GUARDAS RELATAM AOS LÍDERES JUDEUS (Mateus 28:11-15):

- A. Digam ao povo que vocês foram dormir, e os discípulos vieram e furtaram o corpo às escondidas.

1. Sessenta soldados... todos adormecidos?

VII. O APARECIMENTO AOS DOIS DISCÍPULOS NO CAMINHO DE EMAÚS (Marcos 16:12, 13; Lucas 24:13-32):

A. A terceira aparição de Jesus, e a primeira para um homem, foi a Simão Pedro; a quarta, aos dois discípulos, Cléofas e outro, cujo nome não é registrado, no caminho de Emaús.

1. Discutindo os acontecimentos do dia, o estranho perguntou, "Quais?" (referindo-se às coisas já passadas).
2. Jesus começou com Moisés e explicou, passagem após passagem, as que se referiam ao Messias, por todos os profetas e escrituras.
 - a. Que lição deve ter sido aquela; não é de se admirar o que eles disseram quando reconheceram Jesus e Ele desapareceu: "Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?"
3. Com corações agitados, eles voltaram e fizeram conhecida a conversa deles com o Senhor ressuscitado.

VIII. A INFORMAÇÃO DOS DOIS DISCÍPULOS E AS NOTÍCIAS DO APARECIMENTO A SIMÃO PEDRO (Lucas 24:33-35; I Coríntios 15:5):

A. Cléofas e seu companheiro foram admitidos pelo grupo, que estava trancado atrás de portas, e foram cuidadosos em não admitir algum estranho no grupo.

1. Apenas dez discípulos estavam lá – Tomé estava ausente.

B. Já por três vezes Jesus tinha aparecido a diferentes membros do grupo.

C. Eles realmente creram que Jesus estava vivo, agora que Pedro O tinha visto.

1. Pedro era o que menos poderia esperar tal honra, porque ele tinha negado Seu Senhor.

D. Estes dois escutaram a notícia das mulheres, depois de Simão Pedro, e começaram a contar a experiência deles... quando, de repente, Jesus apareceu no meio deles.

IX. O APARECIMENTO AOS DISCÍPULOS ATÔNITOS (MENOS TOMÉ), COM UMA COMISSÃO (Marcos 16:14; Lucas 24:36-43; João 20:19-25):

A. Quando Jesus apareceu.

1. O primeiro sinal de que era Jesus foi Seu modo de falar: eles tiveram a prova audível.
 - a. Ele usou o mesmo modo de falar. Tão logo Ele apareceu e falou, eles reconheceram Sua voz!
 - 1) Entre Suas últimas palavras: "Paz eu deixo convosco..."
 - 2) Suas primeiras palavras "Paz seja convosco..."
 - b. Muitas vezes Ele os confortou antes – reconheceriam Sua voz.
2. Eles tiveram a prova visual.
 - a. Receberam a evidência de seus ouvidos, e de modo algum era uma evidência fraca. Mas agora, "Vede as minhas mãos e os meus pés que sou eu mesmo!" E quando Ele tinha assim falado, mostrou-lhes Suas mãos e Seus pés. (João acrescentou – "Seu lado.")
 - 1) Expõe impressões visíveis – todos sabiam que Ele tinha morrido.
3. Para que eles pudessem estar certos – o Senhor convidou-os a receber a prova tátil.
 - a. "Apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho!"

- 1) Não era espírito! Não assumiu apenas aparência – Seu corpo era substância sólida que podia ser tocada. (O mundo de hoje nega a ressurreição física.)
 4. Para mostrar-lhes que Ele tinha um corpo real, Ele deu-lhes evidência que atraiu-lhes o senso comum.
 - a. “Tendes aqui alguma coisa que comer?” Ele tomou e comeu diante deles.
 - b. Esta foi uma prova incontestável da ressurreição!
 - 1) Em ações e fatos, não em apenas visão e aparência, o Homem que morreu sobre a cruz colocou-se entre eles!
- B. Muitas vezes Ele tinha falado que tinha sido enviado numa missão ao mundo. Sua própria comissão pessoal estava agora completada.**
1. Agora seria a vez deles tomarem a mesma comissão e levá-la aos confins da terra.
 2. A tremenda responsabilidade repousou sobre este pequeno grupo de discípulos, para evangelizar o mundo inteiro.
- C. Para ser capaz de empreender esta enorme tarefa, eles precisariam de um poder adequado!**
1. Ele, então, soprou sobre eles e disse: “Recebei o Espírito Santo!”
 - a. Eles receberam lá” Leia (João 7:37-39; 16:7).
 2. A autoridade deles já fora concedida logo depois da Grande Confissão de Pedro.
 - a. Não o poder de absolvição de pecado dado aos discípulos, mas o direito de pregar o Evangelho, assim abrindo a porta da salvação e remissão dos pecados para qualquer pecador.
- D. Eles, mais tarde, disseram a Tomé – mas ele não estava convencido: “Se eu não vir o sinal dos cravos em suas**

mãos, e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a minha mão no seu lado, de maneira alguma creerei.”

1. Graças a Deus por Tomé! Ele foi um dos mais fortes argumentos, desde então, para a realidade da ressurreição de Jesus.

X. O APARECIMENTO AOS DISCÍPULOS, COM TOMÉ (João 20:26-31; I Coríntios 15:5):

A. Apenas uma semana mais tarde, no mesmo lugar do aposento em Jerusalém, sob as mesmas circunstâncias, exceto que agora Tomé estava presente, Jesus aparece novamente a eles e diz: “Paz seja convosco!”

1. Ele, imediatamente, dirige-se a Tomé, pessoalmente: “Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; e chega a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente.”
2. Tomé clamou: “Senhor meu, e Deus meu!”
 - a. Aqui o Evangelho de João leva a um clímax seu argumento que convenceria, até mesmo o mais rebelde, de que Jesus é o Deus Poderoso.
 - b. Precisamos alguma outra prova de que Jesus Cristo é o Deus-Poderoso, o Pai da Eternidade, vestindo-se em carne, tornando-se um Filho sobre Sua própria casa?

XI. APARECENDO A SETE DISCÍPULOS JUNTO AO MAR DA GALILEIA. A MARAVILHOSA PESCA (João 21:1-25):

A. Alguns dias tinham se passado, e Pedro, um homem de atividade, naturalmente tornara-se impaciente e desejoso por fazer alguma. Ele anunciou aos outros: “Vou pescar.” Os outros uniram-se a ele. Esforçaram-se a noite toda e nada apanharam.

B. Aproximando-se a luz do dia, alguém na praia bradou para eles, do outro lado, no silêncio das águas.

1. “Filhos, tendes alguma coisa de comer?” “Não” foi a resposta deles.
2. “Lançai a rede para a banda direita do barco e achareis.”
3. Em poucos momentos se ajuntou tal multidão de peixes que eles não puderam puxá-la.

C. João tornou a Pedro, “É o Senhor!” Pedro lançou-se no mar e nadou à praia.

D. Depois de comer, Jesus escolheu Pedro, que tinha as Chaves do Reino, que seria usado muito mais que qualquer outro apóstolo, dizendo a ele, usando seu antigo nome como uma lembrança: “Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros?”

1. Chamando-o “Simão, filho de João”, Jesus lembra a Pedro que ele não tinha ainda alcançado o lugar em Cristo, que ele tinha sido chamado para alcançar.
 - a. Seria bom entendermos sempre que ainda não temos aprendido de Jesus Cristo tudo aquilo que tem sido esperado que aprendamos.
2. Ele fez esta pergunta a Pedro três vezes, lembrando-o de que ele O havia negado três vezes.
 - a. Pedro estava humilhado por sua falha e tinha se arrependido amargamente em seu coração, naquela mesma noite em que negou Jesus.
3. “Amas-me?” Apesar do Senhor ser Deus, Ele deseja ser amado.
4. “Mais do que estes?”
 - a. Pedro tinha muito em comum com os outros – trabalhando juntos antes de serem chamados; eles seguiram a Jesus juntos, foram perseguidos juntos, pescaram juntos... estava apegado aos discípulos, ou amava Jesus mais que estes?
 - 1) O que nos apega à igreja – amigos, alguns queri-

dos, acostumados à igreja apenas como uma maneira de viver – ou realmente amamos a Jesus Cristo mais que estes?

- b. Nós o amamos mais que as coisas naturais que recebemos por segui-Lo?

E. Resposta de Pedro, “Sim, Senhor, tu sabes que te amo.” (Sinto afeição por você. Um degrau a menos de amor que Jesus queria) Por que falou assim?

1. Possivelmente, Pedro não confiava em si mesmo para pretender amar com uma alta devoção para o Mestre, que iria “até a morte.”
2. Ele tinha falhado antes tão miseravelmente, quando se gabou de quanto amava Jesus!

F. Jesus disse, apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas.

1. Apascenta meu cordeiros – nutrição; apascenta minhas ovelhas – disciplina.
 - a. Aquela era uma grande lição para ser aprendida.

G. Jesus reitera o chamado de Pedro para o apostolado, apontando-lhe o caminho para o martírio pelo Reino e convidando-o para seguir o Mestre.

1. Jesus mostra agora que, quando ele for mais velho no serviço, estenderá suas mãos em dependência, na fraqueza da idade, e outro o cingirá com força divina e o guiará (sendo escravo do Reino), numa morte que ele, naturalmente, não escolheria.
2. Ele agora é exortado a seguir Jesus, não no mero abandono das anteriores ocupações de um pescador, para tornar-se um pescador de homens, mas na participação da desgraça, perigo e uma morte de martírio.

H. Pedro então pergunta a Jesus sobre João, querendo saber se ele também seria exortado a seguir para uma morte de martírio.

1. Jesus respondeu: “Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu.”
 - a. O trabalho do discípulo é pessoal e individual.

XII. O APARECIMENTO AOS DOZE E A GRANDE COMISSÃO (Marcos 16:14-18; Mateus 28:16-20):

- A. Jesus agora designa para Seus discípulos de todos os tempos a grande tarefa do Reino, que é a evangelização do mundo.
- B. Seu poder e autoridade agora são superiores aos de Sua vida terrestre – são ilimitados, envolvendo o céu e a terra.
- C. Os discípulos são lembrados de que o poder terrestre não tem o direito de revogar a ordem, ou impedir a execução da comissão que Ele designa pelas forças do Reino.
- D. A comissão ou missão, para a qual Ele os envia, é agora esclarecida: “Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-as a guardar todas as coisas que vos tenho mandado.”
 1. Nenhum nome é dado – apenas títulos.
 2. Marcos disse: “Em meu nome!” Lucas disse: “Em Seu nome.”
 - a. Sempre pergunta: Quem está falando?; de que Ele está falando?; por que ou a razão que ele está falando?
 3. Eles foram adiante batizando no nome – Jesus!

XIII. O APARECIMENTO AOS DISCÍPULOS COM OUTRA COMISSÃO (Lucas 24:44-49):

- A. Esta é uma comissão posterior a Mateus 28:19.
- B. Jesus abriu-lhes o entendimento para que pudessem compreender.
- C. A comissão: “Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia, e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém. Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai.”
 - 1. Compare esta comissão com Atos 2:38-39 – a mesma!

XIV. O ÚLTIMO APARECIMENTO E ASCENSÃO (Marcos 16:19, 20; Lucas 24:50-53; Atos 1:3-12):

- A. Possivelmente, mais de 500 pessoas estavam lá para ver Sua ascensão (I Coríntios 15:6) – (outros pensam que esses “500” viram Jesus na Galileia).
- B. Jesus disse: “Verdadeiramente, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias.” (Atos 1:5).
 - 1. Os discípulos ainda entenderam mal, olhando para um reino temporal: “Senhor, será este o tempo em que restaures o reino de Israel?”
 - 2. Resposta de Jesus: “Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade; mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas...”
 - a. Primeiro eles precisavam ser providos com o poder para fazerem seus testemunhos efetivos.
 - b. Eles próprios precisavam ser nascidos de novo (João 3:5; Atos 2:38).
 - c. Eles foram ordenados a permanecerem em Jerusalém, até que fossem revestidos com poder do alto.

- C. Então, de repente, enquanto os estava abençoando, e eles estavam olhando firmemente para Ele, viram que Seus pés já não estavam tocando o chão.**
1. Eles estavam todos fascinados e temerosos, pois Ele começou a flutuar até que foi envolvido numa nuvem e desapareceu.
- D. Eles estavam com os olhos fitos no céu, quando dois varões vestidos de branco disseram: “Varões Galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como o vistes subir.”**
- E. 120 deles voltaram para Jerusalém e foram ao Templo, orando e suplicando a Deus. E quando se cumpriu o Dia de Pentecostes, Ele veio novamente para estar com eles na forma do Espírito Santo.**
1. O Espírito Santo é Cristo em nós, a esperança da glória!
Ele está aqui hoje!

ALELUIA! AMÉM!